



**Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem
Campus Universitário de Bauru - Faculdade de Ciências**

FERNANDA SIQUEIRA BAPTISTA

**VULNERABILIDADE AO *STRESS* E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE
LÍDERES RELIGIOSOS CRISTÃOS**

Bauru

2014

FERNANDA SIQUEIRA BAPTISTA

**VULNERABILIDADE AO *STRESS* E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE
LÍDERES RELIGIOSOS CRISTÃOS**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, área de concentração Comportamento e Saúde, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Leal Calais

Bauru

2014

Baptista, Fernanda Siqueira.

Vulnerabilidade ao *stress* e estratégias de
enfrentamento de líderes religiosos cristãos /
Fernanda Siqueira Baptista, 2014
97 f.

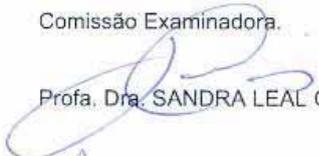
Orientadora: Sandra Leal Calais

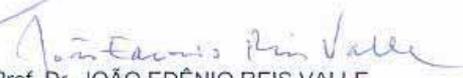
Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2014

1. Vulnerabilidade ao *stress*. 2. Estratégias de
enfrentamento. 3. Enfrentamento religioso/espiritual.
4. Líderes religiosos cristãos. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de FERNANDA SIQUEIRA BAPTISTA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

Aos 27 dias do mês de fevereiro do ano de 2014, às 14:30 horas, no(a) Sala 3 da Pós-Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. SANDRA LEAL CALAIS do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. JOÃO EDÊNIO REIS VALLE do(a) Departamento de Ciências da Religião / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Profa. Dra. MARIA DE LOURDES MERIGHI TABAQUIM do(a) Departamento de Fonoaudiologia / Faculdade de Odontologia de Bauru - USP, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de FERNANDA SIQUEIRA BAPTISTA, intitulada "Vulnerabilidade ao Stress e estratégias de enfrentamento de Líderes religiosos cristãos". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. SANDRA LEAL CALAIS


Prof. Dr. JOÃO EDÊNIO REIS VALLE


Profa. Dra. MARIA DE LOURDES MERIGHI TABAQUIM

DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais, por todo amor que me deram, pelo apoio e colo nos momentos decisivos pelos quais passei para chegar até aqui, pela torcida, pelas orações e pelo respeito as minhas escolhas. Esta vitória é nossa! Eu amo vocês incondicionalmente e só posso dizer: Obrigada! Vocês são responsáveis por quem sou.

Ao meu *brother* (rs) e sua linda família, pela compreensão com meus estudos, que exigiram a renúncia de vários momentos juntos. Especialmente a princesinha Manoela, que no meio de todo este turbilhão chegou para trazer mudanças, felicidade e novo ânimo as nossas vidas.

À minha eterna “vozinha”, que se estivesse aqui conosco estaria vibrando com esta conquista, como sempre fez diante de tudo aquilo que me propunha realizar. Você faz tanta falta!! Mas a saudade é o amor que ficou...

À professora doutora Sandra Leal Calais, que me concedeu a oportunidade não apenas de ser sua orientanda, mas de ser uma profissional ainda mais competente. Admiro e agradeço todo seu profissionalismo, *know-how*, dedicação, parceria e atenção.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado *Deus*, pela capacidade, oportunidade e respaldo necessários para o alcance dos meus sonhos. Amigo de todas as horas, merecedor de toda honra e glória, pois “tudo o que tenho, tudo o que sou, vem de Ti, Senhor”!

Ao bispo *Dom Caetano Ferrari*, da diocese de Bauru, pela abertura e credibilidade neste trabalho.

Ao *Pe. Ricci* pelas trocas de conhecimento, atenção e disponibilidade.

Ao *Pe. Gustavo Crepaldi* pela intercessão junto ao corpo da igreja para participação, bem como pela atenção e apoio.

Ao *Pe. Marcos Pavan* por toda ajuda, orientação e amizade.

A todos os *padres da diocese de Bauru*, que prontamente me receberam, dispostos a contribuir com os objetivos desta pesquisa e preencher lacunas na ciência.

Aos *pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular*, por desejarem e acreditarem que é possível se ter um olhar mais cuidadoso para com a função religiosa.

Ao professor doutor e *Pe. Edênio Valle*, por sua disponibilidade e contribuição em minha banca, ao tratar do assunto com sabedoria e conhecimento. Foi uma honra tê-lo conosco!

À querida professora doutora *Maria de Lourdes Merighi Tabaquim*, carinhosamente Malu, de quem tive a oportunidade de ser aluna na graduação e hoje tenho o privilégio de tê-la em minha banca. Seu conhecimento, vitalidade e desenvolvimento constante me inspiram!

Ao professor doutor *Hugo Ferrari Cardoso*, pela paciência e realização da análise estatística dos dados. Você é um talento!

À profissional *Ana Paula Lopes*, pelo auxílio com as referências, prontidão e amizade.

Ao *Lê* pelas orações, torcida, apoio e compreensão neste processo importante da minha vida! Você é um exemplo de coragem na busca pela felicidade.

A todos os *amigos da pós-graduação*, pelas risadas, apoio mútuo e especialmente à *Fran*, querida amiga que conquistei nesta etapa. Você merece todo sucesso. Conte comigo sempre!

Aos *demais amigos, ex-colegas de trabalho, líderes* por cooperarem com minha evolução pessoal, profissional e, principalmente como instrumentos, contribuírem para que eu chegasse onde estou hoje!

Aos *funcionários da pós*, em especial à *Gethiely*, pela prontidão, paciência e profissionalismo.

A *todos* que de uma forma ou de outra tiveram sua parcela de colaboração, que Deus dê vida longa.

Muito obrigada!

*"Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas,
e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma".*

Bíblia Sagrada

RESUMO

O *stress* é uma reação complexa do organismo, quando há necessidade de se adaptar frente a algo bom ou mau que ocorra externa ou internamente. A vulnerabilidade ao *stress* diz respeito à probabilidade de se reagir negativamente a um acontecimento e pode ocorrer por predisposição genética, psicológica ou social. O trabalho é um dos fatores sociais capazes de gerar vulnerabilidade e, neste sentido, a ocupação de líderes religiosos pode causar prejuízos, por se tratar de um trabalho emocional. Para administrar o *stress* é exigida a emissão de comportamentos adaptativos, estratégias de enfrentamento, dentre as quais se destaca, para os líderes religiosos, o Enfrentamento Religioso Espiritual que envolve o uso das crenças e comportamentos religiosos. Esta pesquisa buscou identificar como se apresenta a vulnerabilidade ao *stress* no trabalho e o enfrentamento de líderes religiosos cristãos, com suas condições sociodemográficas. Participaram 80 líderes (40 pastores e 40 padres), do sexo masculino, de uma cidade do interior Oeste Paulista e seus arredores, que responderam a um questionário sociodemográfico, a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho e a Escala de *Coping* Religioso Espiritual. A análise dos dados foi feita a partir dos testes estatísticos Mann-Whitney e correlação de Spearman. Os resultados mostraram que 35% dos pastores e 37,5% dos padres obtiveram índice médio superior em pressão no trabalho, não sendo, no entanto, estatisticamente significativos. As principais fontes de *stress* foram a família para os pastores e o ministério para os padres. A análise correlacional indicou que as crenças influíram sobre o enfrentamento religioso espiritual, sendo que os pastores fizeram maior uso de enfrentamento negativo, enquanto os padres maior uso de enfrentamento religioso total. As correlações entre os instrumentos foram positivas: no caso dos pastores, o ‘Enfrentamento Positivo’ com ‘Pressão no Trabalho’, e para os padres ‘Insatisfação com o outro institucional’ com ‘Clima e Funcionamento Organizacional’. A respeito das variáveis sociodemográficas, os pastores obtiveram correlação negativa entre ‘Busca do outro institucional’ e escolaridade e os padres correlação positiva entre ‘Oferta de ajuda ao outro’ e tempo de ordenação. Os resultados evidenciaram a necessidade de estudos que abordem os construtos avaliados, além de considerar como alternativa para saúde emocional dos pastores e padres, programas de intervenção e prevenção que desenvolvam o uso de ferramentas eficazes de enfrentamento.

Palavras-Chave: Vulnerabilidade ao *stress*. Estratégias de enfrentamento. Enfrentamento religioso/espiritual. Líder religioso.

ABSTRACT

Stress is an organism's complex reaction when there is the need to adapt to something good or bad that happens externally or internally. The vulnerability to stress concerns to the probability to react negatively to an event and can occur because of genetic, psychological or social predisposition. Work is one of the social factors capable of generating vulnerability and, in its sense, the religion leader's work may cause damage for being an emotional job. To manage stress it's required the emission of adaptive behaviors, coping strategies, among which stands out to religious leaders, the Religious Spiritual Coping involving the use of religious beliefs and behaviors. This research aimed to identify how the vulnerability to stress at work is presented and the Christian religious leader's coping, with their sociodemographic conditions. Attended the research 80 leaders (40 ministers and 40 priests), male, from a Sao Paulo state's country town and its surroundings, who answered a sociodemographic questionnaire, the Scale for Vulnerability to Stress at Work and the Scale for Religious Spiritual Coping. The data analysis was performed from the statistic tests Mann-Whitney and the Spearman's correlation. The results showed that 35% of the ministers and 37,5% of the priests had higher work pressure average rate, not being, however, statistically expressive. The main sources of stress were family to the ministers and the priestly office to the priests. The correlational analysis indicated that beliefs have influence on the spiritual religious coping, and the ministers made a higher use of negative coping, while the priests made a higher use of total religious coping. The correlation between the instruments were positive: in the case of the ministers, the 'Positive Coping' with 'Pressure at Work', and for the priests 'Dissatisfaction with institutional other' to 'Climate and Organizational Functioning'. About the sociodemographic variable, the ministers had a negative correlation between 'Search for institutional other' and schooling and the priests positive correlation between 'Offer help to others' and time of ordination. The results showed the need of studies that broach the evaluated constructs, as well as considering of intervention and prevention that develop the use of effective tools of coping as an alternative to emotional health of ministers and priests.

Keywords: Vulnerability to stress. Coping strategies. Religious/spiritual coping. Religious leader.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência e pontuação dos pastores e padres participantes quanto aos fatores 1, 2 e 3 de Vulnerabilidade ao <i>stress</i> no trabalho.....	46
Tabela 2 – Principais fontes de <i>stress</i> dos pastores e padres pesquisados.....	52
Tabela 3 – Distribuição das classificações e percentis dos fatores de CREP utilizados pelos pastores e padres.....	54
Tabela 4 – Médias e valores de <i>p</i> para os fatores de CREP dos pastores e padres.....	55
Tabela 5 – Distribuição das classificações e percentis dos fatores de CREN utilizados pelos pastores e padres.....	56
Tabela 6 – Médias e valores de <i>p</i> para os fatores de CREN dos pastores e padres.....	57
Tabela 7 – Médias e valores de <i>p</i> para os índices dimensionais e gerais da Escala CRE dos pastores e padres.....	57
Tabela 8 – Correlações entre os fatores de CREP, CREN, índices dimensionais, gerais e vulnerabilidade ao <i>stress</i> no trabalho dos pastores.....	59
Tabela 9 – Correlações entre os fatores de CREP, CREN, índices dimensionais, gerais e vulnerabilidade ao <i>stress</i> no trabalho dos padres.....	61
Tabela 10 – Correlações entre os fatores de CRE Positivo, CRE Negativo e os fatores de vulnerabilidade ao <i>stress</i> no trabalho dos pastores e padres.....	62
Tabela 11 – Correlações entre os índices dimensionais, gerais e os fatores de vulnerabilidade ao <i>stress</i> no trabalho dos pastores e padres.....	63
Tabela 12 – Correlações entre CRE, EVENT e variáveis sociodemográficas dos pastores....	65
Tabela 13 – Correlações entre CRE, EVENT e variáveis sociodemográficas dos padres.....	66

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
1.1 <i>Stress</i>	12
1.2 <i>Stress</i> Ocupacional.....	15
1.3 Saúde de Líderes Religiosos Cristãos.....	19
1.4 Enfrentamento	25
1.5 Enfrentamento Religioso Espiritual.....	29
2 OBJETIVOS.....	39
3 MÉTODO.....	40
3.1 Participantes.....	40
3.2 Local	40
3.3 Material.....	40
3.4 Procedimento.....	43
3.5 Análise dos Dados.....	43
4 RESULTADOS.....	44
4.1 Caracterização da amostra.....	44
4.2 Vulnerabilidade ao <i>Stress</i> no trabalho (EVENT).....	45
4.3 <i>Coping</i> Religioso Espiritual – Pastores.....	47
4.4 <i>Coping</i> Religioso Espiritual – Padres.....	49
4.5 <i>Coping</i> Religioso Espiritual Pastores X Padres.....	52
4.6 Correlações entre <i>Coping</i> Religioso Espiritual e Vulnerabilidade ao <i>stress</i> no trabalho... 58	
4.7 Correlações entre CRE, EVENT e variáveis sociodemográficas.....	64
5 DISCUSSÃO.....	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	85
APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico.....	93
ANEXO A – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	94
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	96

APRESENTAÇÃO

Por sempre ter tido a oportunidade de acompanhar amigos e familiares em seus envolvimento nas atividades religiosas, pude vivenciar o modo diferenciado com que todas as funções relativas ao meio religioso são tratadas. Além das demandas peculiares à ocupação existem as expectativas de pessoa-modelo para com todos aqueles que se dizem cristãos, mas principalmente para com os líderes religiosos. Estas se estendem aos familiares como se todos fossem parte de uma classe seleta e que não possui características humanas, mas têm poderes e qualidades dignas de seres espirituais e onipotentes.

Com o passar dos anos e principalmente pela minha formação em psicologia, muitos destes líderes (evangélicos) me procuravam nos “bastidores” para expressar e comprovar aquilo que até então, não passava de observação e experiência pessoal. Os relatos, em sua maioria, revelavam seres frágeis, angustiados e sedentos por alguém que os ouvisse sem julgamentos! As queixas envolviam as exigências da Instituição-Igreja por produtividade, as expectativas da comunidade quanto à figura de perfeição do líder e sua família e as demandas dos próprios familiares, por tempo e momentos juntos, com qualidade. Paralelamente às queixas, o receio e as dificuldades de muitos para assumir que possuíam limitações, os dissabores eram justificados como naturais e parte do chamado vocacional, uma vez que a maioria deles, não considerava ter feito uma escolha, mas ter sido escolhido! A consequência de tamanho fardo, no entanto, se mostrava por acometimentos físicos, psicológicos, doenças, cirurgias, desistências de alguns do ministério e até mesmo, a morte.

Foi neste cenário, que surgiu o interesse por desmistificar e desconstruir a figura perfeita daquele que desempenha funções religiosas e conseqüentemente contribuir para maior criticidade no meio cristão, principalmente, entre os líderes e suas instituições. Sendo assim, por valorizar o papel central que a fé possui na identidade de líderes religiosos e acreditar que estes sejam mais propensos a recorrer a tais recursos como enfrentamento, a presente pesquisa procurou responder algumas questões como: Pastores e padres são vulneráveis ao *stress* no trabalho? Se sim, há um grupo mais predisposto? Apesar da diferença de religião (evangélicos e católicos), os estressores são os mesmos? Uma vez que o líder tem na fé o principal instrumento de trabalho, de que modo pastores e padres fazem uso da mesma para o enfrentamento de situações adversas? Há relação entre enfrentamento religioso espiritual e vulnerabilidade ao *stress* no trabalho? Há relação entre enfrentamento religioso espiritual, vulnerabilidade ao *stress* no trabalho e variáveis sociodemográficas?

Para tentar responder a estes questionamentos, este trabalho se constitui de uma parte introdutória, cujos capítulos estão subdivididos nos seguintes temas: *stress*, *stress* ocupacional, saúde de líderes religiosos, enfrentamento e enfrentamento religioso espiritual. Em seguida, estão dispostos os objetivos do estudo, o método, que envolve a apresentação dos participantes, o local, o material, procedimento de coleta e análise dos dados. Os resultados são apresentados considerando a caracterização da amostra, a análise descritiva e estatística dos instrumentos e a relação destes com as variáveis sociodemográficas. Mediante tais considerações, a discussão com base nos resultados da pesquisa preza pela literatura encontrada. Ao final são dispostas as referências, o Questionário Sociodemográfico, Carta de aprovação do Comitê de ética e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

1 INTRODUÇÃO

1.1 *Stress*

De origem latina, o termo *stress* foi utilizado pela primeira vez no século XVII descrevendo o complexo fenômeno de “tensão-angústia-desconforto” que caracteriza atualmente a sociedade. No século XX, William Osler, médico inglês, comparou a palavra *stress* a trabalho excessivo e a palavra *strain*, a reação do organismo ao *stress*, a preocupação. Posteriormente, em 1926, Hans Selye identificou em alguns pacientes que sofriam de doenças diferentes, reações não específicas, porém sintomas semelhantes nas situações que lhes haviam causado angústia e tristeza. Chamou esse conjunto de reações de “síndrome geral de adaptação ou síndrome de *stress* biológica”, comumente conhecida como “a síndrome de estar apenas doente” e apresentou o modelo biológico que explica o *stress* como uma condição interna do organismo. Em 1936, sugeriu o uso da palavra *stress* para definir a síndrome produzida por diversos agentes aversivos e a ruptura do equilíbrio homeostático do organismo (LIPP; NOVAES, 2000; LIPP; MALAGRIS, 2001; LIPP, 2003). O termo “homeostasis”, do grego “homoios”, similar e “stasis” processos fisiológicos que mantêm de modo coordenado e constante o organismo, foi sugerido por Cannon, fisiologista americano, no século XX (BIANCHI, 2001).

Selye, em 1959, no livro “*Stress: a tensão da vida*” salienta que toda doença tem como elemento próprio o *stress*, que produz alterações estruturais e químicas no organismo, e que são capazes de se mensurar e observar. A Síndrome Geral de Adaptação, portanto, se trata da manifestação do *stress* e engloba a dilatação do córtex da suprarrenal, enfraquecimento dos órgãos linfáticos, úlceras gastrointestinais, além de perda de peso e outras alterações. Diante da necessidade de adaptação (LIPP; NOVAES, 2000), diversos sintomas são emitidos delimitando a síndrome, de acordo com Selye, em três fases: 1ª ALERTA - diz respeito às sensações características experimentadas pelo indivíduo como suor excessivo, respiração ofegante, taquicardia, entre outros, ao se deparar com o estressor. Neste momento ocorre a perda de equilíbrio interno (homeostase), no entanto, tais reações além de necessárias são indispensáveis para sobrevivência do indivíduo ao possibilitar-lhe atuação; 2ª RESISTÊNCIA: nesta fase se gasta muita energia e aparecem indícios de desgaste como cansaço excessivo, esquecimento e dúvidas, pois o organismo busca recuperar o desequilíbrio sofrido, o que se torna possível quando consegue se adaptar ou eliminar os estressores e 3ª EXAUSTÃO: a impossibilidade de recuperar a harmonia interna faz com que, os sintomas da fase de alerta

reapareçam de modo mais acentuado e gerem comprometimento físico – doenças como gastrite, úlcera, problemas de pele, hipertensão arterial, depressão, ansiedade, dificuldades sexuais, entre outras.

Ao modelo trifásico proposto por Selye, Lipp (2003) acrescenta a fase de quase-exaustão entre a resistência e a exaustão, por identificar que as pessoas não chegam abruptamente à última condição, apresentando o modelo quadrifásico do *stress*. As fases deste modelo, portanto, são alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão. O enfoque na resposta do organismo é mediado pela interpretação do sujeito: a maneira como o indivíduo filtra o estímulo é que rompe a homeostase interna e, por conseguinte, gera a necessidade de adaptação para preservar o bem-estar e a vida. Para Lipp e Novaes (2000), Zakabi (2004) e Lipp, Malagris e Novais (2007) a adrenalina produzida em momentos de tensão pode ser benéfica em quantidade moderada, pois resulta em disposição, energia, força, melhora de desempenho físico e intelectual, além de contribuir para a superação de desafios. O ser humano, uma vez que não se pode evitar o *stress* por completo, necessita de tais reações para se revigorar e motivar. Neste sentido, existe o *stress* ideal quando se aprende a gerenciar a primeira fase, alternando-a em períodos entre estar e sair de alerta. No entanto, estar em estado de alerta gera taquicardia, tensão muscular, mãos frias e suadas, boca seca, o que faz com que o *stress* em período prolongado gere desgaste comprometendo a saúde e a qualidade de vida.

Nesta direção, Wargo (2007) informa que quando as situações de ameaça, luta ou fuga são raras ou terminam rápido, o *stress* físico se ajusta adequadamente, mas problemas ocorrem quando o *stress* não cessa ou quando, por várias razões, o cérebro percebe continuamente *stress*, mesmo que ele não exista mais. O *stress* contínuo (FOX; HANE; PINE, 2007) parece gerar um viés no cérebro fazendo-o perceber mais perigo, por ter suas estruturas alteradas. A exposição prolongada ao cortisol inibe o crescimento neuronal em partes do hipocampo, uma área do cérebro essencial na formação de novas memórias.

Os componentes do *stress*, de acordo com Dougall e Baum (2001) citados por Sarafino e Smith (2011) podem ser examinados de três formas. Uma abordagem centra-se no ambiente: o *stress* é visto como um estímulo, como quando se tem uma demanda de trabalho ou uma experiência severa de dor. A segunda abordagem trata o *stress* como uma resposta e enfoca as reações das pessoas aos estressores. A terceira abordagem descreve o *stress*, conforme Lazarus (1999) e Lazarus e Folkman (1984) como um processo, que inclui as tensões, mas acrescenta uma importante dimensão: a relação entre a pessoa e o meio ambiente. Este

processo envolve interações contínuas e ajustamentos entre a pessoa e ambiente, um afetando o outro reciprocamente.

Diante desta visão, Sarafino e Smith (2011) consideram o *stress* como processo no qual o indivíduo é um agente ativo e que pode por meio de estratégias cognitivas, emocionais e comportamentais influenciar o impacto dos estressores, sendo diferente o modo como as pessoas experimentam *stress*, a partir do mesmo estressor. É válido ressaltar que as demandas, recursos e discrepâncias podem ser reais ou imaginárias. Na maioria das vezes, o *stress* resulta de percepções incorretas sobre as divergências entre as exigências ambientais e os recursos reais. A relação de causa e efeito que é proposta pelo modelo do *stress* biológico de Selye é criticada por diversos autores (BIANCHI, 2001), por considerar que todos os indivíduos independentemente do estressor reagem do mesmo modo, desconsiderando o significado que pode ser diferente para cada pessoa.

A interpretação dos eventos, de acordo com Lipp (2000; 2001) e Lipp et al. (2007) contribui para a reação que o indivíduo terá. Assim, classificam os estressores em externos ou internos e consideram que os primeiros, na maioria das vezes, independem das atitudes e hábitos da pessoa, enquanto os segundos são determinados pelo próprio indivíduo.

As variáveis como crenças a respeito de si, do mundo e do futuro, bem como pensamentos e o sentimento de controle da situação estressante estão relacionadas ao que Clarke e Cooper (2000) e Baptista (2004) consideram como fatores cognitivos, importantes para facilitar ou prejudicar a reação de um organismo no processo de *stress* e relacionados à aprendizagem, às experiências de vida e que, portanto, podem influenciar a compreensão de um estímulo como ameaçador ou não. Deste modo, segundo Mason (1975), a avaliação cognitiva é fundamental, pois determina o tipo de *stress* do indivíduo. Sendo também a suscetibilidade, influenciada pelas questões biológicas e psicossociais, um importante fator no efeito do mesmo.

De acordo com Serra (2000; 2005) todos estão, de algum modo, sujeitos ao *stress*. O que determinará que uma pessoa se sinta ou não com *stress* é o grau de vulnerabilidade que esta possui diante de um determinado acontecimento; depende da pessoa acreditar que possui ou não capacidade de ultrapassar as barreiras de determinada situação. A vulnerabilidade, então, é entendida como a maior probabilidade de se reagir negativamente diante de um determinado acontecimento vital. Destaca três fatores que predispõem à vulnerabilidade: 1) predisposição genética, a qual pode influir de maneira que simples acontecimentos se transformem em possibilidade de psicopatologia; 2) natureza psicológica, que envolve o

modo de perceber as situações e tal percepção se relaciona à história de vida e 3) natureza social.

Lipp et al. (2007) destacam que os indivíduos mais resistentes ou resilientes, não são, necessariamente, invulneráveis, mas possuem capacidade de superação diante das crises e adversidades da vida. Os autores dão ênfase às cognições e acreditam que a questão envolva diferenças individuais de origem ambiental e genética e que os indivíduos mais vulneráveis são biologicamente mais sensíveis, ou seja, além da hipersensibilidade do sistema límbico, também tiveram uma história de vida que propiciou o desenvolvimento de cognições inadequadas – um modo de pensar e avaliar desajustadamente os eventos da vida. Sendo assim, existem diferentes possíveis interações entre vulnerabilidade genética e ambiente, que diferenciam uma pessoa sensível de outra resistente ao *stress*.

Por fim, as considerações de Wargo (2007) enfatizam que as influências genéticas e ambientais se entrelaçam de modo sutil e complexo, com ambientes que afetam a expressão dos genes e vice-versa, ao longo da vida. Assim, propõe o modelo “diátese-*stress*”, em que estressores ambientais têm diferentes impactos sobre os indivíduos devido às vulnerabilidades preexistentes herdadas.

1.2 *Stress* Ocupacional

As consequências negativas do *stress*, neste caso as decorrentes da relação homem-trabalho, têm feito com que pesquisadores busquem os fatores causais na sociedade atual (LIPP, 2005). Neste sentido, Brun e Milczarek (2007) destacam que as mudanças que ocorrem no mundo profissional interferem na saúde e segurança dos profissionais levando a riscos psicossociais frequentes. Tais riscos têm relação com o modo como o trabalho é concebido, organizado e gerido, o que resulta em alto nível de *stress*, fator potencializador de doenças laborais, levando à deterioração da saúde física e mental.

A investigação do *stress* ocupacional, bem como as condições e consequências do mesmo na saúde e no desempenho é uma área relativamente nova de pesquisa, com início na década de 70. A criação do Instituto Nacional para a Segurança e a Saúde Ocupacionais (NIOSH) e a Administração de Segurança e Saúde Ocupacional (OSHA) impulsionaram a área nos Estados Unidos. Os riscos laborais foram ampliados de modo a incluir demandas da esfera psicológica como altas exigências, condições e formas de trabalho que afetassem negativamente a saúde física ou mental do trabalhador (HURRELL JUNIOR; SANTER, 2011).

Para Murta e Tróccoli (2004) e Goulart Júnior e Lipp (2011), o trabalho é um dos favorecedores de autorrealização, satisfação nas relações interpessoais, sobrevivência, motivação, ampliação de conhecimentos e desenvolvimento pessoal, pois na busca pela satisfação das necessidades ele traz sentido para quem o realiza. Porém, também pode levar ao sofrimento, alienação, desgaste e adoecimento, conforme suas condições, quando apresenta riscos e o profissional não possui recursos suficientes. Sendo parte da existência, têm diferentes significados para cada pessoa, bem como diferentes consequências para cada trabalhador.

Para o NIOSH (1999), o *stress* ocupacional pode ser definido como as respostas físicas e emocionais que são prejudiciais e ocorrem quando as exigências não correspondem aos recursos, capacidades ou necessidades do trabalhador podendo levar a problemas de saúde e até mesmo lesões. Paschoal e Tamayo (2004) e Ferreira (2008) o compreendem um processo, no qual o indivíduo reage negativamente colocando em risco sua saúde e bem-estar ao perceber que sua habilidade de enfrentamento está aquém das demandas do trabalho, podendo, inclusive, evoluir para a ocorrência de distúrbios físicos e psíquicos. Serra (2011) considera que o *stress* ocupacional envolve os níveis biológico/emocional como dificuldades para dormir, perda de autoconfiança, dores de cabeça; nível cognitivo como falha de memória, dificuldade de concentração, desânimo, sentimento de injustiça, dificuldades para tomada de decisão e nível comportamental envolvendo insatisfação com a profissão, abuso de substâncias e tendência ao isolamento.

Com base em pesquisas e experiências, o NIOSH (1999) considera que as condições de trabalho têm um importante papel no *stress* ocupacional. Para o instituto existem divergências sobre as causas do *stress* no trabalho, que são atribuídas tanto as características pessoais, quanto as condições de trabalho. Evidências científicas sugerem que determinadas condições de trabalho são estressantes para a maioria das pessoas e consideram as características das tarefas, o estilo de gestão, as relações interpessoais, os papéis de trabalho, as preocupações de carreira e condições ambientais como as principais condições capazes de levar ao *stress*. No mesmo sentido, Cooper, Dewe e O'Driscoll (2001) citados por Ferreira e Assmar (2008) classificam as fontes ambientais de *stress* em seis grandes categorias 1) características intrínsecas ao trabalho; 2) papéis exercidos na organização; 3) relações profissionais; 4) interface trabalho-família; 5) carreira e 6) características organizacionais.

Especificamente a respeito do estilo de liderar que predomina em uma organização, Goulart Júnior e Lipp (2011) o compreendem como um fator que reflete diretamente nos relacionamentos, no ambiente e desempenho do trabalhador prevendo que tal relação

contribua para elevar o nível de *stress* laboral. Robbins (2002) considera que alguns líderes, por seu estilo de liderar, gerem uma cultura de tensão, medo, ansiedade, pressão e controle rígido caracterizando-se assim, como um importante estressor no local de trabalho.

Com relação às exigências ocupacionais, uma das propostas teóricas utilizadas para os estudos envolvendo saúde e trabalho e que aborda as demandas psicológicas advindas da atividade profissional e o controle sobre as mesmas relacionando-as ao bem-estar, diz respeito ao modelo exigência-controle ou demanda-controle de Karasek. Em 1979, propõe um modelo que compreende simultaneamente controle e demanda (Job Strain Model) no qual duas dimensões, grau de controle ou latitude de decisão e demanda psicológica do trabalho combinadas de diferentes formas geram experiências distintas. Portanto, haveria quatro tipos de experiências possíveis: trabalho com alto desgaste (alta demanda e baixo controle), trabalho mais ativo (alta demanda e alto controle), trabalho de baixo desgaste (pouca demanda e alto controle) e trabalho mais passivo (pouca demanda e pouco controle). Combinar altas exigências com baixos níveis de controle pode gerar problemas de saúde e *stress* (THEORELL; KARASEK, 1996). Posteriormente, Karasek et al. (1998) adaptaram o modelo acrescentando outras variáveis que podem atuar como moderadoras, sendo o apoio social uma delas, e compatível inclusive com a influência gerada pela percepção de controle da demanda-situação.

Hurrell Júnior e Santer (2011) consideram que o vínculo indivíduo – ambiente de trabalho pode ser alterado por características pessoais e situacionais, consideradas moderadoras. Sendo assim, fatores individuais, fatores externos ao trabalho e fatores de proteção podem intensificar ou não as reações e possíveis doenças referentes aos estressores ocupacionais. Para Lazarus (1995) citado por Paschoal e Tamayo (2005), o *stress* não seria próprio de um ambiente ou pessoa, mas se desenvolveria na união de um tipo específico de pessoa e de ambiente. Portanto, características como pressão no trabalho, falta de autonomia, conflitos e sobrecarga apesar de se constituírem em estressores para diversas pessoas, não o são para todos.

Do mesmo modo, Sisto et al. (2007) consideram que nem todo ambiente de trabalho que tenha tendência a ser estressante, de fato o é para todos, pois, apesar da exposição a estressores organizacionais gerar reações psicofisiológicas na saúde do trabalhador estas são mediadas pelas competências e características individuais. Dão foco à capacidade humana, que envolve as características de personalidade e comportamentais e que se refere ao que pertence ao trabalhador e, portanto, o diferencia. Paschoal e Tamayo (2004) ponderam que, restringir o *stress* ocupacional a estressores ocupacionais deixa uma lacuna que diz respeito à

avaliação das situações de trabalho pelo profissional, a percepção das demandas, bem como as variáveis influenciadoras neste processo.

Nesta relação de influências entre pessoa-trabalho, a vulnerabilidade se constitui para cada um, em um fator mediador do *stress* ocupacional. São poucos os estudos que buscaram investigar a vulnerabilidade ao *stress* no trabalho, por meio da EVENT devido ao tempo de existência da escala. Alguns deles, no entanto, foram selecionados bem como as características relevantes dos mesmos para os objetivos deste trabalho.

Ao relacionarem a escala EVENT com o Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp (ISSL), Miguel e Noronha (2007) identificaram que não houve correlações que fossem significativas entre idade, escolaridade e EVENT sugerindo que a vulnerabilidade ao *stress* pudesse estar presente independentemente da idade, com exceção da correlação entre escolaridade e Pressão no Trabalho, que apesar de baixa ($p < 0,05$) sugeriu que pessoas com maior escolaridade pontuassem menos neste fator. O estudo, no entanto, não prediz que diferentes graus de escolaridade resultem em diferentes níveis de *stress*. O escore total da EVENT correlacionado ao ISSL embora baixo ($p < 0,05$) indicou que, maiores pontuações sugerem mais sintomas de *stress*.

O trabalho desenvolvido por Oswaldo (2009) apontou que na área empresarial os fatores Pressão no Trabalho e Clima e Funcionamento Organizacional são considerados parte dos principais estressores. Identificou pouca vulnerabilidade ao *stress* no trabalho no que diz respeito aos fatores de Clima e Funcionamento Organizacional e Infraestrutura e rotina, porém o fator Pressão no Trabalho indicou número médio de estressores. Ao correlacionar a EVENT com o ISSL os resultados foram positivos, moderados e significativos e indicaram que quanto maior os escores de vulnerabilidade, também foram maiores os escores de *stress* (físico e psicológico). O estudo destacou com relação ao fator 1 – Clima e Funcionamento Organizacional que as pessoas nas fases de Resistência e Quase Exaustão são mais vulneráveis ao *stress* no trabalho; quanto ao fator 2 – Pressão no Trabalho, os dados apontaram que os trabalhadores em fase de quase-exaustão alegaram mais estressores que os da fase de resistência e no fator 3 – Infraestrutura e Rotina, os trabalhadores mais vulneráveis ao *stress* foram os da fase de Quase Exaustão.

De modo geral, as pesquisas realizadas com a EVENT associada a outros instrumentos, além de propiciarem visibilidade à escala, informam, que a vulnerabilidade ao *stress* no trabalho se relaciona com fatores físicos e psicológicos do *stress*. Além disso, corroboram com a literatura anteriormente descrita, por meio dos fatores da escala, a respeito das principais fontes de *stress* presentes no ambiente ocupacional.

1.3 Saúde de Líderes Religiosos Cristãos

Nem todos aqueles que desempenham a mesma ocupação vivenciarão o mesmo grau de *stress*. No entanto, e de modo razoável, é possível afirmar que possuem maior probabilidade de se vivenciar as consequências negativas do *stress* aqueles que atuam em profissões de alto risco, ou consideradas estressantes além da média (JOHNSON et al., 2011). Situações de *stress* para Maslach (1992) citada por Morais (2008) podem ser vividas pelas pessoas esporadicamente ou por longos períodos, no entanto, há profissionais, os chamados “profissionais da ajuda”, que lidam constantemente com estas situações, pois trabalham com pessoas em situações desfavoráveis, de carência e desgaste. Morais (2008) considera que todos aqueles que desempenham papéis sociais de ajuda possuem maiores índices de *stress*, pois são profissionais que atuam em ocupações emocionalmente desgastantes e destaca psicoterapeutas em vários países, como Estados Unidos, Itália, África e Europa que têm equiparado a vida missionária à de outros profissionais de ajuda, por identificarem o crescente número de padres e pastores com sintomas de esgotamento físico e mental.

Pereira (2012) descreve que a partir da década de 80 diversos sintomas passaram a ser estudados nas pessoas que escolheram se dedicar ao próximo. Ele ressalta que os ministros do sagrado, aventuram-se na vida religiosa com coragem e idealismo. Posteriormente, sentem-se diminuídos quanto à realização pessoal, desvalorizados e impotentes perante as expectativas inalcançáveis. Com o tempo se tornam esgotados emocionalmente e impossibilitados de recuperar as motivações e forças espirituais iniciais. Se os sintomas permanecem, os mesmos podem gerar uma crise irreversível culminando com o abandono do ministério ou um modo passivo, improdutivo e depressivo de dar continuidade na igreja.

Há, para Johnson et al. (2011), profissões que possuem mais elemento emocional do que outras, o que sugeriria que os envolvidos estariam mais vulneráveis ao *stress*. A respeito desta questão, Kinman, Mc Fall e Rodriguez (2011) investigaram “O custo de cuidar” em 188 membros do clero no Reino Unido e mediram o trabalho emocional, a satisfação intrínseca no trabalho, o bem-estar psicológico, o apoio social e o treinamento de aconselhamento. Os resultados demonstraram especificamente sobre o trabalho emocional, que este foi positivamente relacionado com a angústia psicológica ($p < 0,001$) e o tamanho da rede social ($p < 0,01$) e negativamente com a satisfação intrínseca do trabalho ($p < 0,001$) e a satisfação com o suporte social ($p < 0,01$). Quanto ao treinamento em habilidades de aconselhamento, os resultados sugeriram que a relação negativa entre o trabalho emocional e a satisfação intrínseca foi mais forte para o clero que não tinha recebido nenhum treinamento de

aconselhamento. De acordo com Zapf et al. (1999), uma das características que compõe o trabalho emocional diz respeito ao fato de que as emoções têm como objetivo influenciar as atitudes e comportamentos de outros, bem como se deve seguir certas regras para demonstrá-las.

Blain (1958) ao mencionar os riscos sobre a saúde no ministério descreveu que os ministros podem ser suscetíveis à pressão de restringir os prazeres pessoais e negarem-se a si mesmos a expressão emocional normal. Suprimir as emoções, bem como a necessidade frequente por autocontrole gera cansaço, quando constante. A supressão combinada à repressão pode ser responsável pela depressão. O ministro pode precisar de coragem para enfrentar o fato de que é impossível agradar a todos. Um dos fardos da vida dos clérigos é o fardo de si mesmo, que envolve o perfeccionismo impeditivo de uma vida emocional real e a negação e repressão de emoções como raiva, necessidades básicas e sentimentos sexuais (MCALLISTER; VELDT, 1965). Ainda nesta linha de trabalho emocional, Johnson (1970) considera que cada vocação tem suas próprias tensões naturalmente e questiona quais seriam os perigos emocionais característicos do ministro em sua vida e obra. Aponta diversos fatores inerentes ao ministério envolvendo desde crise de identidade, exigência pela perfeição, até a dificuldade em reconhecer a quem se pertence, de fato.

No ano de 2008, Silva e Holanda avaliaram 100 líderes protestantes de todo o Brasil, de organização tradicional e neopentecostal, para identificar as condições, organização e relações sociais no trabalho e os indicadores de prazer e sofrimento. Os resultados indicaram vivência moderada de sofrimento ($p < 0,005$). Ambas as organizações exibiram falta de suporte organizacional, pressão no trabalho e sentimento de incompetência. Embora moderada, a vivência de sofrimento pode ser relacionada à variação de atividades, carga horária de trabalho (55,31 horas semanais para os tradicionais e 47,31 para os neopentecostais), falta de apoio organizacional, individualismo, exigência por resultados e sentimentos de desvalorização com relação à produtividade. Para Pinheiro (2008), o trabalho do pastor exige competências e responsabilidades muito acima das exigidas em outras profissões, como integridade ética e moral, comportamento exemplar, dedicação total, polivalência, amizade, saúde plena e empatia.

Segundo a revista VEJA, em matéria realizada por Vieira (2008) uma pesquisa da regional brasileira da *International Stress Management Association-ISMA* revelou a partir de 1.600 profissionais das cinco regiões do país, que padres e freiras brasileiros estavam entre os mais estressados. Os dados apontaram que 28% dos padres e freiras consideraram-se emocionalmente exaustos, contra 26% de policiais e 20% dos executivos e profissionais

liberais. As possibilidades foram a natureza da carreira, o tamanho do clero em relação à população gerando sobrecarga, pois havia, na época, um padre para cada 10.000 brasileiros, enquanto nos Estados Unidos a média era de um para cada 2.000 pessoas e a expectativa de comportamento - modelo esperado pelos fiéis em relação aos sacerdotes, de acordo com a psicóloga Ana Maria Rossi (presidente ISMA Brasil).

De acordo com o Censo do IBGE (2010) o número de católicos no Brasil equivale a 191.448.151 adeptos, destes 190.755.799 são católicos apostólicos romanos. No Censo da Igreja Católica no Brasil, de acordo com o Centro de Estatística e Investigações Sociais - CERIS, Pereira (2010), o número de padres diocesanos chegou a 22.119, sendo a relação de habitantes/presbítero de 8.624/97. A respeito do número de evangélicos, o IBGE (2010) aponta para 42.275.440, destes os de origem pentecostal correspondem a 25.370.484 e referente aos adeptos da Igreja do Evangelho Quadrangular o número é de 1.808.389.

A função de líder religioso, de acordo com Leite (2013), acompanha grande responsabilidade, além de atribuições que mergulham a vida sacerdotal em desgaste excessivo. Tal peculiaridade pôde ser confirmada pela renúncia do Papa Bento XVI, o alemão Joseph Ratzinger, de 85 anos, quando ao abdicar de seu papel alegou que suas forças haviam se exaurido e lembrou que em 2005 quando eleito sentiu um peso sobre seus ombros. Calais e Calais (2004) consideram que, além dos agentes estressores presentes no próprio local de trabalho há funções que intrinsecamente os apresentam, e que, portanto, podem causar prejuízos ao trabalhador.

Assumpção (2002), em sua pesquisa sobre trabalho e estilo de vida do ministro religioso, referiu alguns fatores de *stress* na vida ministerial de pastores de Igrejas históricas do país e entre os principais estiveram a falta de ser pastoreado e ter amizades significativas e bem estabelecidas; a solidão; a sensação de observação constante; diversidade de atividades; disponibilidade 24h/dia; falta de preparo e conhecimento insuficiente recebido das instituições formadoras para o atendimento de pessoas; expectativas sociais e dos membros quanto à santidade; competitividade e disputas pelo poder; burocracia; medo da exposição e administração eclesial.

Outros estressores foram identificados por Berry, Francis, Rolph e Rolph (2012) no clero anglicano, como excessiva carga de trabalho; conflitos vividos no ministério pastoral; desgastes com papéis e administração; pressões vindas de fora sobre a expectativa de outros; falta de apoio tanto em relação à igreja local quanto da igreja instituição e comitês e reuniões. Croucher (2013) afirma que as razões para o ministério pastoral ser tão estressante podem ser tão numerosas e únicas quanto os pastores. A maior parte das pesquisas descreve como áreas

problemáticas a discrepância das expectativas; falta de limites e o vício pelo trabalho caracterizado pela síndrome “cama na igreja”; a sensação de incompetência na liderança de voluntários; dificuldade para enxergar resultados; confusão entre autoimagem e identidade da função; conflito em ser líder e servo simultaneamente; dificuldade na administração do tempo; falta de espontaneidade; diversidade de funções; solidão, entre outros. Uma consideração praticamente unânime sobre a vida sacerdotal está relacionada à queixa sobre a falta de preparação dos seminários (ASSUMPCÃO, 2002; SILVA, 2006; KINMAN et al., 2011; BERRY et al., 2012).

Os excessos relativos ao ministério e, conseqüentemente a frustração advinda do mesmo é datada desde A.C, tendo inclusive na figura de Moisés, de acordo com Pereira (2012) um exemplo de desilusão e desmotivação com relação à liderança do povo hebreu. Moisés, por sua gestão centralizadora, procura seu sogro Jetro para aconselhamento, uma vez que se sentia frustrado por não conseguir atender a todos os interesses da população. No livro “Os padres em psicoterapia”, Pinto (2012) diz ser comum a queixa entre clientes padres de que, não só as pessoas, mas também os próprios padres têm dificuldades às vezes insuperáveis e mais do que em qualquer atividade, de conviver como alguém que têm direitos e desejos, ou seja, um ser comum.

Por conta do papel social relevante, o que pode se caracterizar num peso para o presbítero é ser obrigado a usar a veste sacerdotal por onde for. Segundo Pinto (2012), apesar da liberação da batina externa, ainda existe a batina interna da autoimagem, mas principalmente, da imagem que a maioria dos fiéis fazem deles, que são tratados como sobre-humanos, dos quais se espera mais do que se deveria. Um aspecto observado pela pesquisa de Silva e Holanda (2008) foi a questão do caráter vocacional-sacerdotal. A vocação torna-se um fator gerador de sentido no trabalho de tais líderes, por se relacionar com a questão da missão divina, não possuindo, portanto, apenas uma característica humana, mas ao focar o elemento espiritual, a submissão às dificuldades, que são inerentes a esta missão, se justificaria.

Ao se referir, portanto, ao caráter espiritual relacionado à função e as contradições entre as imagens ideais (requisitos da Igreja) e reais (experiência humana) é válido destacar a exortação apostólica “*Pastores Dabo Vobis*” (1992) a respeito do clero e da formação de sacerdotes na qual se espera deles ser a continuação do próprio Cristo. Ainda a respeito da formação de sacerdotes católicos, de acordo com Benelli (2006), faz parte da hierarquia da Igreja Católica o Papa, os bispos, padres e diáconos, que são seus membros ordenados. Por meio da ordenação ocorre a promoção no ministério eclesial da Igreja: diaconato, presbiterato ou episcopado. A autoridade recebida deve ser utilizada em prol da comunidade cristã.

Aqueles que, portanto, se dedicam ao ministério, ou seja, à ordem sacerdotal (seminarista) devem além de ter o segundo grau completo, cursar Filosofia (três anos) e Teologia (quatro anos). Deste modo, um possível candidato necessita de um total de oito anos para formação e ordenação.

Fora da hierarquia, também fazem parte da Igreja os religiosos que têm votos de pobreza, castidade e obediência, vivem em comunidade e realizam trabalhos específicos, como por exemplo, e parte da amostra, os Frades Franciscanos (BENELLI, 2006). Sobre as funções exercidas na igreja pelo líder católico, o Código de Direito Canônico da Igreja Católica (2010), especificamente no Cânone 519 (p.265) expõe que o pároco exerce o papel de cuidador da comunidade, sob a autoridade do bispo diocesano.

Como auxiliar e cooperador dos cuidados pastorais existem os vigários, que devem atuar, segundo o código, concedendo apoio no ministério pastoral, junto ao trabalho do pároco (Cânone 545 - § 2, p.279). O auxílio do vigário ao pároco com relação ao ministério, não envolve obrigatoriamente a realização da missa. Se houver necessidade, deve substituí-lo.

Com relação aos pastores, a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) – Conselho Nacional de Diretores (2011), em seu Estatuto e Regimento Interno declara que a carreira ministerial de seus líderes, acontece por meio da evolução em diferentes níveis de ordenação, sendo que, tais níveis correspondem a três categorias eclesiásticas que compõem o ministério da IEQ: Obreiros Credenciados, Aspirantes e Ministros. Cada um deles possui requisitos específicos, sendo as principais características que os diferenciam aquelas relacionadas ao tempo dedicado às atividades religiosas.

Todas estas nomeações, independentemente, possibilitam a formação de líderes pastorais aptos a realização do ministério, de acordo com as diretrizes da IEQ. Considerando que, ao pastor titular cabe a responsabilidade pela administração geral da igreja local, respondendo pela mesma perante as exigências contidas em seu Estatuto e mediante as demandas de seus membros e da sociedade. E ao pastor auxiliar consta prestar suporte às necessidades do primeiro e quando necessário, representá-lo.

No geral, a vida consagrada se trata de uma vivência de compromisso perpétuo, uma experiência de profundidade, sacrifício, tradição, estabilidade, valores existenciais e amor desprendido, em contradição a um mundo descompromissado, superficial, imediatista, de transformação e valores comerciais. Esta vida tem sérios conflitos com a ideologia reinante no século XXI (PINTO, 2012).

Este cenário de exigências com relação à ocupação do ministro religioso possivelmente, os torna vulneráveis física e emocionalmente. No entanto, ainda são poucos os

estudos no Brasil, que investigam esta classe “sobre-humana” especificamente no que diz respeito à vulnerabilidade ao *stress*.

Lotufo Neto (1997) estudou em ministros religiosos cristãos da cidade de São Paulo, a prevalência de transtornos mentais (TM) e sua correlação com a orientação religiosa e as fontes de *stress* da vida pastoral. Os resultados indicaram que 47% dos sujeitos receberam diagnóstico psiquiátrico significativo e 25,1% dos que apresentaram TM em atendimento primário pontuaram significativamente em *stress* agudo ($p=0.007$) e crônico ($p=0.04$). A prevalência de transtornos mentais na amostra foi maior que a encontrada para a população de São Paulo, que equivale a 31%. O diagnóstico mais frequente foi o de depressão (16,4%) seguido de 12,9% de transtornos do sono, 9,4% de transtornos ansiosos e 1,17% de transtornos fóbicos. De acordo com o autor os diversos fatores inerentes à função de líder religioso favorecem a maior prevalência de transtornos depressivos e ansiosos neste grupo, do que na população.

Na pesquisa de Valle, Benedetti e Antoniazzi (2004) sobre a realização pessoal de presbíteros no Brasil, os autores entrevistaram 332 padres, todos do clero diocesano e identificaram algumas áreas de fragilidade e insegurança experienciadas pelos sacerdotes como dificuldades psicosssexuais; carência espiritual; insegurança com relação ao futuro e, em valores menores, insatisfação no relacionamento com os bispos. Na maioria das respostas, no entanto, eles se apresentaram como realizados com relação ao que são e fazem, sendo o percentual de 81,8% o de padres que se sentiam realizados ou muito realizados.

A respeito do *stress* de padres formadores, Morais (2008) entrevistou 103 padres, 75,7% diocesanos e 24,3% religiosos. Dos resultados, o índice de *stress* foi de 41,7% e apesar de não ter havido diferença significativa entre diocesanos e religiosos, os sintomas psicológicos foram maiores para os primeiros (71,4%), enquanto os sintomas físicos para os segundos (50%). Não houve associação significativa com cargo específico, função e tempo de trabalho, as diferenças estiveram entre ano de nascimento e processo de *stress*.

Devido ao número pequeno da amostra, Deus (2009) não conseguiu generalizações em sua pesquisa sobre depressão em pastores protestantes (Presbiterianos, Batistas e da Assembleia de Deus), mas referiu a explicação das causas do adoecimento, para cinco de nove presbiterianos, ao *stress* do exercício pastoral, dois a problemas conjugais e dois não sabiam a causa. Dos três batistas, dois relacionaram-na ao pecado e à falta de fé e um não sabia identificar. Quanto ao pastor assembleiano, a causa foi atribuída à ação demoníaca. No geral, o estudo apontou que os principais fatores desencadeantes do estado depressivo se relacionaram ao *stress* da atividade religiosa, baixa remuneração, problemas de

relacionamento (família e membros da igreja), pecado, fé, ação do demônio, exigências e cobranças dos fiéis, expectativas da instituição Igreja, falta de suporte e solidão no ministério.

A pesquisa sobre a natureza do *stress* associada à profissão clerical sugeriu, conforme indicaram Wells et al. (2012), não apenas que o clero vivencie estressores únicos referentes à própria carreira, mas que estes estressores podem potencializar os efeitos do trabalho em suas vidas pessoais. Os autores buscaram demonstrar pelo estudo, a relação entre *stress* ocupacional e *stress*-limite, que diz respeito a quando as pressões invadem o domínio da família e sua implicação para a saúde dos clérigos. Os entrevistados pertenciam a várias denominações sendo a maioria protestante e católica e os resultados destacaram que os que tinham filhos, idade menor que 45 anos e níveis mais elevados de educação apresentaram maiores índices de *stress* ocupacional e *stress*-limite, enquanto que o clero casado e o clero com 20 ou mais anos de ministério obteve maiores índice de *stress*-limite. O valor de significância do estudo foi de $p=0,05$. A respeito da correlação entre os dois tipos de *stress*, a mesma foi de 0,63; $p<0,0001$ indicando que a medida que o *stress* no trabalho aumenta, o *stress*-limite também.

A segunda parte da pesquisa de Wells (2013) de uma série de três estudos explorou a relação entre o *stress*-limite e ocupacional com a saúde física e emocional do clero. Os resultados constataram que quanto maior o *stress* ocupacional e de limite, menor a saúde emocional e física do clero, com impactos diferentes para variáveis como idade, escolaridade, presença ou não de filhos, tempo de ministério, entre outros.

Berry et al. (2012) avaliaram a saúde psicológica no trabalho ministerial. A respeito da formação inicial, quando os líderes foram questionados se esta prepara para lidar com os níveis de *stress* a que se expõem no ministério, a maioria considerou que o treinamento inicial não é bem-sucedido neste aspecto e sugeriu que fosse dada menos ênfase acadêmica e mais prática e também que se apresentasse a real natureza do ministério.

No trabalho ministerial as pesquisas assinalaram muitos estressores. Diante destes sempre é exigida a emissão de comportamentos adaptativos. Esta é a forma como a pessoa lida com o *stress*, ou seja, suas estratégias, adequadas ou não, de enfrentamento.

1.4 Enfrentamento

O processo de *stress* que envolve o conflito entre a pessoa e o ambiente, bem como o enfrentamento, que busca a adaptação são todos processos caracterizados por mudança (FOLKMAN; LAZARUS, 1985). Para Lipp e Novaes (2000) e Lipp e Tanganelli (2002) é

importante destacar que o que determina a existência do *stress*, seja ele positivo ou negativo, é a incapacidade de atender as exigências do momento.

O *Coping* ou enfrentamento foi definido por diversos autores ao longo dos anos, sendo considerado por Folkman e Lazarus (1980; 1985); Lazarus e Folkman (1984) como os esforços cognitivos e comportamentais constantes realizados para gerenciar as demandas específicas externas ou internas, que são vistas como desgastantes e, portanto, a tentativa de administrar os conflitos entre eles. A proposta de Lazarus e Folkman (1984) implica, segundo Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998) em atitudes que podem ser aprendidas, usadas e descartadas. Para as autoras, o enfrentamento é a busca da parte das pessoas, por estratégias para adaptarem-se às situações adversas.

Pargament (1997) em seu livro sobre a Psicologia da Religião e *coping* define enfrentamento como a busca de significado diante de situações estressantes. Enfrentamento também é definido como uma resposta que tem por objetivo aumentar, criar ou manter a percepção (ilusória ou não) de controle pessoal (SAVÓIA, 1999). Para Sanzovo e Coelho (2007), o processo que envolve respostas a situações específicas de *stress* com vistas à modificação do ambiente e a adaptação é constituído de estratégias que podem ser aprendidas e conservadas ou não na vida do indivíduo, conforme os esquemas de reforçamento aos quais cada um foi submetido durante a sua existência.

Sarafino e Smith (2011) definem o enfrentamento baseados no conceito que atribuem ao *stress* que trata da discrepância percebida entre as demandas da situação e os recursos pessoais. Neste sentido, o enfrentamento é entendido como o processo pelo qual as pessoas buscam controlar tal discrepância diante de uma situação estressante. O termo *coping*, em geral, pode significar lidar com, enfrentar, encarar, ultrapassar, dar resposta a, fazer face, reagir a ou se adaptar a situações contrárias (POCINHO; CAPELO, 2009). Neste trabalho, far-se-á o uso do termo enfrentamento.

O modelo de enfrentamento proposto por Folkman e Lazarus (1980) preconiza: a) é um processo que se dá entre o indivíduo e o ambiente; b) sua função é a administração da situação estressora; c) esse processo pressupõe a noção de avaliação, como o fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado para o sujeito. Sendo assim, para Folkman e Lazarus (1980; 1985), Lazarus e Folkman (1984) e Folkman (1986) a avaliação diz respeito a um processo cognitivo por meio do qual a pessoa avalia se uma situação específica ambiental é relevante para seu bem-estar, e de que modo. Esta avaliação é primária e secundária. Na primeira, o indivíduo julga se um evento é irrelevante, benigno ou estressante. Se estressante, há três aspectos: 1) perda/dano, se refere ao dano ocorrido, em que não há mais

o que fazer a não ser aceitar e reinterpretar o significado de forma positiva para si; 2) ameaça que se refere ao dano ou perda que ainda não ocorreu e 3) desafio, que é a antecipação de uma oportunidade de domínio pelo indivíduo, que percebe a possibilidade de alcançar as exigências. Na avaliação secundária, a pessoa analisa se há algo que pode ser feito para superar ou evitar os danos, ou melhorar o desafio.

De acordo com Sarafino e Smith (2011), a avaliação secundária se refere aos recursos de que se dispõe para o enfrentamento e embora ocorra continuamente nas transações, se está especialmente consciente delas ao julgar uma situação como potencialmente estressante e tentar determinar se os recursos são suficientes para satisfazer a ameaça. Os recursos de enfrentamento, como destaca Beresford (1994), estão relacionados à noção de vulnerabilidade.

Assim, os processos de avaliação primária e secundária são interdependentes: se os recursos são adequados para enfrentar uma ameaça, a mesma é diminuída, porém um evento inofensivo pode se tornar ameaçador se os recursos de enfrentamento são percebidos como insuficientes para superar as exigências ambientais ou pessoais (FOLKMAN; LAZARUS, 1985). Os esforços de enfrentamento, para Folkman e Lazarus (1980) influenciam-se continuamente durante todo o acontecimento, o que leva a reavaliações, que geram novos esforços de enfrentamento e assim por diante.

O enfrentamento (FOLKMAN; LAZARUS, 1980) se constitui no mediador entre estressor e reação ao mesmo e tem duas principais funções, gerir ou alterar a relação pessoa-ambiente que é fonte de *stress* e regular as emoções estressantes, dividindo-se em dois grupos: enfrentamento focado na emoção e enfrentamento focado no problema. Sarafino e Smith (2011) descrevem o enfrentamento focado na emoção como destinado ao controle da resposta emocional diante da situação de *stress*, enquanto o enfrentamento focalizado no problema é entendido como a tentativa de reduzir as exigências de uma situação de *stress* ou ampliar os recursos para lidar com ela. O uso de uma ou outra dependerá das avaliações apresentadas anteriormente.

Para Lazarus e Folkman (1984) a avaliação cognitiva está relacionada às formas como as pessoas enfrentam o *stress*. O processo de avaliação das situações envolve tanto fatores pessoais como sistema de crenças (religiosas ou não), quanto fatores situacionais e deste modo refletem a relação particular e modificável que pode se estabelecer entre um indivíduo, com seus valores, modo de ser e o ambiente interpretado.

No contexto de trabalho, de acordo com Hurrell Júnior e Sauter (2011) tenta-se há muito tempo, especificamente pelos pesquisadores de *stress*, identificar fatores que reduzam ou eliminem os estressores ocupacionais. Os recursos sociais e psicológicos são destacados

como bases para o desenvolvimento de estratégias, e possuir um repertório variado e extenso pode contribuir para a redução da tensão. Mas embora diversas estratégias se mostrem eficazes em outras dimensões da vida, podem ser insuficientes para os problemas ocupacionais, o que pode ser justificado devido à natureza impessoal do trabalho e à falta de controle do trabalhador para com os estressores laborais.

Begley (1998) menciona que pode ser difícil encontrar a estratégia apropriada para o enfrentamento de determinado estressor e aponta cinco problemas relativos a esta dificuldade: 1) o uso de estratégias de enfrentamento que promovam alívio do sofrimento em curto prazo, mas que o agravam em longo prazo; 2) o uso de algumas estratégias de enfrentamento que podem reduzir certos desconfortos, mas aumentar outros; 3) as discrepâncias entre as estratégias mais prováveis de serem escolhidas para determinado enfrentamento e aquelas que têm maior probabilidade de serem eficazes; 4) o uso de recursos próprios para lidar com determinado estressor, o que pode aliviá-lo, mas também gerar vulnerabilidade em outras áreas da vida pessoal e 5) a identificação de uma estratégia adequada de enfrentamento, porém a falta de meios, habilidade ou motivação para utilizá-la.

Não há para Miguel (2006) uma definição sobre a estratégia perfeita, pois um enfrentamento pode ou não ser adaptativo, promover ou não a saúde, ser útil em determinada época e inútil em outra, conforme a situação. Chama-se, portanto, a atenção para a palavra gerenciar, o que indica que os esforços de sobrevivência podem ser variados e não necessariamente levarem à solução de problemas. As pessoas usam vários métodos para tentar gerir a discrepância avaliada entre as exigências da situação e seus recursos (SARAFINO; SMITH, 2011).

De acordo com Folkman (1986), não se julga sobre o que seria um bom ou mau enfrentamento, pois este é simplesmente definido como os esforços pessoais para gerenciar demandas, independentemente se bem ou malsucedido. Um resultado pode ser visto como favorável mesmo que não tenha havido a resolução do problema causador de angústia, mas a pessoa perceba que a situação foi gerenciada como ela esperava. Ou pode ser desfavorável mesmo havendo a resolução do problema, caso tal resolução seja incompatível com valores e metas que a pessoa planejou, ou criador de conflitos adicionais no contexto social da pessoa.

Por estas considerações, o enfrentamento deve ser visto de forma multidimensional (CALAIS, 2002; CERQUEIRA, 2001), pois depende da situação, intensidade, grau de controle e variáveis pessoais, não havendo critérios definidos quanto à eficácia, mas sendo adequado se é capaz de possibilitar ao sujeito a capacidade de dominar o impacto da situação sobre o seu bem-estar.

1.5 Enfrentamento Religioso Espiritual

Uma das formas de lidar com o *stress* é pelo exercício da religião. A busca por sentido e significado envolvendo a relação com o sagrado, de modo individual e institucional é, de acordo com Pargament (1997), o que caracteriza a religião, enquanto que a busca apenas individual pelo sagrado define espiritualidade. A religião, segundo Koenig, McCullough e Larson (2001) e Koenig (2009) envolve a sistematização de crenças, a prática de rituais e o uso de símbolos com o objetivo de auxiliar na aproximação com o sagrado, de modo formal. Faz parte de uma tradição que surge de um grupo de pessoas que possuem crenças comuns relacionadas ao sagrado, e é com frequência praticada em uma comunidade. Enquanto a espiritualidade é menos formal e sistematizada, considerada atualmente como uma expressão mais popular do que a religião e em contrapartida, mais pessoal e livre de regras, focada no indivíduo e diz respeito à busca de respostas para questões existenciais, o significado da vida, a relação com o sobrenatural envolvendo ou não rituais e comunidades. Para Koenig et al. (2001) a religiosidade é vista como o reflexo do envolvimento religioso na vida do indivíduo, no cotidiano, nos hábitos e na interação com o mundo.

Religiosidade e espiritualidade (DALGALARRONDO, 2008) muitas vezes definidas como sinônimos são dimensões separadas de denominações e instituições religiosas. Com relação à religião, revela que esta se diferencia entre um contexto e período cultural e outro, por meio de várias concepções de sagrado e de Deus, além de haver religiões que tem um Deus perfeito e puro, outras deuses imperfeitos e instáveis, sem deuses ou que não atribuem a eles um papel central (budismo e o confucionismo), místicas (zen-budismo), com infernos e céus, monoteístas, matriarcais, patriarcais, entre outras. Tais religiões, em diferentes locais e momentos diversificam-se completamente em seus elementos constitutivos.

Lotufo Neto (1997) apresentou algumas visões dicotômicas a respeito dos significados da religião, para diferentes autores como Fromm (1950) que a descreveu tanto autoritária como humanista, sendo a primeira capaz de exercer controle, por meio de um Deus reverenciado e a quem se deve obediência e a segunda, capaz de dar ênfase na força e autorrealização do ser humano. Citou a visão de Schumaker (1992) que descreveu características a respeito do lado positivo e negativo da religião, sendo que o primeiro incluiria a capacidade de reduzir a ansiedade existencial, dar significado e contribuir para o bem-estar emocional, auxiliar no enfrentamento da dor e sofrimento, orientar moralmente e o segundo contribuiria para gerar níveis de culpa patológicos, diminuir a autoestima, reprimir a raiva, entre outros. Para Pinto (2009), a religiosidade tanto pode se constituir em força, quanto

refúgio, contribuir para o desenvolvimento pessoal, ético e comunitário ou aprisionar e provocar a esquiva da ansiedade diante de enfrentamentos. Esta pode estar em conformidade com a espiritualidade promovendo sentido ou alienação e superficialidade existencial, inclusive se sobrepor a esta última, o que é visto nos fanatismos religiosos de pessoas que, de modo ingênuo, sequer criticam a própria religião. Neste trabalho usar-se-á religião e espiritualidade como sinônimos.

Ao considerar as variações culturais e históricas da religião e sua relação com a saúde, Lotufo Neto (1997) descreveu a fé cristã como principal característica da Idade Média, período em que os principais sistemas de explicações disponíveis eram dados pela teologia e o empirismo aristotélico. Não havia nesta época separação entre o que se constituía em experiência religiosa (inclusive possessão demoníaca) e experiências psicológicas anormais, o que contribuía para que comportamentos, hoje vistos como patológicos fossem aceitos ou não, de acordo com o objetivo (a serviço de Cristo ou de Satanás). Para o mesmo, a experiência religiosa expõe a questão do relativismo cultural. A ignorância a respeito dos problemas de saúde (FARIA; SEIDL, 2005) favorecia que se divinizasse o desconhecido, pois se acreditava que deuses podiam causar e curar doenças.

Devido a este histórico na humanidade, Deus (2009) afirma que as ideias distorcidas e preconceituosas sobre a doença preencheram o atraso no conhecimento científico favorecendo relações, por exemplo, entre sentimento religioso e depressão explicadas por meio de causalidades referentes a divindades, demônios, pecado ou falta de fé. Associações que ainda se encontram profundamente enraizadas no homem e que são influências negativas aos cristãos gerando dificuldades na busca por tratamentos adequados.

Koenig (2007) destaca que no início do século XX autores importantes como Freud e Stanley Hall acreditavam, sem base científica, que a religião era causadora de neuroses, o que contribuiu para que a saúde mental menosprezasse as crenças e práticas religiosas dos pacientes. Durante muito tempo (MOREIRA-ALMEIDA; LOTUFO NETO; KOENIG, 2006) profissionais da área da saúde negaram a influência desta dimensão na humanidade e, além de considerá-la como patológica ou “moda antiga”, afirmavam que desapareceria à medida que a humanidade se desenvolvesse. Os conceitos a respeito da relação entre o uso da religião, espiritualidade e saúde mental, no entanto, têm mudado ao longo das décadas e centenas de estudos epidemiológicos mostram o contrário: a religiosidade é um aspecto importante na vida humana, tendo, em geral, associação positiva com boa saúde mental.

Para De Paiva (2007), no entanto, a saúde e a doença não devem passar pelo conceito religioso, uma vez que a modernidade possibilita autonomia na vida individual e social.

Especificamente com relação ao cristianismo e nas religiões, esta relação entre antiguidade e modernidade existe de modo peculiar e diverso, além de destacar que ambas as dimensões (antigas e modernas) se fazem presentes nas pessoas, que ora se comportam atribuindo a saúde às bênçãos de Deus e a doença à sua punição (concepção pré-moderna) e ora relacionam-na com boa disposição genética, alimentação, conhecimento e recursos econômicos. Para ele, diante de urgências pessoais ou situacionais, o enfrentamento das pessoas, pelo menos parcialmente, envolve, de modo frequente, recursos religiosos como orações, promessas, ritos, peregrinações de acordo com as diversas religiões e principalmente, nas cristãs.

Um dos pioneiros (SWANSON, 2003) a respeito da investigação científica de religiosidade e saúde foi Harold G. Koenig. Este autor (KOENIG, 2001b) assegura quatro razões para articulação entre religião e saúde: 1) as crenças e práticas religiosas podem estimular emoções positivas; 2) as crenças proporcionam sentido positivo ou negativo às experiências, conforme a visão de mundo que estabelecem; 3) como agentes de controle oferecem direção para comportamentos socialmente aceitos e 4) oferecem rituais que facilitam importantes estágios da vida. Para Koenig (2007) é a partir dos anos 90 e início do século XXI, no entanto, que estudos passam a apontar que pessoas religiosas não correspondiam ao quadro neurótico e instável frequentemente relatado no passado, mas que enfrentavam diferentes situações aversivas melhores que pessoas não religiosas. Em concordância a esta constatação, Koenig et al. (2001) se posicionam a respeito da relação entre religião e saúde associando o envolvimento religioso ao bem-estar, otimismo, índices de satisfação de vida, estabilidade nos relacionamentos, propósito e significado da vida e menores índices de ansiedade.

Dalgalarrodo (2008) considera que entre cientistas, filósofos e psicólogos sociais existe um consenso a respeito da importância da religião enquanto esfera de significados para os reveses da vida e que esta parece imprescindível aos momentos de impacto como morte, doenças graves, perda de pessoas próximas, entre outras. Registra a visão do sociólogo Manuel Castells (2001) para o qual a religião é aonde a humanidade busca consolo e refúgio. Para ele, algumas questões existenciais precisam de Deus e da fé para que se continue vivendo. Esta necessidade e a percepção do homem de ser inacabado o levaram a buscar novas possibilidades, assim, a dimensão espiritual se constitui como recurso de enfrentamento, por sua propriedade em ultrapassar a razão, o que em contextos de saúde-doença é fundamental (PERES; ARANTES; LESSA, 2007).

As razões pelas quais a religião possa ser parte do enfrentamento de um indivíduo podem ser explicadas, segundo Pargament (1997), pelo seu caráter convincente e pelo fato de que independentemente do momento é um recurso sempre disponível, além da atratividade proposta pelas soluções religiosas. Ressalta-se, inclusive, que há momentos em que a mesma não oferece soluções para os problemas, mas permanece parte do enfrentamento, pois há poucas ou nenhuma alternativa. Propõe-se que as pessoas recorram ao enfrentamento religioso e não a outros recursos não-religiosos quando as crenças e práticas religiosas compõem uma parte significativa de suas vidas e também quando o seu uso é urgente perante situações-limites.

Deste modo, o uso da religião, espiritualidade ou fé pelas pessoas para interpretar e lidar com as exigências pessoais ou circunstâncias da vida por meio de estratégias é denominado por Pargament (1997) de *Coping* Religioso Espiritual (CRE) estando os objetivos do mesmo, de acordo com Pargament, Koenig e Perez (2000) relacionados às funções da religião e, portanto, envolvem busca de significado, controle, conforto espiritual, intimidade e transformação de vida.

Para Koenig, Pargament e Nielsen (1998) o enfrentamento religioso (ER), diz respeito ao uso de crenças e comportamentos religiosos com vistas a facilitar a resolução de problemas, prevenir ou minimizar as consequências emocionais negativas advindas de situações estressantes. Wong-McDonald e Gorsuch (2000) consideram o ER como o modo com que as pessoas utilizam a fé para gerir o *stress* e problemas da vida, sendo que no conceito de fé podem-se incluir as crenças pessoais, religião e espiritualidade. Segundo Panzini e Bandeira (2005), autores que validaram a Escala de *Coping* Religioso Espiritual no Brasil, tal enfrentamento se refere à busca de apoio, por parte do indivíduo, nas crenças religiosas e na espiritualidade. Este conceito (PANZINI; BANDEIRA, 2007) presente nas diversas áreas da psicologia tem sido formulado a partir do modelo cognitivista do *stress* e do *coping*.

Pargament et al. (1988) buscam ampliar a relação da religião com a resolução de problemas, ao propor três estilos de enfrentamento, nos quais se desenvolve em cada um deles uma relação diferente entre o indivíduo, a religião e Deus. Explicam que estilos de resolução de problemas são padrões relativamente consistentes de respostas de enfrentamento a uma variedade de situações, neste caso, padrões religiosos de resolução de problemas. Três estilos foram formulados, autodireção (*Self-Directing*), delegação (*Deferring*) e colaboração (*Collaborative*).

No estilo de Autodireção, o indivíduo assume uma postura ativa na resolução de problemas, que é para ele sua responsabilidade. Deus não está envolvido diretamente no

processo, mas é visto como Aquele que dá às pessoas liberdade e recursos para direcionar suas próprias vidas. O estilo de Delegação contrasta o anterior e reflete a postura de alguns indivíduos que parecem transferir a responsabilidade pela resolução de problemas a Deus. No estilo Colaborativo, a responsabilidade pela resolução de problemas é conjunta entre o indivíduo e Deus. Ambos são contribuintes ativos, que trabalham juntos para resolver os problemas. Os estilos podem ter diferentes eficácias de acordo com os diferentes problemas de vida, por exemplo, a abordagem de autodireção pode ser mais útil ao lidar com situações controláveis e menos útil para situações como acidentes, morte, doença ou que estão além do controle e recursos pessoais. Nestas situações podem ser mais úteis os estilos de colaboração e delegação (PARGAMENT et al., 1988).

A variação entre os estilos se refere a duas dimensões implícitas na relação do indivíduo com Deus: o locus de responsabilidade pela resolução de problemas e o nível de atividade no processo. Estas dimensões têm sido usadas para distinguir pessoas com diferentes orientações religiosas (PARGAMENT et al., 1988). A este respeito, Allport (1973) destaca dois tipos de religiosidade (extrínseca e intrínseca), na primeira, os indivíduos se relacionam com a divindade em busca de satisfazer seus interesses. Em contrapartida, a religiosidade intrínseca oferece compreensão para os problemas da vida e é um fim em si mesmo, não sendo egoísta, mas madura. De acordo com Pargament et al. (1988) e em outros estudos (KOENIG; GEORGE; PETERSON, 1998; KOENIG et al., 2001; LOTUFO NETO, 1997) a orientação intrínseca se relacionou com estados mentais e de personalidade saudáveis, além da diminuição de sintomas depressivos.

Em 1997, Pargament propôs um quarto estilo denominando-o de súplica ou petição (*pleading; petitionary*). Neste estilo, o indivíduo tenta influenciar a vontade de Deus, ativamente, por meio de petições. Além dos estilos propostos por Pargament et al. (1988) e Pargament (1997), Wong-McDonald e Gorsuch (2000) propõem um estilo de enfrentamento denominado entrega/rendição (*surrender*). A entrega difere do estilo de delegação, pois não seria uma espera passiva pelo cuidado de Deus sobre todas as coisas, mas ao invés disso implicaria numa escolha ativa por renunciar à própria vontade, em favor da vontade de Deus. Relacionar-se-ia com o estilo de enfrentamento colaborativo, uma vez que, indivíduo e Deus são ativos na resolução de problemas.

No entanto, para Wong-McDonald e Gorsuch (2000), a entrega vai além deste estilo de enfrentamento, pois diz respeito à atitude de escolher os caminhos de Deus, buscar a Sua vontade e agir de acordo com ela quando a própria opinião difere da de Deus. A ênfase é dada em Mt 26:39 “Não seja como eu quero, mas como Tu queres”, o que implica em um ato de

sacrifício para submeter-se à vontade de Deus, distinguindo entrega de colaboração. De acordo com os autores, apesar da existência de validade suficiente para considerar a dimensão como um estilo de enfrentamento distinto, a mesma foi relacionada aos demais estilos e também tem correlação com religiosidade intrínseca, bem-estar espiritual, locus de controle em Deus e com a importância religiosa. Pargament (1997) destaca que, em geral, as crenças e práticas religiosas diante de um evento de vida estressante são traduzidas em formas específicas de enfrentamento e é esta característica que parece ter implicação direta sobre a saúde do indivíduo em momentos de *stress*.

Neste sentido, baseados nos estilos, Pargament et al. (1998a) apresentam dois padrões de enfrentamento religioso, que são estratégias de CRE e que podem ser classificadas em positivas e negativas, de acordo com o modo com que se relacionam com a saúde do indivíduo. As primeiras associam-se a alternativas que proporcionam benefícios ao praticante e possibilitam a expressão do sentimento de espiritualidade, relação segura com Deus, conexão espiritual com outros, busca de sentido na vida, reavaliações positivas do estressor, enfrentamento religioso colaborativo, busca de apoio de clérigos ou membros, perdão religioso, purificação religiosa e foco religioso. Contrariamente, o padrão negativo expressa uma relação menos segura com Deus, visão ameaçadora do mundo e um esforço religioso na busca de significado, que pode ser definido por reavaliações negativas do estressor como de influência demoníaca ou castigo divino, reavaliações dos poderes de Deus, descontentamento espiritual e religioso interpessoal (clero e membros), delegação e intervenção divina, consequentemente, prejudiciais à pessoa.

Segundo Koenig (2001a), apesar das relações positivas entre religião e saúde, não significa que a religião sempre evoque resultados satisfatórios e promova emoções e estilos de vida saudáveis. Pargament et al. (1998b) inclusive questionam, como saber se ela é parte do problema ou da solução quando as pessoas se deparam com as crises da vida e, neste sentido identificaram três dimensões hipoteticamente ineficazes de enfrentamento religioso: 1) “Direção errada”, que compreende três domínios a) “autonegligência” que envolve ênfase exagerada na religião; b) “autoadoração” que é a ênfase em objetivos e valores pessoais e c) “apatia religiosa”, que diz respeito à desvalorização de si e dos outros; 2) “Caminho errado” que é a inadequação das estratégias de enfrentamento religioso para demandas de eventos críticos de vida. Quatro variáveis desta dimensão foram desenvolvidas e os autores alertam sobre o enfrentamento ineficaz, sendo elas castigo de Deus, passividade religiosa, vingança religiosa e negação religiosa. Por fim, a dimensão 3) “Contra o vento” que tem como foco os

conflitos religiosos interpessoais, bem como os conflitos com o dogma da igreja, com Deus ou consigo mesmo.

Para medir o modo como as pessoas fazem uso da religião para lidar com estressores, Pargament, et al. em 2000, desenvolveram a escala de *Coping* Religioso Espiritual (RCOPE) e destacaram que uma situação de *stress* pode ser entendida por meio da religião de diversas maneiras: 1) redefinição do estressor como oportunidade de crescimento espiritual (*Benevolent Religious Reappraisal*); 2) redefinição da situação como castigo de Deus (*Punishing God Reappraisal*); 3) redefinição da situação como obra do diabo (*Demonic Reappraisal*) e 4) questionamento do poder de Deus para afetar a situação (*Reappraisal of God's Powers*). A escala, portanto, avalia e confirma o uso de diferentes funções religiosas (positivas ou negativas) no enfrentamento feito pelo sujeito diante de situações estressantes. Os autores acrescentaram que os estilos autodireção, colaboração e entrega são vistos como CRE positivo, e delegação e súplica como CRE negativo.

Sobre o estilo de súplica, Panzini (2004) ao verificar a análise fatorial das questões na validação da versão brasileira da escala pôde constatar que algumas das questões do estilo de súplica classificaram positiva e negativamente, o que sugeriu a possibilidade da existência de súplica positiva e negativa, e para diferenciar considerou o que se pede e a forma como se faz. Sendo assim, ao suplicar buscando interferir na vontade de Deus, segundo a própria vontade denominar-se-ia súplica negativa e ao suplicar respeitando a vontade de Deus em detrimento da pessoal e pedindo apoio denominar-se-ia súplica positiva.

Na maior parte das vezes, as crenças religiosas ajudam nas circunstâncias difíceis da vida, dando significado e contribuindo psicologicamente. O uso do enfrentamento religioso promove uma visão positiva do mundo, que facilita a aceitação do sofrimento e reduz a necessidade de controle pessoal sobre as situações, além de estar disponível para todas as pessoas, independentemente das questões financeiras, sociais, físicas ou mentais (KOENIG, 2009).

Sobre a identificação de padrões positivos e negativos no uso do enfrentamento religioso espiritual, Pargament et al. (1998a) pesquisaram a relação destes com os principais estressores da vida e as implicações na saúde e adaptação. Nos três grupos investigados (membros de duas igrejas, universitários e doentes hospitalizados) o uso do enfrentamento religioso positivo foi maior que o negativo, o que demonstrou que as pessoas refletiram um relacionamento seguro com Deus, espiritualidade e uma visão de mundo confiante. Apesar de menos frequentes, também foram utilizados padrões negativos, o que refletiu uma orientação

religiosa diferente. Os dois padrões (positivo e negativo) foram associados a diferentes resultados, especificamente quanto à saúde mental.

De outra perspectiva, Pargament et al. (1998b) buscaram identificar se o uso negativo da religião estaria de fato relacionado com baixa saúde mental (ansiedade, dificuldade na resolução de problemas, baixa autoestima, entre outros). A amostra de 245 participantes envolveu membros de uma Igreja Católica Romana (n=49) e estudantes de uma grande universidade (n=196). De modo inesperado, duas dimensões “Autonegligência” e “Negação religiosa” estiveram relacionadas em vários casos a melhor saúde mental.

O tipo de religião e suas crenças, no estudo de Tix e Frazier (1998) sugeriu relação com o enfrentamento religioso, se correlacionando de modo mais significativo ao ajustamento psicológico de evangélicos e não de católicos, contribuindo para satisfação com a vida e menores índices de angústia. Koenig et al. (1998a) analisaram possíveis associações entre comportamentos positivos e negativos de enfrentamento religioso em 577 pacientes, com problemas de saúde física aguda e crônica, hospitalizados, com 55 anos ou mais. Identificaram-se enfrentamentos religiosos positivos e negativos, sendo os primeiros fortemente associados à saúde mental com menores índices de depressão e maior qualidade de vida, tais relações persistiram ao controlar variáveis como idade, sexo, raça, educação e gravidade da doença. O enfrentamento religioso negativo foi frequentemente associado com pior saúde física se relacionando positivamente à depressão e negativamente a qualidade de vida. Os dados evidenciaram que adultos mais velhos doentes, que lidam com a própria doença por meio de apoio espiritual e conforto a outros são menos propensos à depressão, possuem maior qualidade de vida, maior crescimento em situações de *stress* e são mais cooperativos em geral.

Pargament et al. (2000) ao desenvolverem a Escala de *Coping* Religioso Espiritual (RCOPE) entrevistaram 540 estudantes universitários e 551 idosos hospitalizados, ambos vivenciaram eventos de vida negativos. Os resultados assinalaram que os aspectos positivos do enfrentamento religioso foram mais frequentes do que os aspectos negativos. Os universitários, porém, apresentaram maior tendência para alguns dos aspectos negativos do enfrentamento religioso espiritual (“Descontentamento espiritual e “Reavaliação dos poderes de Deus”).

O único estudo encontrado sobre uso da escala de *coping* religioso espiritual entre religiosos foi realizado por Pargament et al. (2001) e envolveu três amostras de grupos filiados à Igreja Presbiteriana dos EUA, sendo 735 membros, 823 líderes leigos (anciãos) e 1.260 pastores ordenados ministros da palavra e dos sacramentos. Os resultados

demonstraram que o enfrentamento religioso foi associado significativamente com depressão e satisfação religiosa para cada um dos três grupos do estudo. O clero apresentou mais uso de enfrentamento religioso positivo que membros e anciãos, sendo o enfrentamento destes últimos, por sua vez, mais alto do que o dos membros. Apesar da baixa frequência do enfrentamento religioso negativo, o clero não se diferenciou em relação aos membros, mas indicou níveis mais elevados em relação aos anciãos. Nos dados coletados também se evidenciou que apesar do enfrentamento positivo ter sido maior para o clero do que para os demais e se relacionar com a satisfação e menores índices de depressão, a relação entre o enfrentamento religioso negativo e a depressão também foi maior para estes.

No Brasil, segundo Dalgalarro (2007), a pesquisa científica sobre religião e saúde iniciou-se de modo sistemático a partir da década de 1930. Nos últimos 15 anos esses trabalhos vêm se intensificando.

Para validar a versão brasileira da escala RCOPE e relacionar o enfrentamento religioso espiritual com saúde e qualidade de vida, Panzini (2004) entrevistou 616 pessoas de diversas religiões (espírita, católica, evangélica, judaica, batuque, umbanda e teosofia) ou de grupos não institucionalizados (de oração ou bioenergia), entre 13 e 82 anos e pôde concluir que altos índices de CRE Total (o panorama da quantidade de CRE praticado) e baixos de Razão CREN/CREP (percentual de CRE negativo utilizado em relação ao CRE positivo) relacionaram-se com problemas de saúde física, o que se deu de modo inverso com os problemas de saúde emocionais. A qualidade de vida e o CRE Total relacionaram-se de modo significativo e positivamente, assim como o CREP, enquanto que o CREN se correlacionou negativamente.

A variável da religião e sua correlação com o enfrentamento religioso assinalou diferenças no estudo de Bongiovanni et al. (2005) citados por Panzini e Bandeira (2007), no qual espíritas, católicos, evangélicos, de outras denominações, espiritualizados sem religião, ateus/agnósticos apresentaram nesta ordem distinção quanto ao uso de CRE e quanto à razão CREN/CREP. A melhor proporção esteve nos indivíduos de religião espírita, católica e evangélica, respectivamente, que apresentaram valores bem próximos do mínimo proposto.

O estudo de Mellagi (2009) relacionou-se ao enfrentamento religioso de pacientes homens portadores de HIV, católicos (n=50) e evangélicos (n=30). Os resultados evidenciaram diferenças significativas entre o CRE Total e o CRE positivo e negativo. O primeiro foi maior para os católicos, enquanto o CRE Positivo e o CRE Negativo foram maiores para os evangélicos. No geral, o alto índice de CRE Total revelou para ambos os grupos, o uso do enfrentamento religioso em relação a outras formas de enfrentamento e

também que para os católicos e evangélicos houve maior uso de enfrentamento positivo do que negativo. Tais resultados, no entanto, não possibilitaram determinar que aspectos da qualidade de vida ou da doença foram mais influenciados pelo CRE, ou seja, as consequências positivas ou não do mesmo, uma vez que tais aspectos não foram avaliados.

Por fim, Reis (2012) investigou o enfrentamento religioso espiritual utilizado por 30 pacientes com hepatite C nos três primeiros meses de tratamento. No geral, a amostra fez mais uso de CRE positivo, do que negativo e os fatores mais pontuados pelos primeiros, em ordem, foram Posicionamento positivo frente a Deus 62,3%; Transformação de Si e/ou de sua vida 60,2%; Oferta de ajuda ao outro 55,2%; Afastamento através de Deus, da religião e/ou espiritualidade 54,4%; Busca pessoal de crescimento espiritual 53,7%; Ações em busca do outro institucional 40,3%; Ações em busca de ajuda espiritual 39,1% e Busca pessoal de conhecimento espiritual 37,7% e quanto aos segundos foram Posicionamento negativo frente a Deus 42,3%; Insatisfação com o outro institucional 32,9%; Reavaliação negativa do significado 24% e Reavaliação negativa de Deus 11,8%. Para a autora, o uso de CRE positivo contribuiu para alterações de padrões comportamentais, afetivos e psicológicos diante das situações de *stress* relatadas.

Considerando todo o exposto, o presente estudo contribui à literatura por ser a ocupação religiosa parte das atividades profissionais relativas à área das relações humanas, área esta que tem sido alvo de pesquisadores por se constituir em fonte de *stress* levando a deterioração da saúde física e mental. Além disso, líderes religiosos são importantes formadores de opinião, influenciadores, tornando relevante conhecer o modo como utilizam a fé para o enfrentamento das adversidades, bem como se a religião interfere neste processo.

2 OBJETIVOS

Geral

Identificar a vulnerabilidade ao *stress* no trabalho e o enfrentamento/ *coping* religioso espiritual em líderes religiosos cristãos.

Específicos

Relacionar os índices do *coping* religioso espiritual (CRE) com os fatores de vulnerabilidade ao *stress* no trabalho.

Relacionar os índices de CRE e os fatores de vulnerabilidade ao *stress* no trabalho com as variáveis sociodemográficas de idade, escolaridade e tempo de ordenação.

3 MÉTODO

Este estudo teve um delineamento de *survey* (levantamento de campo) com propósito descritivo e comparativo, em corte transversal. O referencial teórico é o da análise do comportamento, além de considerar, para o estudo do *stress*, o modelo proposto por Lipp e para o de enfrentamento religioso espiritual, o modelo de Pargament.

3.1 Participantes

Participaram deste estudo 80 líderes religiosos (40 padres e 40 pastores), do sexo masculino, de uma cidade do interior do Oeste Paulista e também de seus arredores.

3.2 Local

Os participantes responderam aos instrumentos em suas respectivas igrejas, residências ou escritórios.

3.3 Material

Utilizou-se como um dos instrumentos de coleta de dados, um questionário de informações sociodemográficas elaborado pelas autoras, com o objetivo de delinear o perfil dos participantes de modo a permitir posteriores comparações entre eles. As variáveis de identificação se restringiram à função, idade, tempo de ordenação (período em que padres e pastores exercem ministério), estado civil, escolaridade e exercício ou não de outra atividade remunerada (Apêndice A). A vulnerabilidade ao *stress* foi avaliada por intermédio da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho - EVENT¹ (SISTO et al., 2007) que tem como objetivo avaliar o quanto as circunstâncias do dia-a-dia do trabalho influenciam a conduta do indivíduo, caracterizando certa fragilidade. O instrumento relaciona-se com medidas de *stress* e a intensidade com que a vulnerabilidade é percebida pode variar entre diferentes grupos profissionais.

¹Por ser instrumento de avaliação exclusivo do uso de psicólogos, não consta nos anexos.

Compõe-se de 40 itens que se relacionam a situações geradoras de *stress* e que estão subdivididos em três fatores: 1) Clima e Funcionamento Organizacional (16 itens) que envolve a inadequação do ambiente e da chefia, conflitos com supervisor, expectativa com relação aos chefes, falta de possibilidade de crescimento, inexistência de plano de remuneração, falta de apoio dos colegas, de valorização, inadequação de salário, falta de reconhecimento de autoridade pelos pares ou superiores e autoritarismo. As pontuações deste fator são inferior até 9 pontos (10 a 25%), médio-inferior de 10 a 14 (30 a 40%), médio 15 (50%), médio superior de 16 a 20 (60 a 75%) e superior 21 ou mais (80 a 90%), sendo a pontuação máxima equivalente a 32 pontos; 2) Pressão no trabalho (13 itens) que diz respeito ao acúmulo de funções, excesso de responsabilidade, realização de tarefa de outros, curtos prazos e ritmo elevado de trabalho. As pontuações correspondem à inferior até 10 pontos (10 a 25%), médio inferior de 11 a 13 (30 a 40%), médio 14 (50%), médio superior de 15 a 19 (60 a 75%) e superior 20 ou mais (80 a 90%) sendo a máxima de 26 pontos e por fim, 3) Infraestrutura e rotina (11 itens) compreendendo longas jornadas, doenças ou acidentes, equipamentos malconservados, absenteísmo por doenças, mudanças na rotina comprometendo horário de trabalho, condições financeiras e chefia, falta de trabalho em equipe, atraso nos salários e problemas no ambiente físico. A pontuação inferior é até 3 pontos (10 a 25%), médio inferior de 4 a 5 (30 a 40%), médio 6 (50%), médio superior de 7 a 9 (60 a 75%) e superior 10 ou mais (80 a 90%), com máxima de 22 pontos.

O sujeito deve pontuar nos itens que lhe causam incômodo, a partir de uma escala *likert*, que varia de zero a dois pontos. O resultado da pontuação geral se dá pela soma dos itens assinalados pelos indivíduos variando de 0 a 80 pontos. A escala pode ser aplicada individual e coletivamente, em grupos de 60 pessoas, no máximo e com tempo limite de 20 minutos para sua realização.

O enfrentamento religioso (ER) ou *Coping* Religioso Espiritual (CRE) foi avaliado pela Escala de *Coping* Religioso Espiritual – Escala CRE (PANZINI; BANDEIRA, 2005), versão brasileira da RCOPE *Scale* de Pargament et al. (2000) traduzida, adaptada e validada por Panzini (2004). O enunciado descreve aos participantes o conceito de *Coping* Religioso Espiritual e de *stress* e solicita aos mesmos que escrevam a principal situação de *stress* vivenciada nos últimos três anos e a partir desta situação, que respondam as afirmações conforme o uso ou não que fizeram da religião/espiritualidade para enfrentá-la, atribuindo-se valores, em uma escala *likert* de cinco pontos. O instrumento avalia estratégias religiosas de enfrentamento e é composto por 87 itens, subdividido em oito fatores positivos (66 itens), que são os fatores da “Dimensão de CRE positivo”:

Fator P1 - Transformação de si e/ou sua vida

Fator P2 - Ações em busca de ajuda Espiritual

Fator P3 - Oferta de ajuda ao outro

Fator P4 - Posicionamento positivo frente a Deus

Fator P5 - Busca pessoal de crescimento espiritual

Fator P6 - Ações em busca do outro institucional

Fator P7 - Busca pessoal de conhecimento espiritual

Fator P8 - Afastamento através de Deus, da religião e/ou da espiritualidade

Os quatro fatores negativos (21 itens) são os fatores da “Dimensão de CRE Negativo”:

Fator N1 - Reavaliação negativa de Deus

Fator N2 - Posicionamento negativo frente a Deus

Fator N3 - Reavaliação negativa do significado

Fator N4 - Insatisfação com o outro institucional

A escala possui um parâmetro entre 1,00 e 5,00 pontos para análise dos valores e suas classificações. Deste modo, os valores das médias de CRE, de 1,00 a 1,50 são classificados como irrisório; de 1,51 a 2,50 baixo; de 2,51 a 3,50 médio; de 3,51 a 4,50 alto e de 4,51 a 5,00 altíssimo. Ou seja, quanto mais alto o valor, entre 1,00 e 5,00, maior o uso de CRE Positivo (CREP) ou CRE Negativo (CREN) pelo respondente. A avaliação do participante considera quatro índices principais (dois dimensionais) que se referem aos tipos de CRE praticados pelo indivíduo (positivo/negativo) e seus níveis e dois índices gerais (Razão CREN/CREP e CRE Total) que agregam todas as informações da escala relacionando as dimensões citadas anteriormente. O primeiro diz respeito ao percentual de CRE Negativo utilizado em relação ao CRE Positivo e o segundo oferece a quantidade total de CRE's (positivo e negativo) praticado pelo indivíduo. Deste modo obtêm-se o total de comportamentos religiosos espirituais executados/avaliados (PANZINI, 2004).

3.4 Procedimento

Concomitante a submissão do trabalho à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP e aprovação do mesmo, conforme o processo de nº 277.737 (Anexo A), foi realizado um levantamento da quantidade de Igrejas Católicas e Quadrangulares, bem como o número total de padres e pastores de cada uma delas em uma cidade do interior do Oeste Paulista, resultando deste levantamento 47 padres registrados pelo *site* do bispado e 42 pastores registrados na Igreja do Evangelho Quadrangular da mesma cidade citados no *site* da instituição. Posteriormente, os responsáveis pelos líderes religiosos, bispos e superintendentes regionais foram contatados e informados sobre a finalidade do estudo. Após aprovação dos mesmos, os pastores e padres foram convidados possibilitando, assim, a livre adesão dos interessados.

O convite para agendamento das entrevistas se deu por telefone, as quais ocorreram mediante horário previamente estabelecido. Os participantes foram orientados sobre os objetivos do estudo, a ausência de qualquer ônus para a participação na pesquisa e o sigilo das informações, o que foi validado pela concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) elaborado em atendimento aos normativos presentes na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sobre critérios de pesquisa envolvendo seres humanos. Os mesmos também foram esclarecidos que seriam informados sobre a conclusão da pesquisa e, portanto, teriam a possibilidade de acesso aos resultados do estudo.

Após todas as ressalvas e elucidação das dúvidas, a Escala CRE, a EVENT e o Questionário Sociodemográfico foram aplicados nesta ordem, pela própria pesquisadora. As instruções e a aplicação dos instrumentos se deram para grande parte, em seus próprios locais de trabalho (igreja/paróquia), porém alguns solicitaram atendimento em seu escritório ou casa. O tempo médio de aplicação foi de aproximadamente 30 minutos e o período de coletas durou quatro meses.

Por motivo de recusa na participação e mudanças na quantidade de liderança efetiva divulgada pelos sites de ambas as instituições, aproximadamente 100 líderes foram contatados, incluindo cidades circunvizinhas para completar o total de 80 líderes pesquisados.

3.5 Análise dos Dados

Os dados foram tabulados mediante as instruções oferecidas pelo manual da Escala de Vulnerabilidade ao *stress* no trabalho (EVENT) elaborado por Sisto et al. (2007) e pelas

informações concedidas por Panzini e Bandeira (2005) a respeito da Escala de *Coping* Religioso Espiritual (CRE). Os mesmos também foram comparados intra e entre grupos, por análise descritiva e inferencial considerando-se, inclusive, as variáveis sociodemográficas e possíveis relações entre vulnerabilidade ao *stress* no trabalho e CRE.

A caracterização da amostra, no que se refere às informações obtidas pelo Questionário Sociodemográfico (aspectos relativos à função, idade, tempo de ordenação, estado civil, escolaridade e realização de outra atividade remunerada) ocorreu em termos numéricos e percentuais, bem como os resultados alcançados pelos pela EVENT e CRE, que também incluíram tabelas explicativas.

Para diferenciação entre grupos foi feito uso do teste Mann-Whitney e para identificar possíveis correlações entre os instrumentos utilizou-se a correlação de Spearman, testes não-paramétricos. A análise estatística foi realizada com o auxílio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS).

4 RESULTADOS

4.1 Caracterização da Amostra

A caracterização dos líderes religiosos pesquisados foi realizada por meio do Levantamento Sociodemográfico (Apêndice A).

Dos 40 pastores pesquisados e suas respectivas funções, 87,5% eram pastores titulares e 12,5% pastores auxiliares. Dos 40 padres, 80% eram padres diocesanos ou seculares e 20% frades. Com relação às funções exercidas por eles, 80% eram párocos ou administradores paroquiais, 12,5% vigários e 7,5% faziam Uso de Ordem ou vida em seminário.

Com relação à idade, a amostra foi dividida em três faixas etárias, sendo que a maior concentração de pastores 62,5% e padres 57,5% foi de 41 a 60 anos. Na faixa de 20 a 40 anos, os líderes religiosos representaram 27,5% pastores e 30% padres e de 61 a 81 anos, corresponderam a 10% dos pastores e 12,5% dos padres.

Sobre o tempo de ordenação, 37,5% dos pastores possuíam de 2 a 10 anos. Na faixa etária de 11 a 20 anos houve 22,5% dos pastores. Em seguida, 17,5% possuíam de 21 a 30 anos, 15% até um ano e 7,5% de 31 a 40 anos de ministério.

Nos líderes religiosos católicos, 37,5% possuíam de 11 a 20 anos de ordenação. Com ordenação de 2 a 10 anos eram 35%. De 21 a 30 anos estavam 20%, 2,5% tinham até um ano, 2,5% de 31 a 40 anos e 2,5% de 41 a 50 anos.

Quanto ao estado civil, restrito aos pastores, 97,5% eram casados, enquanto que 2,5% eram viúvos. Considerando o nível de escolaridade destacou-se que 52,5% dos pastores possuíam Ensino Médio Completo, 25% possuíam Ensino Fundamental Completo, 10% Ensino Fundamental Incompleto e apenas 2,5% Ensino Superior.

Dos padres, 100% possuíam Ensino Superior e destes, 37,5% Pós-Graduação (Especialização, Mestrado ou Doutorado), 20% outra formação superior, além do Ensino Superior em Teologia e Filosofia e, 2,5% cursavam outra faculdade.

Por fim, no que se refere à realização de outra atividade remunerada, além do ministério, nos resultados de padres e pastores, 60% dos pastores possuíam trabalho secular e destes, 75% o exerciam na frequência de até 8h/dia, 21% até 6h e 4% até 12h. Em contrapartida, 92,5% dos padres não possuíam outra atividade além do ministério e dos 7,5% que a possuíam, 2,5% a exerciam em horário variável, 2,5% até 4h e 2,5% até 12h.

4.2 Vulnerabilidade ao *Stress* no trabalho (EVENT)

As pontuações apresentadas por pastores e padres na Escala de Vulnerabilidade ao *Stress* no Trabalho (EVENT) foram classificadas de acordo com a Tabela 37 do manual elaborado por Sisto et al. (2007) para quaisquer profissionais, uma vez que nenhuma das tabelas disponibilizadas engloba a ocupação de líderes religiosos.

Assim, a Tabela 1 mostra as classificações atingidas pelos pastores e padres nos três fatores medidos pela escala.

Tabela 1 - Frequência e classificação dos pastores e padres participantes quanto aos fatores 1, 2 e 3 de Vulnerabilidade ao *stress* no trabalho

FATOR 1 (Clima e Funcionamento Organizacional)			FATOR 2 (Pressão no Trabalho)			FATOR 3 (Infraestrutura e Rotina)		
Pastores	Padres	Classificação	Pastores	Padres	Classificação	Pastores	Padres	Classificação
21 (52,5%)	27 (67,5%)	Inferior	10 (25%)	12 (30%)	Inferior	13 (32,5%)	17 (42,5%)	Inferior
7 (17,5%)	6 (15%)	Médio Inferior	5 (12,5%)	5 (12,5%)	Médio Inferior	7 (17,5%)	13 (32,5%)	Médio Inferior
3 (7,5%)	2 (5%)	Médio	3 (7,5%)	2 (5%)	Médio	5 (12,5%)	3 (7,5%)	Médio
5 (12,5%)	3 (7,5%)	Médio Superior	14 (35%)	15 (37,5%)	Médio Superior	6 (15%)	3 (7,5%)	Médio Superior
2 (5%)	1 (2,5%)	Superior	8 (20%)	5 (12,5%)	Superior	7 (17,5%)	4 (10%)	Superior
2 (5%)	1 (2,5%)	Não classificaram		1 (2,5%)	Não classificaram	2 (5%)		Não classificaram

Os resultados indicaram com relação ao Fator 1 (Clima e Funcionamento Organizacional), que houve variação nas pontuações entre 0 e 22 para os pastores e 0 e 23 para os padres, em um intervalo possível de 0 a 32 pontos. As pontuações para os dois grupos de líderes religiosos neste fator, 21 (52,5%) pastores e 27 (67,5%) padres foi inferior. Referente ao Fator 2 (Pressão no Trabalho) a variação para os líderes evangélicos foi de 4 a 25 pontos e para os líderes católicos de 0 a 24 pontos, considerando escala que comporta pontuações de 0 a 26 pontos. O primeiro, 14 (35%) e o segundo grupo, 15 (37,5%) obteve pontuação médio superior neste item. Sobre o Fator 3 (Infraestrutura e Rotina) as pontuações variaram entre 0 e 13 para os pastores e 1 e 13 para os padres, em intervalo de 0 a 22 pontos. Para 13 (32,5%) dos pastores e 17 (42,5%) dos padres neste fator, houve pontuação inferior.

No geral, o levantamento mostrou que pastores e padres apresentaram vulnerabilidade ao *stress* apenas com relação ao Fator 2 (Pressão no Trabalho), com índice médio superior. Apesar disso, o número de líderes religiosos evangélicos e católicos que pontuaram não correspondeu à metade do total da amostra e estatisticamente, em nenhum dos fatores da EVENT, os mesmos, quando comparados, atingiram média significativa.

Com relação à medida de *stress* geral, as pontuações variaram entre 5 e 52 para os pastores e 2 e 57 para os padres, num intervalo possível de 0 a 80 pontos. Como o manual do EVENT não apresenta esta categoria profissional, os valores foram comparados a três grupos,

que se assemelham à amostra constituinte deste trabalho (grupos de profissionais com ensino superior - Tabela 40, grupo de profissionais com ensino médio - Tabela 41 e grupo de profissionais sem o ensino médio – Tabela 42). Neste aspecto, tanto os pastores, quanto os padres pontuaram de modo inferior no índice de *stress* geral.

Por meio da Escala de *Coping* Religioso Espiritual buscou-se identificar como pastores e padres utilizam a fé diante de situações adversas. Para isso, foram mensuradas as dimensões positivas e negativas do enfrentamento religioso espiritual, ou seja, o CREP e CREN da escala, bem como a razão CREN/CREP e o índice de CRE Total de cada um dos grupos.

4.3 *Coping* Religioso Espiritual – Pastores

A figura 1 exibe as pontuações dos pastores nos índices dimensionais (CREP e CREN) e gerais (Razão CREN/CREP e CRE Total) da Escala.

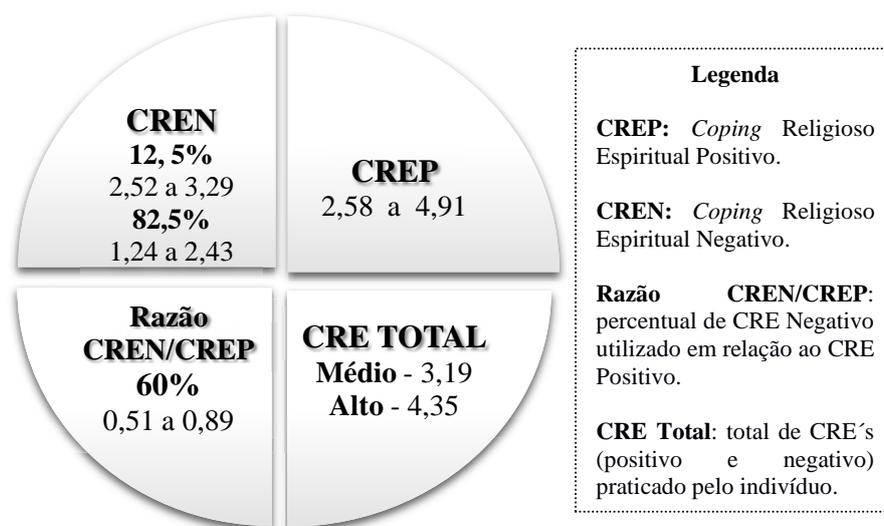


Figura 1. Índices de CREP, CREN, Razão CREN/CREP e CRE Total dos pastores participantes

Observou-se, pela avaliação dos índices da Escala, que o CREP dos pastores variou de 2,58 para o valor mais baixo, ainda assim, acima do valor médio (2,51) a 4,91 para o valor mais alto, ou seja, toda a amostra classificou de médio a altíssimo nesta dimensão. Quanto ao CREN, o valor mais baixo correspondeu a 1,24 e o mais alto a 3,29. Sete (12,5%) pastores pontuaram de médio a alto e 33 (82,5%) de modo irrisório e baixo.

Nos valores indicados pela razão CREN/CREP, 24 (60%) dos pastores pontuaram entre 0,51 e 0,89, em um intervalo possível de 0,20 a 5,00, no qual quanto mais alto o valor,

maior o uso de CREN. O resultado indicou que os mesmos utilizaram de 51% a 89% de CREN em relação ao CREP, não correspondendo ao mínimo proposto para um resultado positivo, de acordo com a Escala (Razão CREN/CREP $\leq 0,50$) (PANZINI, 2004). Sobre o CRE Total utilizado pelos pastores, a amostra variou de médio a alto, com o percentual de 85% pontuando entre 3,51 e 4,35, o que correspondeu a um CRE alto.

Considerando que o enunciado da escala solicita aos participantes que descrevam a principal situação de *stress* vivida nos últimos três anos, as principais para os pastores estiveram relacionadas a problemas familiares (42,5%), ministério (20%), questões profissionais (15%), financeiros (10%), problemas de saúde (7,5%), de terceiros (7,5%), falta de apoio da comunidade e instituição (7,5%), dificuldades de relacionamento com membros e hierarquia (5%) e trabalho com missões (2,5%). O modo como tais líderes fizeram uso dos oito fatores que compõem a dimensão de CREP para o enfrentamento de tais situações foram analisados da seguinte forma:

No Fator “Transformação de si/sua vida”, 22 (55%) dos pastores pontuaram de modo alto; 16 (40%) de modo médio e apenas um (2,5%) de modo baixo e um (2,5%) de modo altíssimo. Quanto ao fator “Busca de Ajuda Espiritual”, 16 pastores (40%) marcaram de modo baixo, 14 (35%) médio, oito (20%) alto e apenas dois (5%) de modo irrisório.

O fator “Oferta de ajuda ao outro” foi pontuado por 23 (57,5%) em alta; 10 (27,5%) média; 6 (15%) altíssima e um (2,5%) com pontuação baixa.

No fator “Posição positiva frente a Deus”, 20 (50%) pastores pontuaram de modo altíssimo; 19 (47,5%) alto e apenas um (2,5%) de modo médio.

Com relação aos fatores “Busca de crescimento espiritual” e “Busca do outro institucional”, 21 (52,5%) e 19 (47,5%) respectivamente, obtiveram pontuação alta. Também houve pontuação média nos dois fatores para 15 (37,5%) dos participantes, divergindo com relação à pontuação baixa, onde no primeiro pontuaram três (7,5%) pastores e no segundo, cinco (12,5%). Quanto à pontuação altíssima, apenas um (2,5%) marcou em “Busca de crescimento espiritual” e um (2,5%) em “Busca do Outro Institucional”.

No fator de CREP, “Busca de conhecimento espiritual”, 20 líderes evangélicos (50%) estiveram na média; 13 (32,5%) em baixa; seis (15%) em alta e apenas um (2,5%) marcou de modo altíssimo.

O último fator positivo, “Afastamento através de Deus/religião/espiritualidade” teve 21 (52,5%) pastores pontuando em alta; 16 (40%) em média e três (7,5%) em baixa.

Dos fatores que envolvem o CREP foi possível constatar que os mais utilizados pelos pastores, com pontuação alta ou altíssima, foram: “Transformação de Si/Sua vida”, “Oferta de

ajuda ao outro”, “Posição positiva frente a Deus”, “Busca de crescimento espiritual”, “Busca do outro institucional” e “Afastamento através de Deus/religião/espiritualidade”. Dos oito fatores, apenas um obteve pontuação média por 50% “Busca de conhecimento espiritual” e baixa por 40% “Busca de apoio espiritual”.

Salientando que a Escala CRE contempla o nível de CRE negativo praticado pelo respondente, os fatores de CREN computados separadamente indicaram com relação ao fator “Reavaliação negativa de Deus” que 32 (80%) dos pastores não utilizaram este CREN, marcando pontos de modo irrisório. Houve sete pastores (17,5%) com pontuação baixa e apenas um (2,5%) com média.

O segundo fator negativo, “Posição negativa frente a Deus” marcou igualmente com 16 participantes (40%) em baixa e média. Apenas seis pastores (15%) classificaram em alta e dois (5%) em altíssima.

Referente à “Reavaliação negativa do significado”, 15 líderes, o equivalente a 37,5%, obtiveram pontuação média; 12 (30%), baixa; nove (22,5%), irrisória; três (7,5%), alta e apenas um (2,5%) altíssima.

O último fator negativo “Insatisfação com o outro institucional” teve a metade dos líderes, 20 (50%) pontuando de modo irrelevante. Os demais representaram 12 (30%), em baixa; sete (17,5%), em média e um (2,5%), em alta.

Resumindo, o fator “Posição negativa frente a Deus” obteve índices de médio a altíssimo por 60% da amostra, “Reavaliação negativa do significado” pontuou de modo médio a altíssimo por 47,5% dos pastores; “Insatisfação com o outro institucional” de médio a alto por 20% e “Reavaliação negativa de Deus” de modo médio por 2,5% dos pastores.

4.4 Coping Religioso Espiritual – Padres

A dimensão positiva e negativa do enfrentamento religioso espiritual dos líderes católicos, bem como os demais índices foi:

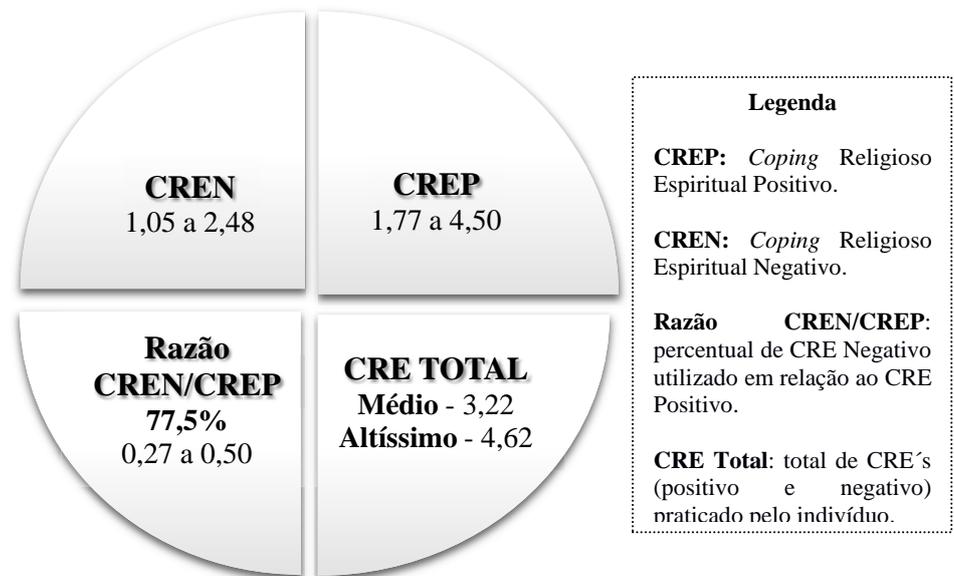


Figura 2. Índices de CREP, CREN, Razão CREN/CREP e CRE Total dos padres participantes

Os resultados apontaram que o CREP utilizado pelos padres variou de 1,77 para o valor mais baixo e 4,50 para o mais alto indicando que a amostra classificou de baixo a alto, com 97,5% acima da média. Quanto ao total de CREN, todo o grupo classificou de modo irrisório a baixo. Esta classificação foi confirmada por meio da Razão CREN/CREP, em que 77,5% da amostra corresponderam ao percentual mínimo proposto para um resultado positivo (Razão CREN/CREP \leq 0,50) pontuando entre 0,27 e 0,50 pontos. Apenas nove padres (22,5%) marcaram entre 0,52 e 0,77 e indicaram fazer mais uso de CRE negativo em relação ao CRE positivo. Por fim, o CRE Total variou de classificação média a altíssima com o percentual de 90% dos padres pontuando entre 3,59 e 4,46 equivalente a um CRE alto.

As principais situações de *stress* relatadas pelos padres pesquisados envolveram principalmente as referentes ao ministério (37,5%), relacionamento (17,5%), falta de apoio (15%), problemas de terceiro (12,5%), família (12,5%), saúde (7,5%), vida pessoal (5%), missões (5%) e profissional, aqui representado pelos estudos (2,5%). Para o enfrentamento destes estressores, os fatores da dimensão de CREP foram utilizados pelos padres nas seguintes proporções:

O primeiro fator “Transformação de Si/Sua vida” foi aplicado de modo médio por 17 (42,5%) participantes. Posteriormente, 16 (40%) alto; três (7,5%) de modo altíssimo e três (7,5%) de modo baixo e apenas um (2,5%) de modo irrelevante. Da mesma forma, a estratégia de “Busca de apoio espiritual” foi utilizada medianamente por 42,5% dos participantes. Sendo que 15 (37,5%) pontuaram baixo; cinco (12,5%) alto e três (7,5%) minimamente.

Os fatores positivos “Oferta de ajuda ao outro”, “Posição positiva frente a Deus” e “Busca de crescimento espiritual” foram as únicas estratégias marcadas de modo alto, sendo o primeiro, com 21 (52,5%) e os outros dois, com 19 (47,5%). Ainda quanto ao primeiro fator, nove padres (22,5%) alcançaram pontuação média, sete (17,5%) altíssima e apenas três (7,5%) baixa. Quanto a “Posição positiva frente a Deus”, 18 padres (45%) atingiram classificação altíssima e apenas três (7,5%), média. No último fator, 13 (32,5%) obtiveram média e quatro (10%) marcaram em baixa.

Referente às três últimas estratégias de CREP, “Busca do outro institucional”, “Busca de conhecimento espiritual” e “Afastamento através de Deus/religião/espiritualidade”, 15 (37,5%), 17 (42,5%) e 23 (57,5%) respectivamente, pontuaram de modo médio. E, por conseguinte, de modo alto 13 (32,5%), 11 (27,5%), 10 (25%) e de modo baixo, seis (15%), oito (20%) e cinco (12,5%). Ressaltando que, no primeiro fator, apenas quatro padres (10%) atingiram altíssimo e de modo irrelevante, 10% no segundo fator e 5% no primeiro e terceiro fatores.

No geral, verificou-se que nenhum dos fatores de CREP foi pontuado de modo baixo ou irrisório, sendo as estratégias que obtiveram maior classificação: “Oferta de ajuda ao outro”, “Posição positiva frente a Deus” e “Busca de crescimento espiritual”. Todas as demais foram classificadas na média.

Quanto aos quatro fatores que compõem a dimensão de CREN, foi possível averiguar que “Reavaliação negativa de Deus”, foi marcada por 34 (85%) de forma irrisória e seis (15%) padres atingiram pontuação baixa.

O fator “Posição negativa frente a Deus”, teve 18 (45%) na classificação irrisória, 17 (42,5%) marcaram em baixa, quatro (10%) na média e apenas um (2,5%) em alta.

A “Reavaliação negativa do significado” foi marcada por 20 (50%) participantes de modo irrisório, 16 (40%) pontuando de modo baixo e quatro (10%), de modo médio.

A “Insatisfação com o outro institucional” teve 22 (55%) pontuando de modo irrelevante, oito (20%) de modo baixo, oito (20%), médio e dois (5%), alto.

Diferentemente do CREP, todos os fatores de CREN foram classificados pelos líderes católicos, de modo irrisório e baixo, ou seja, os padres pouco fizeram uso de CRE negativo. Porém, os fatores “Posição negativa frente a Deus” e “Insatisfação com o outro institucional” foram classificados, respectivamente, por 12,5% e 25% da amostra de modo médio a alto e o fator “Reavaliação negativa do significado” por 10% padres de modo médio.

4.5 Coping Religioso Espiritual Pastores X Padres

No estudo em questão, ao se comparar (Tabela 2) as principais situações de *stress* vividas nos últimos três anos pelos grupos, foi possível constatar que, apesar dos estressores serem os mesmos, eles variaram quanto ao grau em que surgiram e de certo modo, se relacionaram às peculiaridades de cada um.

Tabela 2 - Principais fontes de *stress* dos pastores e padres pesquisados

Fontes de <i>Stress</i> Pastores	Percentual da Amostra	Fontes de <i>Stress</i> Padres	Percentual da Amostra
Família	42,5%	Ministério	37,5%
Ministério	20%	Relacionamento	17,5%
Profissional	15%	Falta de Apoio	15%
Problemas Financeiros	10%	Problemas de Terceiros	12,5%
Problemas de saúde	7,5%	Família	12,5%
Problemas de Terceiros	7,5%	Problemas de Saúde	7,5%
Falta de Apoio	7,5%	Vida Pessoal	5%
Vida Pessoal	5%	Outros (Missões)	5%
Relacionamento	5%	Profissional (Estudos)	2,5%
Outros (Missões)	2,5%		

Assim, a principal fonte de *stress* na vida de pastores esteve relacionada à família e envolveu problemas com filhos (saúde, drogas, acidentes, casamento), enfermidade dos pais, morte de familiares e incompatibilidade com o cônjuge. Tais situações foram apontadas por 42,5% deles, ao passo que estiveram relacionadas a 12,5% dos padres que, diferentemente dos pastores se restringiram a problemas com doenças e perdas de familiares.

Dos líderes católicos, 37,5% destacaram como principal fator de *stress* o ministério, nas dificuldades para aquisição de novas funções, mudança de paróquia, excesso de trabalho, demandas burocráticas e administrativas, sentimento de solidão e desistência de alguns afetando todo o clero. Esta fonte de *stress*, aliada as altas exigências e expectativas por parte da liderança constituíram para 20% dos pastores, o segundo principal estressor.

Em segundo lugar, para 17,5% dos padres, estiveram os problemas de relacionamento que envolviam sentimento de frustração e de injustiça com relação à Igreja, incompatibilidade com a hierarquia e divergências com colegas, o que foi representado por apenas 5% dos pastores compreendendo o convívio religioso e frustração com a hierarquia.

Em terceiro lugar, para 15% dos pastores apresentou-se o *stress* com o trabalho secular, uma vez que 60% da amostra possuía outra atividade além do ministério, o que foi representado por apenas 2,5% dos padres e foi aqui referido às exigências relativas aos estudos.

Para 15% dos padres houve a percepção de falta de apoio dos colegas, superiores, desinteresse dos fiéis, incompreensão do povo e sentimentos de traição dos membros como 3ª fonte de *stress*, apresentando-se a 7,5% dos líderes evangélicos em 7º lugar.

Para 10% dos pastores, em quarto lugar, esteve o *stress* com problemas financeiros, o que não foi relatado pelos líderes católicos. Os padres, com 12,5% tiveram a sua 4ª fonte de *stress* com problemas e demandas surgidos pelos atendimentos prestados à comunidade religiosa como geradores de sobrecarga e sentimento de responsabilidade. Nos líderes evangélicos, este fator foi apontado por 7,5% em 6º lugar.

Demais estressores como problemas de saúde e vida pessoal (julgamentos/calúnias) atingiram igual e respectivamente, 7,5% e 5% para ambos líderes pesquisados. Por fim, para 5% dos padres e 2,5% dos pastores houve o *stress* relacionado ao trabalho com missões.

Para identificar as classificações e percentuais dos líderes religiosos quanto ao uso do *Coping* Religioso Espiritual para enfrentar tais situações foram analisados os fatores de CREP e CREN utilizados, as médias dos grupos em relação aos mesmos, bem como os índices dimensionais (Total de CRE Positivo e CRE Negativo) e gerais (Razão CREN/CREP e CRE Total) da Escala. Os dados permitiram mencionar (Tabela 3) que as principais estratégias de CREP aplicadas por pastores e padres foram priorizadas em intensidades e percentuais diferentes, conseqüentemente refletindo o grau de importância atribuído pelos grupos ao uso de cada uma delas, destacadas de acordo com suas classificações da “altíssima” para “baixa”.

Tabela 3 - Distribuição das classificações e percentuais dos fatores de CREP utilizados pelos pastores e padres

CREP	PASTORES				PADRES			
	ALTÍSSIMA	ALTA	MÉDIA	BAIXA	ALTÍSSIMA	ALTA	MÉDIA	BAIXA
P1		55					42,5	
P2				40			42,5	
P3		57,5				52,5		
P4	50					47,5		
P5		52,5				47,5		
P6		47,5					37,5	
P7			50				42,5	
P8		52,5					57,5	

Legenda: P1 = Transformação de si e/ou sua vida; P2 = Busca de apoio espiritual; P3 = Oferta de ajuda ao outro; P4 – Posição positiva frente a Deus; P5 = Busca de crescimento espiritual; P6 = Busca do outro institucional; P7 = Busca de conhecimento espiritual; P8 = Afastamento através de Deus/religião.

Dos pastores, 50% fizeram maior uso, com classificação altíssima, da estratégia de “Posição positiva frente a Deus”, que ocupou a 1ª posição e também foi utilizada por 47,5% dos padres, porém de modo alto e em segundo lugar.

Em seguida, de modo alto, 57,5% dos pastores fizeram uso do fator de “Oferta de ajuda ao outro”, também classificado com pontuação alta por 52,5% dos padres e sendo a estratégia de CREP que estes mais empregaram.

Em terceiro lugar, ainda classificada de modo alto por 55% dos pastores esteve à estratégia “Transformação de si/sua vida”, que ocupou a 4ª posição por 42,5% dos padres, marcando-a de modo médio.

As estratégias de “Busca de crescimento espiritual” e “Afastamento através de Deus/religião/espiritualidade” ocuparam a 4ª posição, com classificação alta para 52,5% dos pastores, enquanto para os padres foram a 2ª e 3ª estratégia mais utilizada, com classificação alta e média, para 47,5% e 57,5%, respectivamente.

Apesar de 47,5% dos pastores classificarem de modo alto no fator “Busca do outro institucional”, tal estratégia foi a 5ª mais utilizada em relação às demais, ocupando também a mesma posição para 37,5% dos padres, porém classificada de modo médio e sendo a última estratégia de CREP utilizada por estes em relação às demais. Por fim, as de menor classificação (média e baixa), que ocuparam a 6ª e 7ª posição para os pastores foram às estratégias de “Busca de conhecimento espiritual” para 50% deles e “Busca de apoio

espiritual” para 40%; as quais pelos líderes católicos foram classificadas de modo médio, por 42,5% da amostra e ocuparam a 4ª posição.

De modo geral, padres e pastores foram compatíveis quanto às duas estratégias de CREP que mais utilizaram “Posição positiva frente a Deus” e “Oferta de ajuda ao outro”, divergindo apenas quanto à classificação e posição de cada uma delas.

No que diz respeito às médias de todos os fatores positivos, estas, foram obtidas pelo teste Mann-Whitney (U) e a Tabela 4 destaca do P1 ao P8, os valores de cada um dos grupos.

Tabela 4 - Médias e valores de p para os fatores de CREP dos pastores e padres

Fatores de CREP	Média Pastores	Média Padres	U	p
P1 – Transformação de si/sua vida	43,68	37,33	673,000	0,221
P2 – Busca de apoio espiritual	43,05	37,95	698,000	0,325
P3 – Oferta de ajuda ao outro	38,93	42,08	737,000	0,543
P4 – Posição positiva frente a Deus	44,59	36,41	636,500	0,114
P5 – Busca de crescimento espiritual	39,99	41,01	779,500	0,843
P6 – Busca do outro institucional	43,04	37,96	698,500	0,328
P7 – Busca de conhecimento espiritual	40,00	41,00	780,500	0,847
P8 – Afastamento através de Deus/religião	47,13	33,88	535,000	0,011

* Correlação é significativa ao nível de $p < 0,050$.

Foi possível perceber que os pastores apresentaram maiores médias nas estratégias de “Transformação de si/sua vida” (43,68); “Busca de apoio espiritual” (43,05); “Posição positiva frente a Deus” (44,59); “Busca do outro institucional” (43,04) e “Afastamento através de Deus/religião” (47,13), enquanto os padres em “Oferta de ajuda ao outro” (42,08); “Busca de crescimento espiritual” (41,01) e “Busca de conhecimento espiritual” (41,00). A estratégia de CREP que, no entanto obteve diferença de modo significativo ($p < 0,05$) para os líderes estudados foi a de “Afastamento através de Deus/religião”, com maior média entre os pastores (47,13), do que entre os padres (33,88), com $U=535,000$ e $p=0,011$.

Sobre a análise dos dados quanto à dimensão de CREN verificou-se que os pastores empregaram mais estratégias negativas do que os padres, que classificaram de modo irrisório

os quatro fatores. Para comparação foram separados os valores dos dois grupos (Tabela 5), quanto às classificações média, alta e altíssima.

Tabela 5 - Distribuição das classificações e percentual dos fatores de CREN utilizados pelos pastores e padres

CREN	PASTORES				PADRES			
	ALTÍSSIMA	ALTA	MÉDIA	BAIXA	ALTÍSSIMA	ALTA	MÉDIA	BAIXA
N1			2,5					
N2	5	15	40			2,5	10	
N3	2,5	7,5	37,5				10	
N4		2,5	17,5			5	20	

Legenda: N1 = Reavaliação negativa de Deus; N2 = Posição negativa frente a Deus; N3 = Reavaliação negativa do significado; N4 = Insatisfação com o outro institucional.

Para 60% dos pastores, o fator mais pontuado foi o de “Posição negativa frente a Deus”, que atingiu os maiores índices nas classificações média (40%), alta (15%) e altíssima (5%) em relação aos outros fatores. Tal estratégia também foi pontuada por 12,5% dos padres, sendo 2,5% deles com classificação alta e 10% com classificação média.

Em segundo lugar, 47,5% dos pastores fizeram uso do fator “Reavaliação negativa do significado”, com classificações média (37,5%), alta (7,5%) e altíssima (2,5%), o qual foi exercido por 10% dos líderes católicos, de modo médio.

Para 20% dos pastores, com classificação média (17,5%) e alta (2,5%) esteve o CREN “Insatisfação com o outro institucional”, que foi o mais utilizado por 25% dos padres, também com classificações média (20%) e alta (5%). Por fim, 2,5% dos pastores fizeram uso de modo médio do fator de “Reavaliação negativa de Deus”, o qual não foi utilizado pelos líderes religiosos católicos.

De modo geral, apesar dos pastores e padres terem utilizado estratégias similares de CREN, com exceção da “Reavaliação negativa de Deus” pontuada apenas pelos primeiros, o uso das mesmas divergiu em intensidade, com os líderes evangélicos apresentando maior enfrentamento negativo em relação aos católicos, cuja estratégia destaque foi a “Insatisfação com o outro institucional”.

Quanto às médias dos fatores de CRE negativo (N1 a N4), a Tabela 6 apresenta os valores obtidos pelos pastores e padres em cada um deles.

Tabela 6 - Médias e valores de p para os fatores de CREN dos pastores e padres

Fatores de CREN	Média Pastores	Média Padres	U	p
N1 – Reavaliação negativa de Deus	38,14	42,86	705,500	0,341
N2 – Posição negativa frente a Deus	54,95	26,05	222,000	0,000
N3 – Reavaliação negativa do significado	50,81	30,19	387,500	0,000
N4 – Insatisfação com outro o institucional	38,98	42,03	739,000	0,552

* Correlação é significativa ao nível de $p<0,050$.

Os pastores apresentaram maiores médias e de modo significativo ($p<0,05$) nas estratégias de “Posição negativa frente a Deus” (54,95) e “Reavaliação negativa do significado” (50,81), com $U=222,00$; $U=387,500$ e $p=0,000$, dados estes que corroboram com os destacados pela Tabela 5 a respeito dos fatores de CREN mais pontuados pelos mesmos. Enquanto que os padres obtiveram maiores médias em “Reavaliação negativa de Deus” (42,86) e “Insatisfação com o outro institucional” (42,03), sendo que apenas o primeiro fator não apareceu na Tabela 5, pois os líderes católicos o classificaram de modo irrisório e baixo. No entanto, ambos, não foram significativos estatisticamente quando comparados entre os grupos.

A respeito dos índices dimensionais e gerais avaliados pela Escala, a Tabela 7 retrata a diferença estatística das médias dos pastores e padres.

Tabela 7 - Médias e valores de p para os índices dimensionais e gerais da Escala CRE dos pastores e padres

Índices da Escala CRE	Média Pastores	Média Padres	U	p
CREP	42,74	38,26	710,500	0,389
CREN	53,34	27,66	286,500	0,000
Razão CREN/CREP	51,44	29,56	362,500	0,000
CRE Total	31,56	49,44	442,500	0,001

* Correlação é significativa ao nível de $p<0,050$.

Pela análise estatística foi possível atestar que os pastores apresentaram maior uso de CRE Positivo (42,74) em relação aos padres (38,26), porém a diferença das médias entre eles não foi significativa ($U= 710,500$; $p=0,389$). Os resultados confirmaram que, de modo considerável, os pastores fizeram mais uso de CREN, obtendo média de 53,34 em relação aos padres, cuja média foi de 27,66 ($U=286,500$; $p=0,000$). Esta diferença foi ratificada pela

Razão CREN/CREP, por meio da qual se constatou novamente que, pastores alcançaram médias superiores aos padres, com 51,44 e 29,56 ($U=362,500$; $p=0,000$) respectivamente. Por fim, quanto ao total de CRE utilizado pelos participantes, os padres tiveram média maior 49,44 do que os pastores 31,56 ($U=442,500$; $p=0,001$).

4.6 Correlações entre *Coping* Religioso Espiritual e Vulnerabilidade ao *stress* no trabalho

Foram investigadas possíveis correlações dos fatores de CREP, CREN, índices dimensionais (Total de CRE positivo e CRE negativo) e índices gerais (Razão CREN/CREP e CRE Total) com a Vulnerabilidade ao *stress* no trabalho. Para tal utilizou-se a prova estatística do coeficiente de correlação de Spearman.

Sobre a magnitude desta correlação (DANCEY; REIDY, 2006), quando o valor de r está em 0 existe ausência de relacionamento; entre 0,10 e 0,30, a mesma é considerada fraca; entre 0,40 e 0,60 moderada; entre 0,70 e 0,90 forte e +1 ou -1 perfeita. Sendo assim, as Tabelas 8 e 9 apresentam as correlações que foram positivas entre os resultados de CRE e EVENT para cada um dos grupos separadamente.

Tabela 8 - Correlações entre os fatores de CREP, CREN, índices dimensionais, gerais e vulnerabilidade ao *stress* no trabalho dos pastores

Fatores de CREP, CREN, Índices dimensionais e gerais Pastores		Fator 1 Clima e Funcionamento Organizacional	Fator 2 Pressão no Trabalho	Fator 3 Infraestrutura e Rotina
P1 – Transformação de Si/Sua Vida	r	0,05	0,043	0,01
	p	0,725	0,792	0,913
P2 - Busca de apoio espiritual	r	0,05	0,176	0,07
	p	0,726	0,279	0,644
P3 - Oferta de ajuda ao outro	r	0,10	0,37*	0,08
	p	0,504	0,017	0,619
P4 - Posição positiva frente a Deus	r	0,06	0,37*	0,11
	p	0,710	0,017	0,493
P5 - Busca de crescimento espiritual	r	0,14	0,39*	0,21
	p	0,384	0,011	0,174
P6 - Busca do outro institucional	r	0,24	0,40*	0,22
	p	0,121	0,010	0,156
P7 - Busca de conhecimento espiritual	r	0,02	0,32*	0,13
	p	0,881	0,042	0,394
P8 - Afastamento através de Deus/Religião	r	0,08	0,41**	0,15
	p	0,610	0,008	0,348
N1 - Reavaliação negativa de Deus	r	0,27	0,10	0,38*
	p	0,082	0,526	0,015
N2 - Posição negativa frente a Deus	r	0,24	-0,06	0,04
	p	0,132	0,700	0,802
N3 - Reavaliação negativa do significado	r	-0,10	0,01	-0,04
	p	0,539	0,920	0,813
N4 - Insatisfação com o outro institucional	r	0,33*	0,13	0,08
	p	0,037	0,415	0,620
CRE Positivo	r	0,15	0,45**	0,18
	p	0,337	0,003	0,261
CRE Negativo	r	0,20	0,11	0,04
	p	0,206	0,500	0,769
Razão CREN/CREP	r	0,22	-0,08	0,10
	p	0,156	0,603	0,521
CRE Total	r	-0,15	0,26	-0,04
	p	0,343	0,098	0,780

* Correlação é significativa ao nível de $p < 0,050$.

** Correlação é significativa ao nível de $p < 0,010$.

Seis dos oito fatores de CREP utilizados pelos pastores se correlacionaram positivamente com a vulnerabilidade à Pressão no trabalho, sendo eles “Oferta de ajuda ao

outro” ($r=0,37$; $p=0,017$); “Posição positiva frente a Deus” ($r=0,37$; $p=0,017$); “Busca de crescimento espiritual” ($r=0,39$; $p=0,011$), todas, com magnitude fraca; “Busca do outro institucional” ($r=0,40$; $p=0,010$), com magnitude moderada; “Busca de conhecimento espiritual” ($r=0,32$; $p=0,042$), com magnitude fraca e “Afastamento através de Deus/religião” ($r=0,41$; $p=0,008$), com magnitude moderada. Duas das estratégias de CREN, “Reavaliação negativa de Deus” e “Insatisfação com o outro institucional” também apresentaram correlações significativas e fracas ($r=0,38$; $p=0,015$); ($r=0,33$ e $p=0,037$), a primeira quanto a vulnerabilidade em Infraestrutura e Rotina e a segunda ao Clima e Funcionamento Organizacional. Sobre os índices dimensionais e gerais, apenas o total de CRE Positivo apresentou correlação significativa e moderada ($r=0,45$; $p=0,003$) e esta se deu com o fator 2 – Pressão no trabalho. Tais resultados assinalaram que as estratégias de CREP (P3, P4, P5, P6, P7 e P8) estiveram associadas à vulnerabilidade a Pressão no trabalho e as de CREN (N1 e N4) à Infraestrutura e Rotina e Clima e Funcionamento Organizacional.

Quanto aos líderes católicos, os resultados são destacados na Tabela 9.

Tabela 9 - Correlações entre os fatores de CREP, CREN, índices dimensionais, gerais e vulnerabilidade ao *stress* no trabalho dos padres

Fatores de CREP, CREN, Índices dimensionais e gerais Padres		Fator 1 Clima e Funcionamento Organizacional	Fator 2 Pressão no Trabalho	Fator 3 Infraestrutura e Rotina
P1 – Transformação de Si/Sua Vida	r	-0,04	0,176	-0,20
	p	0,797	0,277	0,195
P2 - Busca de apoio espiritual	r	-0,07	0,15	-0,01
	p	0,650	0,356	0,972
P3 - Oferta de ajuda ao outro	r	-0,01	0,08	0,09
	p	0,991	0,614	0,546
P4 - Posição positiva frente a Deus	r	-0,23	0,18	-0,03
	p	0,140	0,245	0,809
P5 - Busca de crescimento espiritual	r	0,02	0,22	-0,05
	p	0,886	0,167	0,743
P6 - Busca do outro institucional	r	-0,16	0,27	0,04
	p	0,306	0,087	0,765
P7 - Busca de conhecimento espiritual	r	-0,25	0,10	-0,11
	p	0,120	0,506	0,475
P8 - Afastamento através de Deus/Religião	r	0,12	0,19	-0,07
	p	0,450	0,232	0,635
N1 - Reavaliação negativa de Deus	r	0,25	0,08	0,03
	p	0,115	0,609	0,843
N2 - Posição negativa frente a Deus	r	-0,03	-0,11	-0,02
	p	0,822	0,495	0,883
N3 - Reavaliação negativa do significado	r	-0,06	0,24	-0,02
	p	0,685	0,126	0,894
N4 - Insatisfação com o outro institucional	r	0,41**	-0,01	0,22
	p	0,008	0,956	0,157
CRE Positivo	r	-0,09	0,19	-0,04
	p	0,543	0,217	0,779
CRE Negativo	r	0,31*	0,01	0,12
	p	0,047	0,961	0,462
Razão CREN/CREP	r	0,29	-0,13	0,09
	p	0,063	0,415	0,578
CRE Total	r	-0,17	0,22	-0,07
	p	0,276	0,169	0,668

* Correlação é significativa ao nível de $p < 0,050$.

** Correlação é significativa ao nível de $p < 0,010$.

Contrariamente aos pastores, nenhum dos fatores de CREP dos padres apresentou correlação significativa, sendo que dos fatores de CREN, apenas o de “Insatisfação com o

outro institucional” se correlacionou positiva e moderadamente, com Clima e Funcionamento Organizacional ($r=0,41$; $p=0,008$). Dos índices dimensionais e gerais da escala e novamente diferente do que fora significativo para os líderes evangélicos, os líderes católicos apresentaram correlação positiva e fraca apenas entre o total de CREN e o fator de Clima e Funcionamento Organizacional ($r=0,31$; $p=0,047$). Assim, o uso do fator N4, bem como o total de CREN e a vulnerabilidade ao Clima e Funcionamento Organizacional se associaram, ou seja, à medida que um apresentava valores altos ou baixos, o outro também.

Estes dados também podem ser observados nos resultados gerais da amostra (Tabela 10).

Tabela 10. Correlações entre os fatores de CRE Positivo, CRE Negativo e os fatores de vulnerabilidade ao *stress* no trabalho dos pastores e padres

Fatores de CREP e CREN		Fator 1 Clima e Funcionamento Organizacional	Fator 2 Pressão no Trabalho	Fator 3 Infraestrutura e Rotina
P1 – Transformação de Si/Sua Vida	r	0,01	0,13	-0,08
	p	0,887	0,233	0,441
P2 - Busca de apoio espiritual	r	0,01	0,16	0,02
	p	0,930	0,148	0,852
P3 - Oferta de ajuda ao outro	r	0,04	0,20	0,06
	p	0,703	0,064	0,554
P4 - Posição positiva frente a Deus	r	-0,05	0,27*	0,04
	p	0,649	0,014	0,699
P5 - Busca de crescimento espiritual	r	0,07	0,29**	0,06
	p	0,507	0,009	0,584
P6 - Busca do outro institucional	r	0,04	0,34**	0,15
	p	0,685	0,002	0,175
P7 - Busca de conhecimento espiritual	r	-0,08	0,24*	0,03
	p	0,470	0,029	0,777
P8 - Afastamento através de Deus/Religião	r	0,15	0,32**	0,09
	p	0,167	0,003	0,421
N1 - Reavaliação negativa de Deus	r	0,25*	0,09	0,20
	p	0,021	0,391	0,066
N2 - Posição negativa frente a Deus	r	0,15	-0,01	0,11
	p	0,166	0,957	0,330
N3 - Reavaliação negativa do significado	r	-0,04	0,13	0,01
	p	0,721	0,244	0,991
N4 - Insatisfação com o outro institucional	r	0,34**	0,05	0,12
	p	0,002	0,641	0,255

* Correlação é significativa ao nível de $p<0,050$.

** Correlação é significativa ao nível de $p<0,010$.

Por meio da análise correlacional verificou-se que cinco, dos oito fatores de CRE Positivo, se correlacionaram com o Fator 2 da EVENT - Pressão no trabalho. Tais correlações se referiram às estratégias de “Posição positiva frente a Deus” ($r=0,27$; $p=0,014$); “Busca de crescimento espiritual” ($r=0,29$; $p=0,009$); “Busca do outro institucional” ($r=0,34$; $p=0,002$); “Busca de conhecimento espiritual” ($r=0,24$; $p=0,029$) e “Afastamento através de Deus/religião” ($r=0,32$; $p=0,003$), todas elas foram, de acordo com o parâmetro exposto, consideradas fracas. Dos quatro fatores de CRE Negativo, dois deles se correlacionaram, também positivamente e de modo fraco, porém com o Fator 1 da EVENT – Clima e Funcionamento Organizacional. Foram eles “Reavaliação negativa de Deus” ($r=0,25$; $p=0,021$) e “Insatisfação com o outro institucional” ($r=0,34$; $p=0,002$). Tais correlações indicaram que as estratégias de CREP (P4, P5, P6, P7 e P8) estiveram associadas à vulnerabilidade quanto a Pressão no Trabalho e as estratégias de CREN (N1 e N4) ao Clima e Funcionamento Organizacional, sendo que à medida que uma variável apresentava valores altos ou baixos, estes se associavam a valores também altos e baixos de outra variável.

Sobre os índices dimensionais (total de CREP e CREN) e gerais (Razão CREN/CREP e CRE Total), os mesmos são dispostos na Tabela 11.

Tabela 11 - Correlações entre os índices dimensionais, gerais e os fatores de vulnerabilidade ao *stress* no trabalho dos pastores e padres

Índices Dimensionais e Gerais - CRE		Clima e Funcionamento Organizacional Fator 1	Pressão no Trabalho Fator 2	Infraestrutura e Rotina Fator 3
CRE Positivo	r	0,03	0,31**	0,06
	p	0,775	0,004	0,563
CRE Negativo	r	0,22*	0,09	0,10
	p	0,045	0,416	0,344
Razão CREN/CREP	r	0,22*	-0,05	0,09
	p	0,046	0,649	0,421
CRE Total	r	-0,17	0,16	-0,08
	p	0,124	0,152	0,450

* Correlação é significativa ao nível de $p<0,050$.

** Correlação é significativa ao nível de $p<0,010$.

Foi encontrada correlação positiva e significativa entre o total de CREP praticado pela amostra e o fator 2 – Pressão no trabalho ($r=0,31$; $p=0,004$), bem como entre o total de CREN e o fator 1 – Clima e Funcionamento Organizacional ($r=0,22$; $p=0,045$) e entre a Razão CREN/CREP e novamente o fator 1 ($r=0,22$; $p=0,046$), todas com correlações fracas. Ou seja,

os índices dimensionais e gerais confirmaram as correlações destacadas pela Tabela 8, nas quais fatores de CREP, especificamente as estratégias destacadas anteriormente, se relacionaram ao fator 2 da EVENT e fatores de CREN (N1 e N4), ao fator 1.

4.7 Correlações entre CRE, EVENT e variáveis sociodemográficas

Os dados avaliados pela Escala CRE, bem como os fatores da EVENT foram relacionados às variáveis sociodemográficas (idade, tempo de ordenação e escolaridade), a fim de identificar correlações significativas por meio do Coeficiente de correlação de Spearman.

As Tabelas 12 e 13 se referem aos resultados dos pastores e padres da amostra.

Tabela 12 - Correlações entre CRE, EVENT e variáveis sociodemográficas dos pastores

Fatores de CREP, CREN, Índices dimensionais, gerais e EVENT		Idade	Tempo de Ordenação	Escolaridade
P1 – Transformação de Si/Sua Vida	r	0,05	-0,19	0,07
	p	0,723	0,223	0,655
P2 - Busca de apoio espiritual	r	-0,10	-0,21	-0,12
	p	0,534	0,189	0,439
P3 - Oferta de ajuda ao outro	r	0,08	0,17	-0,13
	p	0,609	0,293	0,420
P4 - Posição positiva frente a Deus	r	0,01	-0,03	-0,29
	p	0,912	0,833	0,062
P5 - Busca de crescimento espiritual	r	0,26	0,15	-0,20
	p	0,102	0,354	0,202
P6 - Busca do outro institucional	r	-0,09	-0,04	-0,50**
	p	0,579	0,769	0,001
P7 - Busca de conhecimento espiritual	r	-0,05	-0,16	-0,26
	p	0,722	0,322	0,106
P8 - Afastamento através de Deus/Religião	r	-0,08	0,07	-0,23
	p	0,593	0,664	0,149
N1 - Reavaliação negativa de Deus	r	-0,08	0,06	-0,21
	p	0,615	0,683	0,187
N2 - Posição negativa frente a Deus	r	-0,01	-0,02	-0,20
	p	0,911	0,892	0,201
N3 - Reavaliação negativa do significado	r	0,08	-0,11	0,17
	p	0,610	0,479	0,276
N4 - Insatisfação com o outro institucional	r	0,02	-0,04	-0,14
	p	0,857	0,806	0,367
CRE Positivo	r	-0,02	0,02	-0,26
	p	0,877	0,870	0,097
CRE Negativo	r	-0,06	-0,12	-0,10
	p	0,706	0,433	0,538
Razão CREN/CREP	r	-0,05	-0,07	0,08
	p	0,740	0,653	0,590
CRE Total	r	0,01	-0,04	-0,17
	p	0,982	0,784	0,289
Clima e Funcionamento Organizacional – Fator 1	r	-0,28	0,20	-0,24
	p	0,074	0,198	0,126
Pressão no trabalho – Fator 2	r	-0,33*	0,17	-0,25
	p	0,034	0,287	0,107
Infraestrutura e rotina – Fator 3	r	-0,31*	0,23	-0,10
	p	0,045	0,138	0,518

* Correlação é significativa ao nível de $p < 0,050$.

** Correlação é significativa ao nível de $p < 0,010$.

Dos fatores de CREP e CREN analisados, apenas a estratégia de “Busca do outro institucional” ($r = -0,50$; $p = 0,001$), que se refere a um fator de CRE Positivo apresentou correlação com a variável escolaridade de modo significativo, negativo e moderado. As demais correlações, também negativas, porém fracas, se restringiram à variável idade e se atribuíram aos fatores da EVENT Pressão no trabalho ($r = -0,33$; $p = 0,034$) e Infraestrutura e

rotina ($r=-0,31$; $p=0,045$). Os resultados indicaram que tais correlações foram inversas, ou seja, à medida que uma variável apresentou valores altos, a outra apresentou valores baixos e estes se associaram. A respeito dos padres, a Tabela 13 destaca as correlações.

Tabela 13. Correlações entre CRE, EVENT e variáveis sociodemográficas dos padres

Fatores de CREP, CREN, Índices dimensionais, gerais e EVENT		Idade	Tempo de Ordenação	Escolaridade
P1 – Transformação de Si/Sua Vida	r	-0,18	0,09	0,06
	p	0,264	0,558	0,714
P2 - Busca de apoio espiritual	r	0,09	0,28	0,16
	p	0,582	0,071	0,320
P3 - Oferta de ajuda ao outro	r	0,23	0,60**	0,03
	p	0,140	0,000	0,825
P4 - Posição positiva frente a Deus	r	0,20	0,39*	0,10
	p	0,196	0,011	0,507
P5 - Busca de crescimento espiritual	r	-0,05	0,18	0,07
	p	0,737	0,246	0,647
P6 - Busca do outro institucional	r	-0,01	0,08	0,04
	p	0,974	0,584	0,790
P7 - Busca de conhecimento espiritual	r	-0,19	-0,14	-0,15
	p	0,235	0,384	0,326
P8 - Afastamento através de Deus/Religião	r	0,09	0,09	0,07
	p	0,563	0,575	0,645
N1 - Reavaliação negativa de Deus	r	-0,11	-0,01	0,08
	p	0,467	0,981	0,600
N2 - Posição negativa frente a Deus	r	-0,04	0,10	0,05
	p	0,782	0,512	0,746
N3 - Reavaliação negativa do significado	r	-0,07	0,19	-0,01
	p	0,655	0,222	0,932
N4 - Insatisfação com o outro institucional	r	-0,34*	0,35*	-0,01
	p	0,031	0,027	0,979
CRE Positivo	r	-0,03	0,24	0,12
	p	0,828	0,131	0,442
CRE Negativo	r	-0,18	0,31*	-0,04
	p	0,267	0,046	0,788
Razão CREN/CREP	r	-0,21	-0,06	-0,18
	p	0,186	0,683	0,259
CRE Total	r	0,07	0,11	0,18
	p	0,635	0,482	0,264
Clima e Funcionamento Organizacional – Fator 1	r	-0,07	0,12	0,03
	p	0,647	0,430	0,827
Pressão no trabalho – Fator 2	r	-0,18	0,01	0,09
	p	0,256	0,973	0,582
Infraestrutura e rotina – Fator 3	r	-0,02	0,26	0,04
	p	0,891	0,095	0,801

* Correlação é significativa ao nível de $p<0,050$.

** Correlação é significativa ao nível de $p<0,010$.

Para os líderes católicos houve correlações referentes aos fatores de CRE Positivo e Negativo, sendo que, as pertencentes aos primeiros, além de positivas, se relacionaram com a variável tempo de ordenação e se restringiram à “Oferta de ajuda ao outro” ($r=0,60$; $p=0,000$), que teve magnitude moderada e “Posição positiva frente a Deus” ($r=0,39$; $p=0,011$), considerada fraca. De modo que, quanto maior o uso das estratégias, também maior era o tempo de ministério. A correlação do CREN “Insatisfação com o outro institucional” se deu com a idade e foi negativa e fraca ($r=-0,34$; $p=0,031$) evidenciando que o uso deste fator era mais acentuado entre os mais jovens e por fim, quanto ao total de CREN ($r=0,31$; $p=0,046$) aplicado pelos padres, este se correlacionou de modo positivo e fraco com o tempo de ordenação e apontou que seu uso foi maior entre aqueles que possuíam mais tempo de ministério.

5 DISCUSSÃO

A singularidade deste trabalho se apresenta por tratar de pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular, uma vez que, dos estudos encontrados realizados com líderes evangélicos (LOTUFO NETO, 1997; ASSUMPÇÃO, 2002; SILVA, 2006; SILVA; HOLANDA, 2008; PINHEIRO, 2008; DEUS, 2009; KINMAN et al., 2011; BERRY et al., 2012; WELLS et al., 2012) nenhum deles se referiu a esta denominação.

No Brasil, diversas áreas e profissões têm sido alvo de pesquisas referentes ao *stress* no trabalho (MURTA; TRÓCCOLI, 2004; PASCHOAL; TAMAYO, 2005; MIGUEL; NORONHA, 2007; OSWALDO, 2009; GOULART JUNIOR; LIPP, 2011) e apesar da ocupação religiosa estar entre as profissões que apresentam maiores índices de *stress*, por se tratar dos chamados “profissionais da ajuda”, nesta pesquisa os índices da aplicação da EVENT não foram significativos do ponto de vista estatístico, o que pode ser explicado com base nas teorias que enfatizam o *stress* como um processo, no qual tem importância como determinantes a percepção do sujeito, a avaliação cognitiva e sua vulnerabilidade, pois é visto como agente ativo e influenciador do impacto dos estressores, conseqüentemente do modo como se experimenta o *stress* (MASON, 1975; LIPP, 2000; 2001; SERRA, 2000; 2005; LIPP; MALAGRIS, 2001; LIPP, 2003; LIPP et al., 2007; SARAFINO; SMITH, 2011).

Assim, supõe-se que os estressores ocupacionais medidos pela escala, mesmo que relacionados de alguma forma ao trabalho religioso, não foram para os líderes em questão avaliados como expressivos, talvez por estes estarem acostumados com tais dificuldades, entendendo-as como inerentes ao ministério. Outra hipótese poderia ser a de que o *stress* não

estivesse restrito ao trabalho ou às questões administrativas do mesmo, o que é investigado pelo instrumento.

Porém, apesar de não haver diferenças estatísticas entre os grupos e não ter sido encontrado na literatura estudos que investigassem especificamente a vulnerabilidade de líderes religiosos, pôde-se constatar que os achados se assemelharam às pesquisas de Miguel e Noronha (2007) e Oswaldo (2009), que fizeram uso da escala identificando o fator Pressão no Trabalho como um dos mais pontuados. É provável que líderes religiosos possam sofrer as mesmas influências, quanto à Pressão no Trabalho, dos profissionais de outras áreas de atuação. Os pastores e padres também revelaram pouca vulnerabilidade quanto ao Clima e Funcionamento Organizacional e Infraestrutura e rotina como na pesquisa de Oswaldo (2009).

Alguns dos estressores destacados pelos líderes religiosos foram família (especialmente os pastores), ministério, profissional, relacionamento, falta de apoio e problemas de terceiros. Segundo Cooper, Dewe e O'Driscoll (2001), citados por Ferreira e Assmar (2008), uma das fontes de *stress* ambiental é a interface trabalho-família, na qual o conflito se caracteriza pela incompatibilidade entre as exigências do trabalho e da família, contribuindo para que haja mútua interferência. Lotufo Neto (1997) evidenciou diversos ministros e seus familiares expostos à violência ou ameaçados por estarem envolvidos em dar suporte a pessoas problemáticas que buscavam ajuda na igreja. Deus (2009) ressaltou os problemas conjugais como importantes influenciadores na depressão de pastores protestantes como a falta de tempo para se dedicar a família, visto que a igreja era priorizada em detrimento das esposas e filhos, bem como a mágoa das esposas pelo tratamento recebido nas igrejas.

Para Wells et al. (2012) a fronteira da família-igreja muitas vezes coincide, pois os deveres do ministério não se enquadram no tradicional horário de trabalho, ministros estão de plantão 24h/dia, sete dias da semana. Eles comprovaram que o clero que possuía filhos obteve maiores índices de *stress* ocupacional e familiar, do que o clero sem filhos e que o clero casado relatou maiores níveis de *stress* familiar em relação ao ocupacional do que o clero solteiro. Em 2013, Wells (2013) atestou que o clero que tinha crianças em casa possuía menores índices de saúde emocional, do que aqueles que não tinham. De acordo com Hurrell Júnior e Santer (2011), os problemas pessoais, a família, não são deixados para trás quando as pessoas vão ao trabalho, assim como quando voltam para casa, os problemas profissionais não são esquecidos. Este achado foi corroborado neste trabalho, no qual pastores apresentaram como terceira fonte de *stress* o profissional, enquanto os padres o exibiram por último.

Em relação aos pesquisados, quase todos os pastores eram casados e possuíam filhos, o que possivelmente elucide as diferenças entre os grupos e justifique a família ter sido citada como a principal fonte de *stress*. Além disso, muitos dos líderes pesquisados residiam próximo ou no próprio local de trabalho, o que contribuiria para que a influência família-trabalho ou trabalho-família coincidissem gerando desgaste pela dificuldade em estabelecerem limites entre uma área e outra.

A falta de liberdade e privacidade para Blain (1958) se constitui em um dos riscos da vida ministerial o que pode levar o pastor a esconder suas deficiências e pressionar a família para estar em conformidade externa quando eles ainda não assimilaram tais exigências interiormente. Com frequência, o comportamento visto como normal para um membro é considerado especialmente pecaminoso quando visto na família do ministro. Assim, alguns dos problemas apontados pelos pastores (relacionamento com filhos e cônjuge) podem ter refletido a exigência do próprio líder para com sua família e repercutir a dificuldade que possuem em dispor do papel religioso para exercer os papéis de pai/esposo, sendo talvez o envolvimento com drogas, as dificuldades interpessoais e de conciliação entre família-ministério um provável apelo da necessidade de atenção por parte dos familiares.

As fontes de *stress* no ministério, reportadas especialmente pelos padres são denotadas por Silva (2006) ao comentar que com o consumismo na sociedade, as pessoas buscam por produtos e serviços que gerem satisfação e conforto e esta mentalidade tem estado presente na igreja podendo, assim, levar os líderes à exacerbação de trabalho.

Pesquisas com líderes evangélicos e católicos constataram, assim como na amostra deste estudo, desgastes relativos à variação de atividades, carga horária de trabalho, burocracia, exigências por resultados, pressão constante (ASSUMPCÃO, 2002; SILVA, 2006; SILVA; HOLANDA, 2008; DEUS, 2009; BERRY et al., 2012; PEREIRA, 2012). Como destaca Silva (2006), eles são indivíduos que recebem preparação teológica, mas não estão aptos para o mundo moderno do ministério.

Os diversos papéis esperados do clero em seu ministério envolvem expectativas e estas se relacionam ao que Cooper, Dewe e O'Driscoll (2001) citados por Ferreira e Assmar (2008) demonstram como as exigências de comportamentos adequados ao que possui determinada posição e sua responsabilidade frente ao funcionamento do grupo, zelo por equipamentos, cuidado para com a saúde e segurança das pessoas, o que pode gerar ansiedade e *stress* diante de determinadas solicitações às quais o indivíduo se sente incapaz de resolver.

Outro possível influente na sobrecarga dos pastores e padres entrevistados, diz respeito a um dos mitos sobre o *stress*, descrito por Lipp e Novaes (2000), que se relaciona à crença de

que indivíduos competentes não pedem ajuda. Todos possuem limites e deveriam solicitá-la, porém a pessoa não reconhece com facilidade que chegou ao limite, tem dificuldades para dizer “não” e evitar excesso de responsabilidades, podendo vivenciar grandes períodos de *stress*.

No caso dos líderes religiosos, estes exercem praticamente todos os cargos dentro da organização e podem não se permitir assumir que também precisam de ajuda e que possuem limitações, como se o trabalhar para o povo subentendesse estar sempre apto a atender toda e qualquer necessidade. Como resultado, os períodos de *stress* podem ser, muitas vezes, compreendidos como a sobrecarga natural do papel que desempenham, fazendo-os negar que estejam em condição de vulnerabilidade. Blain (1958) considera que, ao lidar constantemente com apelos emocionais ocorra o desgaste, pois doenças, pobreza, problemas pessoais, conflitos, são a parte maior na vida diária de um ministro, além da dificuldade em estabelecer o limiar na sua representação da divindade para pessoas dependentes e inseguras.

Sendo o trabalho religioso compreendido como um trabalho emocional, pesquisas realizadas com ministros mostraram que estes aludiam à qualidade do apoio social, à solidão, à falta de amizades significativas, de compreensão e suporte tanto dos membros, quanto da Igreja, como um dos principais fatores de *stress* no exercício ministerial (ASSUMPCÃO, 2002; DEUS, 2009; KINMAN et al., 2011; BERRY et al., 2012). Neste estudo, foram confirmadas estas percepções. Tantas projeções e expectativas (PINTO, 2012) impedem que se mostre a pessoalidade dos mesmos, por meio de relações recíprocas e horizontais, o que contribui para que construam uma identidade relacionada ao dever ser.

O controle emocional típico daqueles que ocupam tais posições e observado nos pesquisados, por meio da postura reservada durante as entrevistas e das demais características referentes à função, podem impedir que os pastores e padres se mostrem frágeis, estressados ou até doentes, pois caracterizaria um sinal de vulnerabilidade ou de pouca fé. Isto talvez esclareça a negação e dificuldade de alguns durante a entrevista, principalmente os pastores, em mencionar alguma situação de *stress* que haviam experimentado nos últimos três anos. Consequentemente, por reforçarem a imagem sobre-humana, estes líderes podem estar contribuindo para o pouco suporte social, pois se afastam em vez de se aproximarem, guardam seus problemas, em vez de os revelarem e com isso intensificam o ciclo de expectativas - imagem aceitável - relações superficiais e falta de apoio. Sobre a dificuldade dos mesmos em se expor, Berry et al. (2012) identificaram que alguns religiosos percebiam a possibilidade de se manifestar, mas eram relutantes por entender que pedir ajuda pareceria confessar fracasso espiritual.

Deus (2009) no atendimento clínico de pastores protestantes históricos percebeu que, apesar de todos eles terem cursado seminário e curso superior em teologia, apenas três identificavam suas doenças, pois tinham dificuldades em compreender que poderiam adoecer, além de interpretarem-na com significados religiosos e se prejudicarem por não buscarem auxílio especializado, o que é preocupante, uma vez que exercem a liderança de grupos que apresentam demandas relacionadas à saúde. A posição de sacerdote atribui que líderes sejam mais curadores do que feridos contribuindo para que as pessoas não admitam a necessidade de acompanhamento psicoterapêutico para líderes religiosos. Esta visão de curador tem pelo menos duas raízes: a histórica, que advém da união da figura do sacerdote com o curador e a visão atual, presente na conduta de pastores e padres fundamentalistas, que atribuem a tudo a ação do Espírito Santo ou do diabo desqualificando atividades na área da saúde fundamentadas na ciência (PINTO, 2012).

O suporte social contribui para aliviar o fardo que, na maioria das vezes, integra o ministério e pode gerar segurança emocional e o sentimento de valorização. Esta importância é demonstrada na pesquisa de Kinman et al. (2011) que confirmaram que o trabalho emocional estava positivamente associado ao tamanho da rede social, no entanto, não é a quantidade ou o tamanho das redes sociais que influenciam no bem-estar, mas a qualidade delas.

Isto pode talvez aclarar os sentimentos de frustração com relação à instituição Igreja e os problemas e insatisfações nos relacionamentos com membros, colegas e/ou superiores, não só dos pastores e padres estudados, mas também dos líderes religiosos de outras pesquisas (ASSUMPCÃO, 2002; VALLE et al., 2004; SILVA, 2006; MORAIS, 2008; PEREIRA, 2012). Pinto (2012) descreve que as razões para a busca por terapia dos consagrados são as questões de convivência com superiores ou colegas e as relações advindas da escolha vocacional (disputas de poder, dificuldades para lidar com agressividade, entre outros).

Esta insatisfação com a Igreja pode estar associada à estrutura organizacional e gerencial das instituições. No estudo de Silva e Holanda (2008) esta condição foi confirmada e nas instituições pesquisadas neste trabalho pode também haver esta possibilidade, mesmo quando a Igreja Católica parece ser mais hierarquizada e a Quadrangular mais descentralizada e focada no quantitativo devido ao seu caráter pentecostal.

Dos estressores indicados pelos pastores e padres também estiveram os que envolviam o desgaste com problemas de terceiros, pelo atendimento prestado à comunidade e a autocobrança relacionada à necessidade de cuidar e encontrar soluções para os mesmos. Para Mc Allister e Veldt (1965) a vocação é um dos pesos do trabalho religioso, pois a profissão do

clero gera um envolvimento como não visto em nenhuma outra função. De acordo com Valle (2012), os fiéis não buscam apenas bênçãos, consolo e solução para problemas, mas procuram explicações que deem sentido ao que vivem, bem como direções para suas tensões psicológicas. As mudanças trazidas pela cultura moderna, como por exemplo, a diminuição da confissão católica tem feito com que problemas psicológicos cheguem também ao campo de ação dos conselheiros espirituais. Há uma fusão entre o religioso e psicológico, com conselheiros que se limitam ao espiritual e aqueles que agem como psicólogos.

Um aspecto exibido por alguns dos entrevistados (padres) se relacionou a esta questão de que, muitas das vezes, a procura por atendimento religioso ocorre para problema de cunho psicológico. Leite (2013) destacou a responsabilidade do padre de amenizar o sofrimento alheio por meio do aconselhamento e que a falta de auxílio médico faz com que muitas pessoas procurem os sacerdotes buscando ajuda, mas o padre está ali para absolver os pecados e em nome de Deus acolher aquele que busca conforto espiritual. Nos pastores pesquisados, as queixas se relacionaram ao sentimento de responsabilidade para com quaisquer necessidades dos fiéis, por se sentirem obrigados a ter algum tipo de solução. Sabe-se que o aconselhamento psicológico deve ser realizado por profissionais que possuem formação, o que muitos religiosos, senão a maioria, não possuem.

A Igreja Católica, além de contar com um corpo de líderes graduados, tem em sua cultura, mesmo que em menor grau, a prática da confissão para a qual são preparados, o que não existe como ritual na Igreja Evangélica estudada, apesar de seus líderes também prestarem atendimento. Pode-se supor que um dos aspectos que contribua para o *stress* advindo do atendimento a terceiros, seja a falta de preparação de líderes religiosos (ASSUMPCÃO, 2002; SILVA, 2006; KINMAN et al., 2011; BERRY et al., 2012).

O estudo de Kinman et al. (2011) comprovou que líderes que receberam formação relataram menos trabalho emocional, bem como níveis significativamente mais baixos de *stress* psicológico e níveis mais elevados de satisfação no trabalho, deixando evidente que a formação pode proteger o clero do impacto das demandas emocionais que deve enfrentar, ajudando-os a satisfazer as expectativas de seus membros por apoio emocional.

Com a aplicação da Escala CRE percebeu-se que as crenças e práticas religiosas evangélicas e católicas influíram diferentemente sobre o enfrentamento dos pastores e padres diante das circunstâncias de vida estressantes. O CREP “Afastamento através de Deus/religião” foi a única dimensão que apresentou diferença significativa entre os grupos, sendo mais utilizada pelos primeiros. Para Panzini (2004), seu uso tem como objetivo o afastamento do problema e a aproximação de Deus para buscar alívio temporário ao focar outras questões

espirituais. Algumas afirmações deste fator se referem ao estilo de renúncia/entrega, proposto por Wong Mc-Donald e Gorsuch (2000), no qual o indivíduo escolhe ativamente renunciar à própria vontade em favor da vontade de Deus. Assim, diante dos problemas enfrentados pelos pastores e que muitas vezes fogem à compreensão racional, a espiritualização foi vista como um recurso para manejo do *stress*, quando perceberam ter feito tudo quanto podiam em relação ao problema.

Apesar das demais dimensões de CREP não terem sido significativas, elas refletiram, de certo modo, particularidades dos grupos estudados. O fator de maior média entre os líderes católicos foi o de oferecer ajuda ao outro, por meio de orações, apoio, ações caridosas (PANZINI, 2004). Este fator reflete a essência do trabalho religioso e está relacionado à principal fonte de *stress* destacada (ministério).

No geral, as estratégias de CREP que alcançaram maiores médias foram compatíveis com as quatro principais estratégias utilizadas no estudo de Reis (2012) com pessoas evangélicas e católicas que tinham hepatite C. Estas foram “Posicionamento positivo frente a Deus”; “Transformação de si e/ou sua vida”; “Oferta de ajuda ao outro” e “Afastamento através de Deus/religião/espiritualidade”. Também para Mellagi (2009), em pesquisa com católicos e evangélicos portadores de HIV, uma das estratégias de CREP mais pontuadas pelos segundos e semelhante a deste estudo foi a de “Transformação de si e/ou sua vida”. Apesar de serem trabalhos desenvolvidos com públicos diferentes do pesquisado, o uso das mesmas poderia refletir uma característica da crença religiosa.

Sobre as estratégias de CREN significativamente mais pontuadas pelos pastores (“Posição negativa frente a Deus” e “Reavaliação negativa do significado”), a primeira compreende uma postura passiva perante Deus, podendo ser expressa pelo estilo de delegação ou súplica negativa e a segunda é entendida como ato e/ou consequência do Mal ou como punição referente ao próprio estilo de vida, erros, pecados, entre outros (PANZINI, 2004).

O estilo de delegação, de acordo com Pargament et al. (1988) parece ser parte de uma orientação religiosa caracterizada pela dependência de regras externas para atender necessidades específicas, ligado aos dogmas, além da crença de que Deus responderá às necessidades. Pargament et al. (1998b) descreveram a passividade religiosa como um alerta de enfrentamento ineficaz, por adiar e atribuir a responsabilidade a Deus ou à congregação. O uso significativo desta estratégia pelos pastores neste trabalho aponta uma incoerência devido a também terem apresentado a estratégia contrária “Posição positiva frente a Deus”, similar à pesquisa de Panzini (2004). Tal contradição pode evidenciar que, ao mesmo tempo em que agem como colaboradores de Deus e pregam uma atitude pessoal com relação ao problema,

assumem uma postura inferior e submissa e que pode ser compreendida pela visão de homem da Igreja Quadrangular descrita em seu Estatuto (2011), de que toda a humanidade é de pecadores e que não há bondade ou justiça neles, fora da graça de Deus, o que conseqüentemente reduz o sentimento de competência.

Este sentimento pode ser explicado por Pargament et al. (1988) que identificaram que indivíduos que possuem diferentes níveis de competência podem ser atraídos para diferentes estilos de resolução de problemas. No caso do uso do estilo de delegação, o indivíduo obteria garantias de curto prazo e alívio da ansiedade, impedindo a busca ativa e oportunidades de aprendizagem. Tal estilo pode ser útil em situações nas quais não há possibilidade de controle pessoal. Os pastores pesquisados expressaram falta de recursos suficientes para lidar com as dificuldades que possivelmente foram vistas como incontroláveis. Assim, a avaliação da situação e dos próprios recursos para enfrentá-la pode ter sido discrepante e contribuiu para tal comportamento.

Referente à estratégia “Reavaliação negativa do significado”, a Igreja do Evangelho Quadrangular, com sua doutrina pentecostal pode ter colaborado para o seu uso. Segundo Dalgarrondo (2008), torna-se obsessão da teologia protestante, não só a salvação, mas também a onipresente sombra do demônio observando a tentação, queda e fraqueza recorrente do pecador. Por esta cultura é provável que tais líderes, diante de situações que fujam ao controle, atribuam ao outro, neste caso o Mal, a causa para seus problemas, contribuindo por meio deste comportamento reativo ao que Pargament et al. (1998b) chamaram de “Caminho errado”, no qual as pessoas ao buscarem significados realizam avaliações errôneas das situações, mas que estão baseadas em suas crenças e práticas religiosas negligenciando explicações apropriadas. Uma das variáveis desta dimensão, denominada castigo de Deus, se refere ao uso da religião para punir-se por uma situação estressante. Alguns estudos (KOENIG et al., 1998a; PARGAMENT et al., 1998a; PARGAMENT et al., 2000) associaram estes fatores de CREN com pior saúde física e mental. Como no estudo de Mellagi (2009), o CREN “Posição negativa frente a Deus” também foi mais pontuado pelos evangélicos e no de Reis (2012), este fator também esteve como um dos mais significativos em todo o grupo.

De acordo com Pargament (1997), quando as crenças e práticas religiosas são parte significativa da vida das pessoas espera-se que estas recorram ao enfrentamento religioso em detrimento de outros recursos não-religiosos. Para Valle (2012), em situações severas de *stress* o recurso ao sagrado prevalece a outros recursos, inclusive aos de respostas científicas e, geralmente, as fronteiras entre um e outro campo são mais ultrapassadas pelos agentes religiosos. Pargament et al. (2001) supõem que o clero possua familiaridade com os recursos

religiosos para resolução de problemas, por considerá-los acessíveis e atraentes. Na amostra em questão, apesar dos pastores terem atingido maior média de CREP em relação aos padres, o que reflete tal familiaridade, estes últimos fizeram maior uso de CREP em relação ao CREN concordando com o encontrado em outros estudos (PARGAMENT et al., 1998a; PARGAMENT et al., 2000; PARGAMENT et al., 2001; PANZINI, 2004; REIS, 2012). Especificamente quanto ao estudo de Mellagi (2009), os dois grupos (católicos e evangélicos) fizeram maior uso de CREP em relação ao CREN, com destaque para o CREP dos evangélicos, que como neste trabalho, alcançou os maiores índices.

Segundo Pargament (1997; 1998a), quando Deus é visto como benevolente, o *coping* religioso é mais adaptativo e focado nos problemas. O clero, por dedicar tempo e energia considerável para educação religiosa, reflexão e crescimento espiritual pode ser capaz de aplicar de modo mais eficiente e eficaz suas estratégias (PARGAMENT et al., 2001).

Mesmo não tendo sido estatisticamente significativo, o uso das estratégias de CREP “Busca de crescimento espiritual” e “Busca de Conhecimento espiritual” pelos líderes católicos refletiu características como a dedicação à reflexão, educação religiosa e busca de crescimento espiritual, diferenciando-os. A eficácia deste enfrentamento positivo se repercutiu nos demais índices apresentados por eles e que, desta vez, foram significativos como o baixo CREN confirmado pela baixa Razão CREN/CREP e o alto CRE Total em comparação aos pastores. Para Pargament et al. (2001), os baixos níveis de enfrentamento religioso negativo podem indicar tanto a solidez do uso de enfrentamento religioso positivo, quanto a resistência de muitos para se ter um olhar crítico frente a questões que lhes são profundamente valorizadas e fundamentais para a sua identidade, como por exemplo, a fé.

Apesar dos altos valores de CREP alcançados pelos líderes evangélicos, estes não foram tão significativos quanto os valores de CREN confirmados pela Razão CREN/CREP. Uma das hipóteses para o alto índice dos mesmos poderia se referir à ação negativa da religião, o que foi escrito por Schumaker (1992) citado por Lotufo Neto (1997), que ao delimitar aspectos positivos e negativos desta, apontou, como parte dos últimos, a ansiedade e o medo advindo das crenças punitivas de inferno; o impedimento ao crescimento pessoal pela falta de controle gerado pela mesma; o estímulo a visão de mundo de “pecadores e “santos”; a interferência no pensamento racional e na criticidade, além de sentimentos de paranoia em relação às forças do mal. Dalgalarrondo (2008) cita que as religiões podem fazer emergir sentimento de culpa, medo e vergonha nas pessoas, o que afetaria a saúde mental e o bem-estar subjetivo. Logo, seria possível acreditar que, como os pastores fizeram uso de estratégias que envolviam crenças em atos ou consequências do Mal ou punição por erros, pecados, além

de estilos de pouco controle sobre a situação de *stress*, a religião pode ter interferido no modo como realizaram o enfrentamento religioso espiritual. Por ser capaz de gerar sentimento de culpa e vergonha esta visão colaboraria para omissão das fraquezas, pois demonstrá-las seria incompatível com o papel desempenhado.

Outra hipótese é o que Pargament et al. (2001) denominam de lutas espirituais, por considerar que aqueles que mais investem em sua religião podem sofrer mais, ao experimentar-las. O processo de enfrentamento quando envolve uma luta espiritual diz respeito à tentativa de integrar as experiências de vida em um quadro de referências religiosas, mas que, no entanto, não é adequado para a tarefa. Principais eventos de vida podem representar ameaças não só a valores psicológicos, mas também a valores religiosos. Em momento de adversidade, aqueles que encontram dificuldades espirituais podem vivenciar o processo de enfrentamento como devastador. Os líderes religiosos podem experimentar tais situações, mas pelo fato da identidade dos mesmos estar intimamente entrelaçada com suas orientações religiosas, a dúvida e o descontentamento se tornam incompatíveis com a formação que possuem e ameaçam aspectos fundamentais de sua identidade pessoal. Pode-se então sugerir, que os pastores tentem enquadrar situações de vida estressantes conforme suas referências religiosas ou que, até mesmo pela própria característica da doutrina, a situação seja interpretada apenas pelo viés religioso inviabilizando a tratativa do problema, que persistindo levaria não somente à dúvida religiosa ou à sensação de desamparo, mas contribuiria para o uso das estratégias de CREN que além de ineficazes afetariam o papel que desempenham.

Dos estudos que investigaram o CRE de católicos e evangélicos, o de Tix e Frazier (1998) atestou que o enfrentamento dos evangélicos foi mais eficaz para o ajuste psicológico e esteve também associado à maior satisfação com a vida ao longo do tempo do que os católicos. Outros estudos foram o de Bongiovanni et al. (2005) citados por Panzini e Bandeira (2007), em que a melhor proporção de CRE e Razão CREN/CREP esteve entre os católicos, como para a amostra em questão e o de Mellagi (2009), no qual a Razão CREN/CREP foi maior para os evangélicos, que também fizeram maior uso de CREN. O CRE Total foi maior para os católicos, em conformidade com os resultados dos sujeitos da amostra.

Foram encontradas correlações significativas e positivas entre os instrumentos CRE X EVENT para os resultados dos grupos e no geral. Pode-se afirmar pelas correlações apresentadas, que na amostra estudada a forma como o indivíduo se relaciona com Deus para resolver os problemas da vida teve relação com a Vulnerabilidade ao *stress* no trabalho. As correlações entre os fatores de enfrentamento positivo dos pastores e o fator de vulnerabilidade à pressão no trabalho da EVENT sugeriram que, tanto as estratégias de CREP

podem ter influído sobre a vulnerabilidade, quanto a vulnerabilidade pode ter levado ao uso de determinadas estratégias. Não se encontrou na literatura, porém, estudos que investigaram especificamente a relação entre CRE e Vulnerabilidade ao *stress* no trabalho, impossibilitando que os dados deste fossem comparados a outras pesquisas.

Ao considerar apenas os fatores que apresentaram magnitude moderada (“Busca do outro institucional” e “Afastamento através de Deus/religião”) é possível pressupor com relação ao primeiro que a vulnerabilidade quanto ao acúmulo de funções contribuiria para o uso de determinada estratégia, uma vez que a mesma diz respeito à aproximação do que é institucional para o enfrentamento. Por conseguinte, os pastores ao se perceberem exigidos no trabalho religioso buscariam apoio no outro (membros, representantes religiosos, locais ou manifestações religiosas). Outra possibilidade seria a de que ao fazer uso da estratégia para lidar com uma situação adversa não relacionada ao trabalho, os pastores se percebessem mais vulneráveis pela incompatibilidade naquele momento entre estratégia x demanda; tanto pelo fato do outro institucional (liderança) como fora exposto por Berry et al. (2012) ser aquele que contrata e demite, quanto pela influência do estilo de liderança que possuem, o que fora destacado por Goulart Júnior e Lipp (2011). Quanto ao segundo fator, a vulnerabilidade poderia ser aumentada pelo comportamento dos pastores de focar a religião e não tratar as dificuldades que geram pressão no trabalho e que poderiam ser responsáveis pela atitude dos mesmos em buscar alívio temporário afastando-se dos problemas e aproximando-se de Deus. A significância das correlações de CREP expressa por seis fatores dentre um total de oito fatores disponíveis confirmou-se pela associação moderada entre o total de CREP e o fator 2. Os padres não apresentaram correlações entre CREP e EVENT.

Como fora relatado por Pargament et al. (1988), os problemas de vida podem ser tratados de acordo com os diferentes estilos, que podem ter diversas eficácias conforme seu uso. Deste modo, o estilo autodiretivo, por exemplo, seria indicado para situações controláveis, enquanto os estilos de colaboração e delegação seriam para aquelas que fogem ao controle. No estudo de Tix e Frazier (1998) uma das explicações para as diferenças nos resultados entre evangélicos e católicos foi a de que as atitudes de enfrentamento religioso podem ter sido incompatíveis com o tipo de estressor, o que impediu o uso mais eficaz do CRE. Ao se considerar que o público-alvo da pesquisa, priorize a religião como forma de manejo, a inadequação entre problema e estratégia pode ter ocorrido, uma vez que, como indicam Hurrell Junior e Sauter (2011) não é possível que uma única estratégia seja favorável em todas as situações.

Assim, a associação entre CREP e vulnerabilidade indicou algumas possibilidades: 1) quanto maior a dificuldade, mais o indivíduo buscaria a dimensão espiritual para encontrar respostas; 2) a associação pode corresponder à mediação proposta por Beresford (1994), de que a vulnerabilidade depende da qualidade dos recursos, ou seja, os pastores sentirem-se mais ou menos predispostos à pressão no trabalho estaria relacionado à qualidade de seus recursos e 3) a incompatibilidade entre recursos e vulnerabilidade se dever ao fato de que as situações de *stress* destacadas na Escala CRE não são restritas ao trabalho, diferentemente da EVENT, o que contribuiria para ineficácia das estratégias religiosas diante das situações destacadas pela mesma.

Das correlações entre os fatores de CREN e EVENT, os padres apresentaram associação entre “Insatisfação com o outro institucional” e Clima e Funcionamento Organizacional com magnitude moderada. Tal associação pode ser compreensível ao se considerar que entre as principais situações de *stress* destacadas pelos líderes católicos estiveram os problemas de relacionamento e a percepção de falta de apoio. Como a vulnerabilidade neste fator engloba conflitos com supervisor, inadequação da chefia, falta de apoio de colegas, de valorização, autoritarismo, entre outros e o CREN reflete os sentimentos de insatisfação, desgosto com os representantes institucionais, membros e outros, pode-se inferir que, tanto o uso da estratégia influenciou o clima e seu funcionamento, sendo percebido como negativo, quanto aqueles que se sentiam vulneráveis em seus contextos de trabalho estiveram predispostos ao uso destes comportamentos. O total de CREN dos padres, no entanto, expresso pelo índice dimensional se correlacionou de modo fraco com o fator 1.

Para Cooper, Dewe e O’Driscoll (2001) citados por Ferreira e Assmar (2008) a hostilidade, os problemas de comunicação, conflitos, falta de confiança, que marcam as relações interpessoais no ambiente de trabalho podem se constituir em fonte potencial de *stress*. As pessoas têm necessidade de aceitação e apoio por parte de colegas, superiores e subordinados, sendo que a falta de suporte social no trabalho faz com que apresentem sintomas psicofisiológicos de *stress* gerando insatisfação. Segundo Pargament et al. (1998b) os conflitos religiosos interpessoais, bem como conflitos com o dogma da Igreja, se constituem um alerta de enfrentamento religioso ineficaz. Koenig (2001a) destacou que as religiões que possuem lideranças responsáveis e tem tradições sólidas são propensas a suscitar mais experiências positivas do que negativas. No entanto, detectou-se que os padres evidenciaram a necessidade de maior qualidade quanto ao clima de trabalho e às relações institucionais, embora com magnitude moderada.

Apesar dos líderes evangélicos apresentarem maior enfrentamento religioso espiritual negativo do que os católicos, quando foram correlacionados os índices de CREN x EVENT, os resultados não foram representativos para aquele grupo. Um possível argumento talvez se relacionasse ao constatado pela pesquisa de Pargament et al. (1998b) a respeito do enfrentamento religioso. Estes identificaram que algumas dimensões, mesmo que consideradas negativas, estiveram relacionadas a melhor saúde mental e uma das explicações foi a de que pode ser um equívoco se conceituar o sacrificar-se em favor da religião e adiar a responsabilidade pessoal para Deus como um problema insistindo na autonomia pessoal, pois empiricamente, estas variáveis pareceram relacionar-se com resultados positivos. A segunda explicação se referiu à diferença na interpretação das questões, pois os resultados indicaram que as crenças, valores, emoções estavam intactos diante da experiência de *stress* e que se deve ter um olhar mais próximo do significado religioso.

Assim, a falta de significância entre o CREN dos pastores e a vulnerabilidade pode reforçar a hipótese de que o uso de tais comportamentos estava ligado ao que suas práticas religiosas valorizam. As estratégias podem ter sido caracterizadas como negativas, mas não foram associadas negativamente à saúde dos pastores. Outra suposição é a de que o uso de fatores de CREN pudesse apenas estar relacionado ao observado por Koenig et al. (1998a) de que a doença grave mobilizaria um enfrentamento negativo, por meio de descontentamento espiritual. Neste caso, dependendo da situação de *stress*, ela pode ter contribuído para o uso de CREN.

No geral, a principal diferença nas correlações foi a de que os pastores utilizaram estratégias positivas associadas à vulnerabilidade ao *stress* no trabalho, enquanto os padres apresentaram estratégias negativas à vulnerabilidade. O emprego de CREP e CREN pode ser justificado por ser o enfrentamento um processo complexo, conforme relatam Folkman e Lazarus (1985) ao considerar que as pessoas experimentam emoções contraditórias em um mesmo evento, que pode ser caracterizado tanto como ameaçador, como desafiador.

Observaram-se algumas correlações entre os dados obtidos pelos instrumentos e as características sociodemográficas. Em relação aos líderes evangélicos a estratégia “Busca do outro institucional” correlacionou-se negativa e moderadamente com a escolaridade possibilitando afirmar que quanto menor era o grau de instrução dos pastores, mais faziam uso deste recurso. Como descrevem alguns autores (LIPP; TANGANELLI, 2002; LIPP et al., 2007; SARAFINO; SMITH, 2011), a avaliação realizada pelo sujeito de uma determinada situação pode ter mais impacto sobre o *stress* emocional, do que o *stress* gerado por fatores externos, sendo a percepção dos recursos, muitas vezes mais importante do que o

acontecimento em si. Compreendeu-se que o uso do CREP associado à escolarização talvez tenha refletido que os menos instruídos perceberam-se menos capazes de enfrentar situações adversas sozinhos, o que os levou a buscar respaldo em terceiros gerando maior dependência externa na resolução de problemas. Outro pressuposto seria o de que não só a escolaridade influísse sobre o enfrentamento, mas os estressores também, como exemplo, os problemas de terceiros, que associados a falta de preparação dos líderes em atendê-los contribuiriam para o comportamento de busca do outro, como solução. No estudo de Mellagi (2009) houve diferença significativa entre católicos e evangélicos quanto à escolarização, mas os índices de CRE não se relacionaram à escolaridade, enquanto que no estudo de Reis (2012) houve maior uso de CREP entre os que tinham Ensino Fundamental Completo.

Segundo Dalgalarondo (2008), o nascimento do pentecostalismo, do século XIX para o século XX é divulgado pelo líder evangélico William James Seymour (1870-1922) e marcado por uma religiosidade livre da institucionalização restrita às igrejas evangélicas históricas, bem como da teologia muito intelectualizada, mas fundado na experiência e apoiado na presença do Espírito Santo possuindo talvez, como um dos principais fatores de sucesso, a possibilidade de pessoas pobres e sem escolaridade obterem um poder especial. Assim, neste trabalho, a baixa escolaridade dos líderes da Igreja Quadrangular pode ser uma condição histórica da própria religião.

Por fim, quanto ao tempo de ordenação, a correlação para os padres foi positiva e de magnitude moderada, com a estratégia positiva “Oferta de ajuda ao outro”. Na pesquisa de Valle et al. (2004) os padres que haviam ultrapassado 20 anos de ministério estavam entre os que se mostravam mais realizados. No estudo de Wells et al. (2012) e Wells (2013) aqueles que tinham 20 ou mais anos de ministério expressaram menores índices de *stress* ocupacional e maiores de saúde emocional. Isto poderia despertar a reflexão de que o aumento do uso desta estratégia por aqueles que possuem mais tempo de trabalho religioso possa ter se dado, por ser a essência desta profissão (doação), na qual conforme se passam os anos, maior é a consciência do papel desempenhado.

Concluindo, o estudo demonstrou que os pastores e padres pesquisados apresentaram índice médio superior em vulnerabilidade à Pressão no Trabalho, mas este não foi estatisticamente significativo. A respeito das principais fontes de *stress*, destacou-se a família para os primeiros e o ministério para os segundos. Sobre as médias de CRE, apesar dos líderes evangélicos terem feito maior uso de *Coping* Religioso Espiritual Positivo em relação aos padres, apenas uma estratégia “Afastamento através de Deus/religião” apresentou diferenças significativas entre eles. Evidenciou-se que as crenças influíram sobre o Enfrentamento

Religioso Espiritual, com maior uso de *Coping* Religioso Negativo pelos pastores e CRE Total pelos padres. As correlações entre os instrumentos foram positivas e ao se destacar as de magnitude moderada, os líderes da Quadrangular apresentaram associações entre as estratégias de “Busca do outro institucional” e “Afastamento através de Deus/religião” com o fator de vulnerabilidade à Pressão no Trabalho e os líderes católicos entre a estratégia negativa “Insatisfação com o outro institucional” e o fator de vulnerabilidade em “Clima e Funcionamento Organizacional”. Quanto às variáveis sociodemográficas, os primeiros obtiveram correlação negativa e moderada entre “Busca do outro institucional” e escolaridade e os segundos, correlação positiva e moderada entre “Oferta de ajuda ao outro” e tempo de ordenação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As demandas ocupacionais do líder religioso, principalmente na atualidade, quando a pressão por resultados também tem invadido a Igreja, exigem que a preparação para a ocupação religiosa não seja apenas teológica, uma vez que a organização não pode eliminar a presença de estressores. E embora também existam as características pessoais que atuam como moderadoras na percepção do *stress*, a Igreja deve assegurar algum suporte capaz de minimizar o impacto do mesmo.

Pouco se encontra na literatura nacional sobre a vulnerabilidade ao *stress* de líderes religiosos cristãos (pastores e padres). O presente estudo teve como objetivo identificar a vulnerabilidade ao *stress* no trabalho, bem como o enfrentamento religioso espiritual em líderes religiosos cristãos. Também buscou relacionar os índices do *Coping* Religioso Espiritual com os fatores de vulnerabilidade ao *stress* no trabalho e destes com as variáveis sociodemográficas. Esta investigação foi feita em uma cidade do interior e seus arredores e, embora tenha abarcado quase toda a população dos líderes deve haver cuidado para se fazer generalizações.

Os achados desta pesquisa indicaram que apesar da amostra obter índice médio superior em pressão no trabalho e que este grupo de profissionais está suscetível às mesmas pressões de outras áreas, quando comparados os resultados, estes não são estatisticamente significativos. Isto pode ter acontecido devido à condição da profissão que faria com que os estressores fossem percebidos como intrínseco ao trabalho.

Com relação às fontes de *stress* constatou-se que tanto os pastores, quanto os padres possuíam as mesmas dificuldades, mas a diferenciação foi quanto à representatividade das mesmas para cada um dos grupos. A família foi a principal fonte de *stress* para os líderes evangélicos e o ministério, para os líderes católicos. Outras questões apontadas foram percepção de falta de apoio, problemas de terceiros, profissional para os pastores e problemas de relacionamento para os padres.

Os dados revelaram sobre o uso do enfrentamento, que ambos os grupos obtiveram altos índices de *Coping* Religioso Espiritual, confirmando a expectativa de que pastores e padres fossem mais propensos a utilizar os recursos religiosos para enfrentamento. Porém, os pastores fizeram mais uso de *Coping* Religioso Espiritual Negativo, indicando que as crenças influíram diferentemente sobre a maneira com que fizeram uso da fé e que indivíduos de diferentes denominações podem se adaptar de forma diferente às situações estressantes.

Apesar do expressivo uso de *Coping* Religioso Espiritual Negativo pelos pastores, foram as estratégias de *Coping* Religioso Espiritual Positivo que se mostraram positivamente correlacionadas ao fator de vulnerabilidade à pressão no trabalho, trazendo questionamentos a respeito desta relação. Em pesquisas futuras poderia se avaliar se: quanto maior a vulnerabilidade, mais o indivíduo recorreria à dimensão religiosa para encontrar soluções e também se o fato do enfrentamento religioso ser priorizado por aqueles cuja religião ocupa um papel central, inviabilizaria a tratativa do problema.

Quanto aos padres, não houve correlação entre *Coping* Religioso Espiritual Positivo e vulnerabilidade ao *stress* no trabalho. Entre insatisfação com a instituição e vulnerabilidade ao clima e funcionamento organizacional houve correlação moderada e revelou talvez a necessidade deste grupo de aprimorar suas relações interpessoais organizacionais.

As variáveis sociodemográficas significativas em relação ao uso de *Coping* Religioso Espiritual e a vulnerabilidade ao *stress* foram escolaridade e tempo de ordenação. Uma consideração quanto a este achado é que os pastores, com menor grau de instrução, evidenciaram maior uso da estratégia de busca do outro institucional. Esta busca externa para resolução de problemas poderia ser atenuada por meio de incentivos ao desenvolvimento acadêmico dos líderes Quadrangulares, o que possivelmente favoreceria a aquisição de recursos tornando-os mais assertivos e independentes diante das demandas.

O alto índice de adesão a pesquisa mostrou, em princípio, o comprometimento da classe religiosa com o desenvolvimento científico e ratificou a importância deste trabalho. Os resultados expostos, assim como as indagações, não esgotaram o assunto, mas despertaram novos interesses. É relevante que em novas pesquisas os construtos investigados, principalmente a dimensão que caracteriza de modo único este grupo – seus recursos religiosos/espirituais - seja considerada. Algumas sugestões podem ser úteis como investigar, em uma amostra maior, se de fato líderes católicos fazem maior uso de *Coping* Religioso Espiritual em relação aos evangélicos e se estes últimos possuem maior enfrentamento negativo em relação aos demais e suas implicações. Identificar também se líderes religiosos fazem uso de outras alternativas e quais seriam elas. Outra recomendação é que se faça investigações em locais mais populosos e comparados entre si.

Sabe-se que o *stress* ocupacional gera custos como absenteísmo, rotatividade, insatisfação, queda de desempenho. Porém ao se falar de religiosos estas consequências não se aplicam do mesmo modo, porque a mudança ou transferência de igreja não gera mudanças naquilo que é essencialmente a função do líder, nem modifica a cultura da organização, como é possível para outros trabalhadores. Desta forma, a intervenção e principalmente a prevenção

parece se tornar não a única, mas a principal alternativa capaz de contribuir, por meio da ciência psicológica, para que líderes evangélicos e católicos possuam ferramentas capazes de assegurar melhor enfrentamento e maiores possibilidades de sucesso, com reflexo em sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. **Personalidade**. São Paulo: USP, 1973.
- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R.; O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 3, n. 2, p 273-294, 1998.
- ASSUMPCÃO, E. P. M. **Stress, trabalho e estilo de vida do ministro religioso**. 2002. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Presbiteriano Mackenzie, São Paulo.
- BAPTISTA, M. N. Psicoterapias Cognitivo-Comportamental e Cognitiva: aspectos teóricos e terapêuticos no manejo de depressão e suicídio. In: _____. **Suicídio e depressão: atualizações**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, p.161-176, 2004.
- BEGLEY, T. M. Coping Strategies as Predictors of Employee Distress and Turnover after an Organizational Consolidation: A Longitudinal Analysis. **Journal of Occupational and Organizational Psychology**, v. 71, n. 4, p. 305-329, 1998.
- BERESFORD, B. A. Resources and strategies: how parents cope with the care of a disabled child. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v.35, p.171-209, 1994.
- BERRY, A. et al. Ministry and Stress: Listening to Anglican Clergy in Wales. **Pastoral Psychology**, v.61, n. 2, p. 165–178, 2012.
- BIANCHI, E. R. F. Conceito de Stress – evolução histórica. **Nursing (São Paulo)**, v.4, n.39, p. 16-19, 2001.
- BLAIN, D. Fostering the mental health of ministers. **Pastoral Psychology**, v. 9, n. 5, p. 19-28, 1958.
- BRUN, E.; MILCZAREK, M. **Expert forecast on emerging psychosocial risks related to occupational safety and health**. European Agency for Safety and Health at Work, 2007. Disponível em: <<http://osha.europa.eu/en/publications/factsheets/74>>. Acesso em: 18 mar. 2013.
- CALAIS, S. L. **Stress pós-traumático: intervenção clínica em vítimas secundárias**. 2002. 149f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2002.
- CALAIS, S. L.; CALAIS, M. L. Intervenções em grupo para controle do stress e treinamento assertivo em atendentes do S.A.C. de uma empresa. In: BRANDÃO, M. Z. S. et al. (Orgs.). **Sobre Comportamento e Cognição: estendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas**. Santo André: ESEtec, 2004. v.14, p. 111-115.
- CERQUEIRA, A. T. A. R. O conceito e metodologia do coping: existe consenso e necessidade? In: KERBAUY, R. R. et al. **Sobre comportamento e cognição: psicologia comportamental e cognitiva da reflexão teórica a diversidade da aplicação**. Santo André: ESEtec, 2001. v.5, p. 279-289.

CLARKE, S. G.; COOPER, C. L. The risk management of occupational stress. **Health, Risk & Society**, v. 2, n.2, p. 173-187, 2000.

CROUCHER, R. **Stress and burnout in ministry**. Disponível em:
<http://www.churchlink.com.au/churchlink/forum/r_croucher/stress_burnout.html>.
Acesso em 22 jan. 2013.

DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl. 1, p. 25-33.2007.

DALGALARRONDO, P. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288p.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia – Usando SPSS para Windows**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 608p.

DEUS, P. R. G. Um estudo da depressão em pastores protestantes. **Revista Ciências da Religião – História e Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 189-202, 2009.

FARIA, J. B.; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e Enfrentamento em contextos de saúde e doença: Revisão de Literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 381-389, 2005.

FERREIRA, M. C.; ASSMAR, E. M. L. Fontes ambientais de estresse ocupacional e burnout. Tendências tradicionais e recentes de investigação. In: TAMAYO, A. (Org.). **Estresse e Cultura Organizacional**. São Paulo: Casa do Psicólogo/All Books, 2008. p. 21-65.

FERREIRA, M. C. Teletendimento, cultura organizacional e estresse: meio século de desempenho vigiado e agravos à saúde. In: TAMAYO, A. (Org.), **Estresse e Cultura Organizacional**. São Paulo: Casa do Psicólogo: All Books, 2008. p. 127-157.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. If it changes it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 48, n. 1, p. 150-170, 1985.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. Na analysis of coping in a middle-aged community sample. **Journal of Health and Social Behavior**, v. 21, n. 3, p. 219-239, 1980.

FOLKMAN, S. et al. Dynamics of stressful encounter: cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 50, n. 5, p. 992-1003, 1986.

FOX, N. A.; HANE, A. A.; PINE, D.S. Plasticity for affective neurocircuitry: How the environment affects gene expression. **Current Directions in Psychological Science**, v. 16, n. 1, p.1-5, 2007.

GOULART JÚNIOR, E.; LIPP, M. E. N. Estilos de Liderança e Stress: Uma pesquisa em escolas estaduais de Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 2, p. 265-283, 2011.

HURRELL JUNIOR, J. J.; SANTER, S. L. Stress Ocupacional: causas, consequências,

prevenção e intervenção. In: ROSSI, A. M.; PERREWÉ, P. L.; MEURS, J. A. (Org.). **Stress e Qualidade de Vida no Trabalho: stress social – enfrentamento e prevenção**. São Paulo: Atlas, p. 213-230, 2011.

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR. **Estatuto e Regimento Interno da Igreja do Evangelho Quadrangular**. São Paulo: Secretaria de Comunicação Quadrangular, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <http://downloads.ibge.gov.br/downloads_estatisticas.htm>. Acesso em: 22 mar. 2013.

JOHNSON, S. et al. Vivência do stress relacionado ao trabalho em diferentes ocupações. In: ROSSI, A. M.; PERREWÉ, P. L.; MEURS, J. A. (Org.). **Stress e Qualidade de Vida no Trabalho: stress social – enfrentamento e prevenção**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 213-230.

JOHNSON, P. E. The emotional health of the clergy. **Journal of religion and health**, v. 9, n. 1, p. 50-59, 1970.

KARASEK, R. A. Job demands, job decision latitude and mental strain. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, p. 285-307, 1979.

KARASEK, R. A. et al. The job content questionnaire (JCQ): an instrument for internationally comparative assessments of psychosocial job characteristics. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 3, n. 4, p. 322-355, 1998.

KINMAN, G.; MCFALL, O.; RODRIGUEZ, J. The Cost of Caring? Emotional Labour, Wellbeing and the Clergy. **Pastoral Psychology**, v. 60, n. 5, p. 671–680, 2011.

KOENIG, H.G. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl. 1, p. 5-7, 2007.

KOENIG, H.G. Religion and Medicine II: religion, mental health and related behaviors. **International Journal of Psychiatry in Medicine**, v. 31, n. 1, p. 97-109, 2001a.

KOENIG, H.G. Religion and Medicine III: developing a theoretical model. **International Journal of Psychiatry in Medicine**, v. 31, n. 2, p. 199-216, 2001b.

KOENIG, H.G. Research on Religion, Spirituality, and Mental Health: A Review. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v. 54, n. 5, p. 283-291, 2009.

KOENIG, H. G.; MCCULLOUGH, M.; LARSON, D. B. B. **Handbook of religion and health: a century of research reviewed**. New York: Oxford University Press, 2001.

KOENIG, H. G.; PARGAMENT, K. I., NIELSEN, J. Religious Coping and Health Status in Medical Ill Hospitalized Older Adults. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 186, n. 9, p. 513-521, 1998.

KOENIG, H. G.; GEORGE, L. K.; PETERSON, B. L. Religiosity and remission of depression in medically ill older patients. **American Journal of Psychiatry**, v.155, n.4, p. 536-542, 1998.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1984.

LEITE, C. Angústia sob a batina: excesso de responsabilidades da vida religiosa torna padres vulneráveis a desenvolver cansaço físico e mental, relacionados à síndrome de burnout.

Jornal do Commercio, Recife, ano 3, n. 02, 24 mar. 2013.

LIPP, M. N.; NOVAES, L. E. **Conhecer e enfrentar o stress**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LIPP, M. E. N. Estresse emocional: a contribuição de estressores internos e externos. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 28, n.6, p. 347-349, 2001.

LIPP, M. E. N. **O stress está dentro de você**. São Paulo: Contexto, 2000.

LIPP, M. E. N. O modelo quadrifásico do *stress*. In: LIPP, M. E. N. (Ed.). **Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria e aplicações clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.p.17-22.

LIPP, M. E. N.; TANGANELLI, M. S. Stress e Qualidade de vida em magistrados da justiça no trabalho: diferenças entre homens e mulheres. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n.3, p.537-554, 2002.

LIPP, M. E. N. Stress no trabalho: implicações para a pessoa e para a empresa. In: NUNES SOBRINHO, F. P.; NASSARALLA, I. **Pedagogia Institucional: fatores humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Zit, 2005.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. O *stress* emocional e seu tratamento. In: RANGÉ, B. (Org.). **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 475-490.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N.; NOVAIS, L. E. **Stress ao longo da vida**. São Paulo: Ícone, 2007.

LOTUFO NETO, F. **Psiquiatria e religião** - a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos. 1997. 375p. Tese (Livre-Docência) – Departamento de Psiquiatria, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MASON, J. A historical view of the stress field. **Journal of Human Stress**, v. 1, n. 1, p. 22-36, 1975.

MC ALLISTER, R. J.; VANDER VELDT, A. J. Psychiatric Illness in Hospitalized Catholic Religious. **American Journal of Psychiatry**,v.121, p.881-884, 1965.

MELLAGI, A. G. **O enfrentamento religioso em pacientes portadores de HIV/AIDS: um estudo psicossocial entre homens católicos e evangélicos**. 2009. 84f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MIGUEL, F. K. **Estresse e inteligência emocional: evidências de validade**. 2006. 121f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Francisco, Itatiba.

MIGUEL, F. K.; NORONHA, A. P. P. Estudo dos Parâmetros Psicométricos da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho. **E Avaluar**, v. 7, p.1-18, 2007.

MORAIS, M. F. A. **Stress, burnout, coping em padres responsáveis pela formação de seminaristas católicos**. 2008. 182f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiousness and mental health: a review. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 3, p. 242-250, 2006.

MURTA, S. G., TRÓCCOLI, B. T. Avaliação de intervenção em estresse ocupacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.20, n.1, p. 39-47, 2004.

NIOSH – National Institute for Occupational Safety and Health. **Stress at Work**. (Publication nº 99-101). U.S. Department of health and human services. Washington: US Government Print-Office, 1999.

OSWALDO, Y. C. **Vulnerabilidade ao estresse no trabalho, coping, depressão e qualidade de vida**: evidências de validade. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade São Francisco, Itatiba.

PAIVA, G. J. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, n. 1, p. 99-104, 2007.

PANZINI, R. G. **Escala de Coping Religioso-Espiritual (Escala CRE)**: tradução, adaptação e validação da Escala RCOPE, abordando relações com saúde e qualidade de vida. 2004. 238p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Escala de enfrentamento religioso espiritual (Escala Cre): elaboração e validação de construto. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 507-516, 2005.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (enfrentamento) religioso espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl. 1, p. 126-135, 2007.

PARGAMENT, K. I. et al. Religion and the problem-solving process: Three styles of coping. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 27, n. 1, p. 90-104. 1988.

PARGAMENT, K. I. **The psychology of religion and coping**: Theory, research, practice. New York: Guilford Press, 1997.

PARGAMENT, K. I. et al. Patterns of Positive and Negative Religious Coping with Major Life Stressors. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 37, n.4, p. 710-724, 1998a.

PARGAMENT, K. I. et al. Red flags and religious coping: Identifying some religious warning signals among people in crisis. **Journal of Clinical Psychology**, v. 54, n. 1, p. 77-89, 1998b.

PARGAMENT, K. I.; KOENIG, H. G.; PEREZ, L. M. The many methods of religious enfrentamento: Development and initial validation of the RCOPE. **Journal of Clinical Psychology**, v. 56, n. 4, p. 519-543, 2000.

PARGAMENT, K. I. et al. Religious Coping Among the Religious: The Relationships Between Religious Coping and Well-Being in a National Sample of Presbyterian Clergy, Elders, and Members. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 40, n. 3, p. 497-513, 2001.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Validação da Escala de Estresse no Trabalho. **Estudos de Psicologia**, v.9, n.1, p.45-52, 2004.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Impacto dos valores laborais e da interferência família - trabalho no estresse ocupacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 2, p.173-180, 2005.

PAULO II, J. **Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* de Sua Santidade João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias actuais**. Vaticano: Editrice Vaticana, 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis_po.html>. Acesso em: 18 jan. 2013.

PEREIRA, J. C. **Censo Anual da Igreja Católica no Brasil: Análise sociológica da evolução numérica da presença da Igreja no Brasil 2010**. São Paulo: CERIS, 2010. Disponível em: <http://www.ceris.org.br/pdfs/analise_censo_igreja_2011.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2013.

PEREIRA, W. C. C. **Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PERES, M. F. P.; ARANTES, A. C. L. Q.; LESSA, P. S. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supp.1, p. 82-87, 2007.

PINHEIRO, C. R. **Stress Ocupacional e Qualidade de Vida em Clérigos(as)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

PINTO, E. B. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, ano 9, n. 4, p. 68-83, 2009.

PINTO, E. B. **Os padres em psicoterapia: esclarecendo singularidades**. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

POCINHO, M.; CAPELO, M. R. Vulnerabilidade ao stress, estratégias de coping e autoeficácia em professores portugueses. **Educação e Pesquisa**, v.35, n.2, p. 351-367, 2009.

REIS, M. R. **Coping (enfrentamento) religioso-espiritual em pacientes com hepatite C durante a terapêutica medicamentosa**. 2012. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. 9. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

- SANZOVO, C. E.; COELHO, M. E. C. Estressores e estratégias de coping em uma amostra de psicólogos clínicos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v.24, n. 2, p. 227-238, 2007.
- SARAFINO, E. P.; SWITH, T. W. **Health Psychology: Biopsychosocial interactions**. 7. ed. New York: Wiley, 2011.
- SAVOIA, M. G. Escalas de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (coping). **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 26, n.2, p. 57-67, 1999.
- SELYE, H. **Stress: a tensão da vida**. São Paulo: Ibrasa, 1959.
- SERRA, A. V. vulnerabilidade ao stress. **Psiquiatria Clínica**, v. 21, n. 4, p. 261-278, 2000.
- SERRA, A. V. As múltiplas facetas do stress. In: PINTO, A.; SILVA, A. (Coords.) **Stress e bem-estar**. Lisboa: Climepsi, p.17-42, 2005.
- SERRA, A. V. **O Stress na vida de todos os dias**. 3.ed. Coimbra: Dinalivro, 2011.
- SILVA, J. F. **O burnout pastoral na perspectiva da teologia prática: definições, causas e prevenção**. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Teologia Pastoral) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, São Paulo.
- SILVA, R. R.; HOLANDA, A. F. A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 3, p. 375-383, 2008.
- SISTO, F. F. et al. **Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (Manual)**. São Paulo: Vetor, 2007.
- SWANSON, A. Remembering a fellow ‘wild cowboy’: a conversation with Jeff Levin. **Science & Theology News**, 01 mar. 2003. Disponível em: <<http://www.stnews.org/News-1349.htm>>. Acesso em 22 abr. 2013.
- THEÖRELL, T.; KARASEK, R. A. Current Issues Relating to Psychosocial Job Strain and Cardiovascular Disease Research. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 1, n. 1, p. 9-26, 1996.
- TIX, A. P.; FRAZIER, P. A. The use of religious coping during stressful life events: Main effects, moderation, and mediation. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 66, n. 2, p. 411-422, 1998.
- VALLE, E. (Org.); BENEDETTI, L. R.; ANTONIAZZI, A. **Padre, você é feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- VALLE, J. E. R. Aconselhamento psicológico e aconselhamento espiritual: contextualização geral e um estudo de caso. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). **Temas em psicologia da religião**. 1ª Ed. São Paulo: Vetor, 2007, p. 137-166.

VIEIRA, V. Stress no Claustro: Pesquisa revela que padres e freiras estão no topo do Ranking da tensão profissional. **Revista Veja**, n. 2063, 4 jun, 2008. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/040608/p_160.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2013.

WARGO, E. Understanding the have-knots. **Observer**, v. 20, n.11, 2007.

WELLS, C. R. et al. The Relationship Between Work-Related Stress and Boundary-Related Stress Within the Clerical Profession. **Journal of Religion and Health**, v. 51, n. 1, p. 215–230, 2012.

WELLS, C. R. The effects of work-related and boundary-related stress on the emotional and physical health status of ordained clergy. **Pastoral Psychol**, v.62, p. 101-114, 2013.

WONG-MCDONALD, A.; GORSUCH, R.L. Surrender to God: an additional coping style? **Journal of Psychology & Theology**, v.28, n.2, p.149-161, 2000.

ZAKABI, R. Ninguém está a salvo desse mal moderno. Mas é possível aprender a conviver com ele. **Revista Veja**, v. 37, n. 6, p.66-75, 11 fev, 2004. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/110204/p_066.html>. Acesso em: 21 jan. 2013.

ZAPF, D. et al. Emotion work as a source of stress: the concept and development of an instrument. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v. 8, n. 3, p. 371-400, 1999.

APÊNDICE**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

Padre Pastor

Função: _____

Idade: **Data Nasc.:** ____/____/____

Tempo de Ordenação:

Estado Civil: Solteiro Casado Separado/Divorciado Viúvo

Escolaridade:

Ensino Fundamental (1ª a 4ª série)

Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)

Ensino médio Completo (colegial)

Ensino Superior

Realização de outra atividade remunerada: Sim Não

Quantas horas: _____

ANEXOS
ANEXO A – CARTA DE APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA

"FACULDADE DE CIÊNCIAS
CAMPUS DE BAURU/ UNESP -
"JÚLIO DE MESQUITA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VULNERABILIDADE AO STRESS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE LÍDERES RELIGIOSOS

Pesquisador: Sandra Leal Calais

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 11636512.5.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 237.737

Data da Relatoria: 04/04/2013

Apresentação do Projeto:

Dado que o stress é um fenômeno presente na vida cotidiana e pessoas desenvolvem estratégias diferentes de seu enfrentamento, este projeto visa verificar quais as estratégias adotadas por líderes religiosos. O projeto está claro, concatenado e bem escrito. Tem relevância científica no rastreamento de estratégias de enfrentamento de condições adversas e relevância social, se as diferentes estratégias efetivas puderem ser descritas e ensinadas. Os aspectos metodológicos estão suficientemente descritos e as referências bibliográficas são atuais e pertinentes.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa tem como objetivo identificar a vulnerabilidade ao stress no trabalho e as estratégias de enfrentamento religioso/espiritual utilizadas por padres e pastores, relacionadas entre si e às variáveis sociodemográficas; A participação de padres e pastores será mediante convite e será facultativa; pretende-se contar com 40 participantes em cada grupo. Responderão à Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho e EVENT e Escala de Coping Religioso Espiritual. Os dados serão correlacionados com as características dos grupos e com dados sócio-demográficos levantados a partir de entrevista. O método proposto bem como a análise de dados são pertinente aos objetivos propostos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os possíveis riscos identificados são de caráter psicológico, pois as perguntas podem provocar

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CEP: 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (143)103-8087 **Fax:** (143)103-6087 **E-mail:** arimaia@fc.unesp.br

"FACULDADE DE CIÊNCIAS
CAMPUS DE BAURU/ UNESP -
"JÚLIO DE MESQUITA



desconforto. Como a participação será livre, esclarecida mediante TCLE, o participante poderá desistir a qualquer momento, sem que isso acarrete em prejuízos para ele. Por outro lado, o conhecimento obtido pode contribuir para o campo de estudos de prevenção psicológica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Está bem escrita, sua proposição é pertinente a área de conhecimento, agregará conhecimento científico e tem relevância social. O cronograma será de janeiro de 2013 a janeiro de 2014; é exequível. O projeto contará com recursos próprios para a sua execução.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos para análise: Folha de rosto para pesquisa com seres humanos (CONEP); Projeto de Pesquisa; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer de considerações éticas favorável à aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado aprovado por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado.

BAURU, 04 de Abril de 2013

Assinador por:
Ari Fernando Maia
(Coordenador)

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CEP: 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (143)103-6087 **Fax:** (143)103-6087 **E-mail:** arimaia@fc.unesp.br



ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - campus Bauru

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____ portador do RG _____, morador(a) à Rua _____ nº. _____ bairro _____ CEP _____ Cidade _____ - _____, concordo em participar da pesquisa “Vulnerabilidade ao stress e estratégias de enfrentamento de líderes religiosos” realizada por Fernanda Siqueira Baptista, psicóloga (CRP 06/105226) e discente do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem nível mestrado da Unesp - Bauru sob orientação da Prof. Dra. Sandra Leal Calais.

A pesquisa tem como objetivo identificar a vulnerabilidade ao *stress* no trabalho e as estratégias de enfrentamento religioso/espiritual utilizadas por padres e pastores, relacionadas entre si e às variáveis sociodemográficas.

Serão aplicados dois instrumentos, um deles tem por objetivo avaliar a influência das situações de trabalho no comportamento do trabalhador e o outro se constitui em uma escala, que avalia estratégias religiosas de enfrentamento. A aplicação se fará de uma só vez, levando cerca de uma hora.

Ressalta-se que a participação no estudo é voluntária e a não aceitação em participar do mesmo, sem expor as razões, assim como a desistência em participar a qualquer momento, não acarretará qualquer prejuízo.

Sua identidade como participante será mantida em sigilo e as informações obtidas serão divulgadas apenas em literatura especializada.

Estou ciente e de acordo com os termos para a realização deste estudo, e autorizo, por meio deste, a inclusão dos dados na pesquisa.

Bauru, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante

Pesquisador: Fernanda Siqueira Baptista

Endereço: Rua São Lourenço, 12-74, e-mail: nanda_baptista2006@yahoo.com.br;

fone: (14) 99151-1501